

# A fotografia como meio de expressão e de intervenção, pelo olhar de crianças

Relatório de projeto

Lúcia Manuela de Jesus Mendes Lopes

Trabalho realizado com a orientação de

Maria José Gamboa, ESECS/IPL

e coorientação

Maria Pereira Kowalski, ESECS/IPL

Leiria, setembro de 2019

Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar à minha filha pela sua paciência, pois embora sentindo a minha falta, foi compreendendo as minhas ausências.

Ao meu marido, por todo carinho, apoio e compreensão e pela sua visão objetiva perante as situações mais difíceis encontrando as palavras certas para não me deixar desistir. Um especial obrigado por ter cuidado tão bem da nossa filha, quando não conseguia estar presente.

À Rosalina e ao Zé, à minha amiga Ana e família, pela sua disponibilidade, generosidade e carinho para cuidar da minha filha, nos muitos momentos de ausência ao longo de todo o projeto.

Às minhas amigas Célia, Joana e Andreia por todo o carinho, apoio e amizade e incentivo para não desistir. Aos meus pais, familiares e amigos pelo apoio e palavras de encorajamento.

Aos dirigentes do Agrupamento Escutista 762 Maceira, pela sua receptividade e pelo espaço disponibilizado para a realização deste projeto, aos pais e, em especial, aos participantes pelo seu envolvimento, empatia e compromisso na participação deste projeto.

Às professoras Maria José Gamboa e Maria Kowalski que me acompanharam e me orientaram no desenvolvimento desta investigação. Não posso deixar de agradecer às professoras Maria de São Pedro e Lúcia Magueta pelas palavras de incentivo, apoio e por toda a disponibilidade.

Às minhas colegas de mestrado pela cumplicidade, espero que o futuro lhes sorria.

## RESUMO

Se observarmos à nossa volta, as imagens fotográficas, hoje em dia, são divulgadas nos mais diversos suportes e meios de comunicação e impostas a todos, em diversos espaços públicos ou privados. Na nossa sociedade atual, a fotografia é uma forma massiva e global de comunicação, influenciando a nossa forma de ser, de olhar e compreender o mundo. Consideramos, por isso, importante ensinar a ler e a escrever com as imagens que estão à nossa volta, ou que são captadas por nós.

No âmbito do estudo que se apresenta é criado um Clube de Fotografia, no qual os participantes são convidados a captar visualmente, através da fotografia, os seus interesses, as preocupações e as percepções do seu mundo. Este estudo visa perceber qual o potencial da fotografia participativa como meio de expressão individual e de intervenção, pelo olhar de crianças, para desenvolver a observação crítica e a capacidade de participação e intervenção na sua comunidade.

As atividades propostas do projeto de intervenção foram desenvolvidas em contexto fora da educação formal e procuraram criar dinâmicas de participação, a vivência de experiências educativas e a construção de aprendizagens significativas, em torno da fotografia e da comunicação.

O projeto permite verificar que um grupo de crianças, através dos seus olhares fotográficos, amplia o sentido de observação crítica e pensamento reflexivo, e ativamente constrói conhecimento que os leva à participação e intervenção em diferentes contextos. Com a exposição de fotografias da sua autoria, os participantes conseguem intervir e comunicar visualmente. A análise de dados permite constatar que a fotografia participativa constitui um meio de expressão individual com potencial para a intervenção na comunidade.

### **Palavras-chave**

Comunicação, Crianças, Experiências Significativas, Fotografia Participativa, Intervenção, Observação crítica

## ABSTRACT

If we look around us, photographic images, today are disseminated in various media, in various supports and means, and imposed on all, in various public or private spaces. In our current society, photography is a massive and global form of communication, influencing the way we are, look and understand the world. We therefore consider it is important to teach how to read and write with the images that are around us, or that are captured by us.

Within the scope of the presented study, a Photography Club is created where participants are invited to visually capture, through photography, their interests, the worries and perceptions of their world. This study aims to understand the potential of participatory photography as a means of individual expression and intervention in the local community through the eyes of a group of children, to develop critical observation and the capacity for participation and intervention in their community.

The proposed activities of the intervention project were developed in a context outside of formal education and sought to create dynamics of participation, the educational experiences and the construction of meaningful learning, around photography and communication.

The project allows to verify that a group children, through their photographic looks, broadens the sense of critical observation and reflective thinking, and actively builds knowledge that leads them to participation and intervention in different contexts. By exposing photos of their own, participants can intervene and communicate visually. Data analysis shows that participatory photography is a means of individual expression with potential for community intervention

### **Keywords**

Communication, Meaningful Experiences, Participatory Photography, Intervention, Critical Observation

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	1
Resumo .....	2
Abstract.....	3
Índice Geral .....	4
Índice de Figuras .....	8
Índice de Quadros .....	8
Introdução .....	11
Capítulo I: Enquadramento teórico.....	14
1. Fotografia .....	14
1.1.Fotografia participativa como instrumento de intervenção .....	17
1.2.Fotografia como meio de expressão .....	19
2. Literacia visual .....	21
3. A comunicação .....	22
3.1.Funções da linguagem .....	24
4. A fotografia como linguagem.....	25
4.1.Funções da imagem fotográfica .....	28
5. O que é uma «experiência educativa»? .....	30
6. O que é uma «aprendizagem significativa»? .....	31
Capítulo II: Metodologia .....	32
1.Opções metodológicas .....	32
1.1. Investigação-ação .....	32
1.2. Problemática, questão de investigação e objetivos.....	33
1.3 . Caracterização do contexto e dos participantes.....	35
2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados .....	38
2.1. Inquérito por questionário .....	38
2.2. Observação participante .....	38
2.3. Diário de bordo.....	39
2.4. Registo Fotográfico .....	40
2.5. Produções dos participantes (fotografias e legendas).....	41
2.6. Análise de conteúdo.....	42
3. Desenvolvimento e Procedimentos da intervenção e da Investigação realizadas .....	43

3.1. Procedimentos prévios.....	43
3.1.1 Aspetos éticos: autorizações e consentimento informado .....	44
3.2. Desenvolvimento do projeto de intervenção .....	45
Sessão #1 - Olha à tua volta .....	47
Sessão #2 - O olhar fotográfico .....	49
Sessão #3 - A fotografia como expressão e intervenção .....	51
Sessão #4 - A fotografia e a palavra .....	52
Sessão #5 - A fotografia e a palavra .....	54
Sessão #6 - A fotografia como expressão.....	55
Sessão #7 - A fotografia como intervenção.....	56
Capítulo III: Apresentação e Análise dos dados.....	58
1. Observação Crítica .....	58
1.1.Ligação fotografia e a palavra .....	61
2. Experiências significativas .....	65
2.1. Construção de significados .....	70
3. Fotografia como expressão .....	72
4. Intervenção .....	76
5. Comunicação .....	80
5.1. Comunicação verbal .....	81
5.2. Comunicação Não verbal.....	84
Conclusões.....	85
Referências Bibliográficas.....	91
Anexos .....	1
Anexo 1 - Diário de Bordo da Investigadora. Era uma vez um Clube de Fotografia.....	1
DB #1- Diário de Bordo - Sessão #1 - 23/02/2019.....	2
DB #2- Diário de Bordo - Sessão #2 - 02/03/2019.....	5
DB #3- Diário de Bordo - Sessão #3 - 16/03/2019.....	8
DB #4- Diário de Bordo - Sessão #4 - 06/04/2019.....	14
DB #5- Diário de Bordo - Sessão #5 - 04/05/2019.....	20
DB #6- Diário de Bordo - Sessão #6 - 11/05/2019.....	22
DB #7- Diário de Bordo - Sessão #7 - 18/05/2019.....	23
Anexo 2 - Pedido de Autorização ao Dirigente do Agrupamento Escutista .....	26

Anexo 3 - Planificação Geral do Projeto de Intervenção - Clube de Fotografia.....	27
Anexo 4 - Convite para a inscrição no clube de Fotografia .....	28
Anexo 5 - Declaração de Consentimento Informado .....	29
Anexo 6 - Autorização do uso de fotografias para a exposição .....	30
Anexo 7 - Atividades e tipos de produções realizadas no Clube de Fotografia .....	31
Anexo 8 - Questionário inicial.....	32
Anexo 9 - Respostas ao inquérito inicial .....	32
Anexo 10 - Desafio 1- Olha à tua volta .....	33
Anexo 11 - Desafio 2 - O olhar fotográfico.....	33
Anexo 12 - Desafio 2.1 (continuação do desafio 2) .....	34
Anexo 13 -Desafio 3 - Observar e fotografar o “Trilho da Amazônia” .....	34
Anexo 14 - Desafio 3.1- (Continuação do desafio 3) .....	35
Anexo 15 - Desafio 3.2 (Continuação do desafio 3) .....	35
Anexo 16 - Desafio 4 - Observa e Fotografa a tua comunidade.....	36
Anexo 17 - Questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” .....	36
Anexo 18 - Fotografias para a leitura recreativa de imagens na sessão #1 .....	37
Anexo 19 - Transcrição das intervenções dos participantes na leitura recreativa de imagem de <i>Elliot, New York, 2000</i> - sessão #1 .....	37
Anexo 20 - Fotografias captadas no desafio 1- Sessão #1 .....	38
Anexo 21 - Fotografias captadas em casa depois da Sessão #1- Desafio 3 objetos .....	39
Anexo 22 - Transcrição de partes da gravação áudio durante a observação de fotografias - Sessão #2 .....	40
Anexo 23 - Fotografias captadas ao mesmo objeto - sessão # 2 .....	41
Anexo 24 - Fotografias captadas no Desafio 2- sessão #2 .....	41
Anexo 25 - Participantes durante o Desafio 2 .....	44
Anexo 26 - Respostas obtidas no Desafio 2.1 - Sessão #2 .....	44
Anexo 27 - Análise da captação de fotografias no Desafio 2.....	45
Anexo 28 - Fotografias captadas no Desafio 3- sessão #3 .....	45
Anexo 29 - Análise de fotografias captadas no desafio 3.....	49
Anexo 30 - Fotografias selecionadas no Desafio 3 .....	50
Anexo 31 - Respostas obtidas no Desafio 3.2 - Sessão #3 .....	53
Anexo 32 - Fotografias captadas no Desafio 4 - Observa e fotografa a tua comunidade .	54
Anexo 33 - Análise das Fotografias captadas no Desafio 4 .....	55

Anexo 34 - Carta dos participantes ao Presidente da Junta de Freguesia da Maceira.....	56
Anexo 35 - Resposta do presidente da junta de freguesia da maceira.....	57
Anexo 36 - Fotografias captadas no Desafio 5 e registos de produção textural.....	58
Anexo 37 - Fotografias e respetivas legendas para a exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” .....	61
Anexo 38 - Análise das Fotografias captadas no Desafio 5 .....	64
Anexo 39 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? - Sessão #1 .....	64
Anexo 40 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? – Sessão #7.....	64
Anexo 41 - Fotografias da exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” .....	65
Anexo 42 - Comentários escritos no livro de honra .....	66
Anexo 43 - Divulgação da exposição final no Facebook .....	67
Anexo 44 - Listas de palavras para falar de fotografia.....	68
Anexo 45 - Frequência de palavras para falar de Fotografia.....	68
Anexo 46 - Respostas à questão “ <i>Hoje aprendi que...</i> ” no questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” .....	69
Anexo 47 - Respostas à questão “ <i>Gostei mais de...</i> ” no questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” .....	70
Anexo 48 - Respostas à questão “ <i>Como te sentiste na sessão de hoje?</i> ” no questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” .....	71
Anexo 49 - Respostas ao questionário final .....	72
Anexo 50 - Planificações das 7 sessões do projeto .....	73

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1 - Crachás e Diários de Bordo dos participantes .....	46
Figura nº 2 - Produção textual sobre as fotografias captadas no trilho .....	53
Figura nº 3 - Produção textual sobre as fotografias captadas no trilho .....	53
Figura nº 4 - Painel do Clube de Fotografia .....	53
Figura nº 5 - Fotografia 1 captada pelo participante B, sessão #2.....	62
Figura nº 6 - Fotografia 2 captada pelo participante B, sessão #2.....	62
Figura nº 7 - Fotografia da ação de divulgação do Clube de Fotografia .....	1
Figura nº 8 - Câmera escura e visor pinhole construídos para o dia 25.01.19.....	1
Figura nº 9 - Os participantes no Desafio 1- Olha à tua volta .....	5
Figura nº 10 e nº 11- Construção das molduras vazadas e a interação entre participantes .6	
Figura nº 12 - Participantes no Desafio 3 .....	12
Figura nº 13 e nº 14 - Produção textual e leitura sobre as fotografias selecionadas.....	21
Figura nº 15 e nº 16 - Criação de título para a exposição final de fotografias .....	22
Figura nº 17 - Montagem da exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”.....	25
Figura nº 18 - Desafio 1- Olha à tua volta .....	33
Figura nº 19 - Desafio 2 – O olhar fotográfico.....	33
Figura nº 20 - Desafio 2.1 (continuação do Desafio 2) .....	34
Figura nº 21 - Desafio 3 - Observar e fotografar o “Trilho da Amazónia” .....	35
Figura nº 22 - Desafio 3.1 (continuação do Desafio 3) .....	35
Figura nº 23 - Desafio 3.2 (continuação do Desafio 3) .....	36
Figura nº 24 - Desafio 4 - Observa e Fotografa a tua Comunidade.....	36
Figura nº 25 - Questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” .....	36
Figura nº 26 - Fotografias usadas para a leitura recreativa de imagens na sessão #1 .....	37
Figura nº 27 - Fotografias captadas pelo participante B, Sessão #1 .....	38
Figura nº 28 - Fotografias captadas pelo participante C, Sessão #1 .....	38
Figura nº 29 - Fotografias captadas pelo participante D, Sessão #1 .....	38
Figura nº 30 - Fotografias captadas pelo participante F, Sessão #1 .....	39
Figura nº 31 - Fotografias captadas em casa pelo participante B .....	39
Figura nº 32 - Fotografias captadas em casa pelo participante C .....	39
Figura nº 33 - Fotografias captadas em casa pelo participante D.....	39
Figura nº 34 - Fotografias captadas em casa pelo participante F .....	39
Figura nº 35 - Fotografias captadas ao mesmo objeto, Sessão #2.....	41
Figura nº 36 - Fotografias captadas pelo participante C no Desafio 2 .....	41
Figura nº 37 - Fotografias captadas pelo participante B no Desafio 2 .....	42
Figura nº 38 - Fotografias captadas pelo participante E no Desafio 2.....	42
Figura nº 39 - Fotografias captadas pelo participante F no Desafio 2.....	43

Figura nº 40 - Fotografias captadas pelo participante D no Desafio 2 .....	43
Figura nº 41 - Participantes durante o Desafio 2 .....	44
Figura nº 42 - Fotografias captadas - participante A - “Gosto e que acho interessantes” .	45
Figura nº 43 - Fotografias captadas - participante A - “Não gosto e que me preocupam” .	45
Figura nº 44 - Fotografias captadas - participante B - “Gosto e que acho interessantes” .	45
Figura nº 45 - Fotografias captadas - participante B - “Não gosto e que me preocupam” .	46
Figura nº 46 - Fotografias captadas- participante C - “Gosto e que acho interessantes” ..	46
Figura nº 47 - Fotografias captadas - participante C - “Não gosto e que me preocupam...	46
Figura nº 48 - Fotografias captadas - participante D - “Gosto e que acho interessantes” ..	47
Figura nº 49 - Fotografias captadas - participante D - “Não gosto e que me preocupam” .	47
Figura nº 50 - Fotografias captadas - participante E - “Gosto e que acho interessantes” .	48
Figura nº 51 - Fotografias captadas - participante E - “Não gosto e que me preocupam” .	48
Figura nº 52 - Fotografias captadas - participante F - “Gosto e que acho interessantes” ..	49
Figura nº 53 - Fotografias captadas- participante F - “Não gosto e que me preocupam” .	49
Figura nº 54 - Visita da comunidade à exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” .	65
Figura nº 55 - Fotografia do livro de honra da exposição .....	67
Figura nº 56 - Divulgação da Exposição final no Facebook .....	67

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1 - Leituras recreativas da imagem da Figura nº 5.....	62
Quadro nº 2 - Leituras recreativas da imagem da Figura nº 6.....	62
Quadro nº 3 - Palavras para falar de «fotografia» na capa dos diários de bordo.....	72
Quadro nº 4 - Planificação Geral do Projeto de Intervenção - Clube de Fotografia .....	27
Quadro nº 5- Atividades e tipos de produções realizadas no Clube de Fotografia .....	31
Quadro nº 6 - Respostas à pergunta -O que vês nesta fotografia?.....	37
Quadro nº 7 - Respostas à pergunta - Gostas desta fotografia?.....	37
Quadro nº 8 - Respostas à pergunta - O que te faz sentir esta fotografia? .....	38
Quadro nº 9 - Respostas obtidas no Desafio 2.1 – Sessão #2.....	44
Quadro nº 10 - Análise da captação de fotografias no Desafio 2 .....	45
Quadro nº 11 - Análise das fotografias aos elementos “Gosto e acho interessantes” .....	49
Quadro nº 12 - Análise das fotografias aos elementos “Não gosto e me preocupam” .....	49
Quadro nº 13 - Fotografias captadas no Desafio 3 e registos de produção textural .....	52
Quadro nº 14 - Respostas obtidas no Desafio 3.2 – Sessão #3.....	53
Quadro nº 15 - Análise das fotografias captadas pelos participantes no Desafio 4.....	55
Quadro nº 16 - Fotografias captadas no Desafio 5 e registos de produção textural .....	60
Quadro nº 17 - Fotografias e respetivas legendas para a exposição final.....	63
Quadro nº 18 - Análise das fotografias captadas no centro da vila, Desafio 5.....	64
Quadro nº 19 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? - Sessão #1 .....	64
Quadro nº 20 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? – Sessão #7 .....	64
Quadro nº 21 - Listas de palavras para falar de fotografia .....	68
Quadro nº 22 - Frequência de palavras para falar de fotografia .....	68
Quadro nº 23 - Respostas à questão “ <i>Hoje aprendi que...</i> ”, questionário final da sessão	69
Quadro nº 24 - Respostas à questão “ <i>Gostei mais de...</i> ”, questionário final da sessão ....	70
Quadro nº 25 - Respostas à questão “ <i>Como te sentiste na sessão de hoje?</i> ” .....	71
Quadro nº 26 – Respostas ao questionário final, Sessão #7 .....	72
Quadro nº 27 – Planificação da Sessão #1.....	73
Quadro nº 28 – Planificação da Sessão #2.....	74
Quadro nº 29 – Planificação da Sessão #3.....	75
Quadro nº 30 – Planificação da Sessão #4.....	76
Quadro nº 31 – Planificação da Sessão #5.....	77
Quadro nº 32 – Planificação da Sessão #6.....	78
Quadro nº 33 – Planificação da Sessão #7.....	79

“... as fotografias modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar.” (Sontag, 1986, p.13)

## INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta um projeto de intervenção e uma investigação realizados no âmbito da unidade curricular de Projeto, pertencente ao curso de Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas.

A imagem fotográfica está presente no nosso dia a dia (Sontag, 1986; Barthes, 1998) e influencia a forma de entendermos a realidade e de percebermos o que está à nossa volta (Rodrigues 2011, Heiferman, 2012). Tendo em conta o mediatismo, o poder e a influência que as fotografias têm na construção do conhecimento é relevante desenvolver a literacia visual em todos os contextos. Para isso, é cada vez mais importante ensinar a “olhar de outro modo” (Gil, 2011, p.30) as imagens que nos rodeiam. Educar é “uma forma de intervenção no mundo.” (Freire, 2003, p. 98) e, segundo este pedagogo, a intervenção pode colocar em causa o pensamento e os valores de uma sociedade.

O mundo digital contemporâneo é fugaz em progressos tecnológicas e a fotografia tem acompanhado essa evolução. Fotografar em qualquer lado e em qualquer momento foi possível desde o aparecimento da câmara<sup>1</sup> simples e de fácil manuseio, da Kodak, no ano de 1888, tornando a fotografia muito popular desde então, até aos telemóveis e tablets, com câmeras fotográficas incorporadas, nos dias de hoje. Diariamente vemos imagens que nos acompanham para todo o lado. Paglia (2014, p. 7) assinala que “A vida moderna é um mar de imagens.” Muitas são fotografias que olhamos, observamos e que somos levados a

---

<sup>1</sup> Para referir equipamento fotográfico, as palavras câmara ou câmera estão ambas corretas e têm a mesma origem (gr *kamára* lat *camera*). Neste relatório usaremos a palavra «câmera» por ser essa a grafia adotada pela Comissão Técnica CT174, na sua versão do Vocabulário de Termos e Designações para a Fotografia (Norma NP 4459:versão 2015) (Sarmiento & Morais, 2016, IPF). Acedido em 12.04.2019

decifrar e a interpretar como meio de comunicação visual. Segundo a mesma autora “Precisamos de reaprender a ver.” (ibidem)

Aproveitando o grande entusiasmo e interesse das crianças pela imagem e pelos meios tecnológicos visuais, pretende-se com este projeto criar um espaço de aprendizagem, de forma a poder proporcionar, aos participantes envolvidos, experiências significativas de captação fotográfica com câmeras digitais.

Consideramos que a fotografia e a comunicação podem ser aliadas no processo de crescimento, envolvimento e participação das crianças na sua comunidade. A fotografia participativa pode ser uma forma dos participantes usarem e construírem um discurso apelativo para comunicar os seus interesses, inquietudes e percepções da realidade envolvente, com o propósito de mudança e participação nos contextos onde vivem. À luz do pensamento de Baden-Powell (s. d.), fundador do escutismo mundial que proclamou “Procurai deixar o mundo um pouco melhor de que o encontrastes.” fomos beber inspiração para desenvolver o trabalho de investigação que apresentamos.

Assim, este projeto tem como premissa perceber qual o potencial da fotografia participativa como meio de expressão individual e de intervenção na comunidade local, pelo olhar de um grupo de crianças. Ao colocar desafios fotográficos aos participantes para serem os autores das suas fotografias, estima-se ser igualmente importante dar oportunidade de observar e dialogar sobre as fotografias por eles captadas. A fotografia pode constituir uma forma de transformação (Dubois, 1993) e um meio de comunicação alternativo, atrativo, “rápido e eficaz” (Sousa 2003, p.345), encontrando-se cada vez mais constante nas suas vivências. Espera-se que quando a criança fotografa, se estiver alerta para o poder da comunicação visual, o faça de um modo mais participativo, consciente do ato em si mesmo e, com autonomia, decidir como pode expressar-se e intervir na comunidade através da fotografia participativa.

Deste modo, o projeto de intervenção que apresentamos tem por objetivos i) Conhecer a capacidade de observação crítica de crianças, através da fotografia participativa; ii) Perceber o potencial da fotografia participativa enquanto instrumento de intervenção; iii) Refletir sobre o papel da fotografia como meio para a comunicação e iv) Refletir sobre o

papel da fotografia participativa na construção de experiências educativas, significativas e prazerosas para um grupo de crianças.

Este relatório apresenta o projeto de intervenção Clube de Fotografia, criado para este estudo, que visa despertar o olhar fotográfico, o espírito de observação, o pensamento crítico e divergente sobre a comunidade, promover diálogos e a leitura visual sobre e com fotografias, proporcionando a um grupo de crianças, a construção de experiências educativas (Dewey, 1997).

Promovendo diferentes experiências contextualizadas utiliza-se a imagem fotográfica como meio expressivo para promover o olhar crítico e observador de um grupo de crianças e o seu envolvimento na transformação positiva dos contextos onde se movem, inculcando se possível, uma preocupação estética e uma noção de composição visual.

Este relatório está organizado por capítulos, reservando-se o Capítulo I para o Enquadramento Teórico, no qual fomos visitar os conceitos de Fotografia, Fotografia como instrumento de intervenção e meio de expressão, Literacia Visual, Comunicação, Experiência Educativa e Aprendizagem Significativa. Este quadro teórico orienta o projeto de intervenção e pretende contribuir para o alargamento de práticas visuais, com enfoque na fotografia participativa e na comunicação.

No Capítulo II, Metodologia de Investigação, serão apresentadas as opções metodológicas, as técnicas e instrumentos de recolha de dados, a problemática e os objetivos, assim como o desenvolvimento e procedimentos da intervenção e investigação realizadas. O Capítulo III, Apresentação e Análise dos dados, como o título sugere, apresenta os resultados do projeto e uma análise interpretativa e empírica dos dados obtidos. No final, o Capítulo IV expõe-se as conclusões a que chegamos com o desenvolvimento do projeto.

De salientar que nos Anexos encontra-se informação suplementar que vem completar as descrições e a análise de dados que é feita no capítulo III. As fotografias apresentadas resultam, na sua maioria, da captação fotográfica dos participantes do Clube de Fotografia, e outras captadas pela investigadora, que servem de registo e retratam a descrição das ações desenvolvidas.

## CAPÍTULO I: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Colecionar fotografias é colecionar o mundo.” (Sontag, 1986, p.19)

“Fotos, vejo-as por todo o lado, como cada um de nós hoje em dia; elas vêm do mundo para mim, sem que eu as peça...” (Barthes, 1998, p. 33)

### 1. FOTOGRAFIA

O mundo está dominado pela imagem. Se olharmos à nossa volta há imagens fotográficas em todo o lado, nos mais diversos suportes e meios. A fotografia é, na nossa sociedade atual, uma forma massiva e global de comunicação e influencia a nossa forma de ser, de olhar e compreender o mundo que nos rodeia (Sontag, 1986; Barthes, 1998; Barbosa, 1991; Rodrigues, 2011).

Segundo Marques (2006), usamos a imagem visual, como uma forma de ver, de ilustrar e de entender a realidade. Há vinte anos Abrantes (1998, p.10) constatou que “O olhar do mundo transformou-se.” Atualmente a cultura visual lida com os fenómenos da massificação e globalização. As fotografias e as tecnologias passaram a fazer parte das nossas vidas, tendo alterado a forma de comunicar, pensar e agir.

Assim, no nosso quotidiano há uma ligação familiar e próxima com a utilização intensa da imagem (Silva, 2015), estabelecendo uma relação emocional e comunicacional (Campos, 2013) com a «fotografia». Desde a sua invenção que a fotografia é um meio de representação com grande relevância, influenciando cada vez mais a comunicação do nosso quotidiano permitindo diversas e colossais possibilidades de utilização como um meio catalisador para a aprendizagem em diversas áreas do conhecimento (Alvarado, Galán, Álvarez, & Carrero, 2010, p. 68).

Considerando que uma fotografia é uma imagem, vale a pena referir que é reconhecido por vários autores que o conceito «imagem» é muito vasto, “que engloba uma complexidade e multiplicidade de sentidos.” (Sousa, 2016, p.21) Neste trabalho pretendeu-se apenas explicar algumas definições de «fotografia» e algumas referências históricas da sua

evolução ao longo da História. A sua origem vem do grego *phosgraphein* e é formada a partir da ligação de dois elementos: *phos* ou *photo*, que significa “luz” e *graphein*, que significa “marcar”, “desenhar” ou “registar”, ou seja, a fotografia resulta da técnica de criar imagens através da captação e exposição da luz usando um equipamento reprodutor de imagens.

Começando por algumas definições de «fotografia» Barthes (1998, p. 24) explica que, tecnicamente, está presente em dois procedimentos díspares “um de ordem química, a ação da luz sobre certas substâncias; o outro, de ordem física, a formação da imagem através de um dispositivo ótico.”

A «fotografia» é “(...) toda a imagem permanente que resulta da exposição dum suporte à ação duma luz” (Castello-Lopes, 2004, p. 90); compreende “(...) um conjunto de ciência prática, imaginação e desenho, habilidade técnica e capacidade organizativa” (Langford, 1986, p. 9) e “representa, potencialmente, uma das melhores formas de expressão e libertação daquilo que há de mais interno em nós.” (Chaves, 2016, p. 65). “As fotografias são também uma interpretação do mundo tal como as pinturas ou os desenhos.” nas palavras de Martins (2013, p. 29).

O aparecimento da fotografia deve-se a um conjunto de cientistas Hercule Florence, Louis Daguerre, Fox Talbot, entre outros, que no início do século XIX, realizaram experiências para conseguirem captar imagens fotográficas da realidade. No ano de 1826, Joseph Nicephore Niépce consegue reproduzir uma imagem que “(...) convencionou chamar a primeira fotografia” (Bauret, 2000, p. 18). Foi necessário continuar a melhorar a técnica e as pesquisas de Daguerre permitiram obter uma imagem positiva fixa e duradoura e reduziram o tempo de exposição à luz da superfície sensível (Bauret, 2000). A sua câmara escura, o daguerreótipo, marcou a invenção da fotografia. Na altura a fotografia era considerada como um registo da verdade, como que “um certificado de presença.” (Barthes, 1998, p. 122).

Quando a fotografia começa a aparecer na imprensa e nos *mass media* visuais “abre-se uma janela para o mundo” (Freund, 1995, p. 107), pois a partilha e o relato das notícias e acontecimentos passam a ter um rosto, atribuindo um cariz de testemunho e de verdade dentro e fora de fronteiras.

Entre muitas evoluções e modelos de câmeras fotográficas, a Kodak, no ano de 1888, permitiu um impulso colossal para o uso da fotografia, tornando-a muito popular e mais acessível. A genialidade de Eastman e Walker, com a invenção de uma câmera simples e de fácil manuseio, veio permitir a milhares de pessoas captarem acontecimentos e registarem visualmente momentos familiares, considerados como memórias dessas vivências. Esse lado “self-media” (Abrantes, 1998, p.14) dos equipamentos, deve-se à evolução da tecnologia e dos processos tecnológicos, da chamada era digital, que alteraram a forma como se passou a ter acesso à realidade visível do mundo em que vivemos. Ter o mundo retratado em imagens foi um prodígio no final do século XIX (Souza, 2010).

Dubois (1993) apresenta-nos três posições da fotografia com a realidade ao longo da História: a fotografia como espelho do real (devido à identidade existente entre a fotografia e o mundo real); a fotografia como transformação do real (contrariando a ideia defendida no século XIX, a imagem fotográfica pode ser objeto de análise, de interpretação e até de transformação do real); e por fim, a fotografia como vestígio de um real, em que fotografia se torna intrínseca à sua experiência com o referencial, com a realidade.

Ao construir um novo paradigma estético, Benjamin (2013) defende que o pensamento pode ser construído através de imagens. Deste modo, todas as fotografias representam um modo de ver, de perceber o mundo, pelo que não serão apenas uma simples ação mecânica na captação da realidade, na ótica de Berger (2005, p. 12). O mesmo autor defende que é o fotógrafo quem escolhe uma forma de olhar a realidade de entre outros olhares possíveis.

A fotografia apela à personalidade e conhecimentos do sujeito, requer um envolvimento e uma disponibilidade em que o querer é essencial – ele pode ser construído no tempo, mas nunca é imposto no momento, relaciona-se com práticas e experiências significativas para o sujeito. (Rodrigues, 2011, p. 145)

A fotografia é uma experiência significativa na qual se estabelece uma relação com o outro e com o meio, traduzindo-se num registo de um acontecimento que, de facto, existiu e que foi captado pela sensibilidade e conhecimento do seu autor.

O instante em que foi captada uma fotografia pode não voltar a acontecer, o que a torna única e singular. Dubois (1993) diz que ela tem a habilidade de fixar e imobilizar, no tempo

e no espaço, um momento da realidade. A fotografia mostra-nos a representação da realidade através da imagem e não a realidade em si mesma (Sontag, 1986).

Após algumas definições e significações sobre «fotografia», consideramos que esta é mais do que uma representação e uma percepção da realidade. Concordamos com a perspectiva de Heiferman (2012) ao afirmar que sempre foi difícil definir o que é a «fotografia», desde a sua invenção. Ao explicar o quanto a fotografia está definitivamente presente na nossa vida, influenciando o nosso modo de estar e entender a realidade, afirma que ela muda o que vemos, o que queremos, modifica quem somos, o que fazemos e até o que temos que recordar, atribuindo à fotografia a capacidade de condicionar os nossos valores e moldar o nosso conhecimento.

### *1.1. FOTOGRAFIA PARTICIPATIVA COMO INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO*

Uma fotografia por si só não muda o mundo. No entanto, as sensações causadas pelas fotografias perduram, ficam como que arquivadas na nossa mente e mais tarde, perante uma circunstância ou um acontecimento, podemos usar as representações que guardamos dessas fotografias e agir. Ao falar-nos do tempo da fotografia, Kowalski (2013, p.8) menciona que “Passado, presente e futuro estão aqui implícitos”. A autora entende a fotografia como uma representação do passado e do presente, que pode ainda conter um significado futuro. Para além do que se vê, a fotografia conta uma narrativa, tem um antes e um depois daquele instante captado pela objetiva, ou seja, tem um contexto, interpretado de forma subjetiva por quem vê.

Nesta relação entre quem fotografa e quem vê, o público, espera-se que num tempo futuro indeterminado, tenha absorvido essas emoções e pensamentos e consiga reagir. Esta reação pode ter a forma de alteração de comportamentos ou, pelo menos, ao questionamento dos paradigmas e realidades existentes. Assim, estando implícita a participação e a colaboração dos elementos do grupo e, como meio de intervenção em diversos contextos sociais, a fotografia participativa tem o propósito de mudança de atitudes e contextos sociais. É

um processo pelo qual as pessoas podem identificar, representar e melhorar a sua comunidade através de uma técnica fotográfica específica. São confiadas câmaras nas mãos de pessoas que lhes permite agir como documentaristas, e potenciais catalisadores de ação social e de mudança, em suas próprias comunidades. (Blackman, A., & Fairey., T. 2007, p.10).

Como forma de intervenção, pode usar-se a fotografia participativa para criar dinâmicas no grupo e com o grupo, apelando à participação dos seus elementos. Assim, a fotografia participativa pode contribuir para uma transformação social, capaz de desenvolver o pensamento crítico e criativo e potencializar capacidades expressivas dos participantes.

Dando sequência à ideia de intervenção, com os resultados - fotografias representativas de uma determinada realidade que se perspectiva mudar - procura-se chegar a autarcas e a figuras influentes que podem agir e intervir numa comunidade ou causa social.

Valdivia (2013, p.14) refere que “a fotografia participativa supera barreiras de idioma, nível educativo, origem geográfica ou situação socioeconómica.” Na perspectiva de Killion (2001) “uma simples fotografia pode conter milhares de referências, apresentando um enorme potencial para estimular ideias e levantar questões.” (2001, cit. em Souza, 2013, p.252). Através de fotografia participativa, os intervenientes identificam as suas necessidades e situações problemáticas para promover o debate crítico e reflexivo sobre as potencialidades e preocupações da sua comunidade. Alguns autores consideram a fotografia participativa muito útil num processo de investigação-ação, como é o caso no presente relatório.

...um dos benefícios do levantamento fotográfico em projetos de fotografia participativa é conectar os discursos apresentados nos diálogos sobre as imagens produzidas (...) A representação visual e os discursos complementam-se. (Souza, 2013, p.253)

O foco da investigação apresentada neste relatório foi usar a fotografia participativa como uma forma de intervenção na comunidade, planificando atividades que se constituíram experiências significativas para um grupo de participantes prevendo momentos de observação, reflexão, diálogo e a troca de opiniões e representações sobre as fotografias que foram captadas. A fotografia participativa pode assim, ser um incentivo para a mudança de atitudes, pensamentos e ideologias e, ao promover o diálogo entre indivíduos, contribuir para o conhecimento de culturas e do mundo.

## *1.2. FOTOGRAFIA COMO MEIO DE EXPRESSÃO*

A fotografia pode ser usada como meio de expressão dos nossos sentimentos, emoções e pensamentos, representar os nossos ideais ou preocupações. Pode toldar as nossas ideais e influencia a forma como nos vemos enquanto indivíduos e percebemos o mundo. A intenção individual de quem capta uma realidade, seja uma paisagem, um evento, uma pessoa, condiciona muito a imagem captada, pelo que a fotografia é um meio de expressão do fotógrafo.

Ao escolher um enquadramento da realidade que pretende captar, o autor do disparo fá-lo com uma intenção, pelo que a fotografia pode ser perfeitamente convincente para alguns fins, mas não para outros (Freeman, 2007). Vilches (1993, p. 141) diz-nos que “se mudarmos o ponto de vista ou a cena, muda o acontecimento.” A realidade captada já não é a mesma pois a cena informativa altera-se. Perante o mesmo acontecimento é o fotógrafo, com a sua sensibilidade e expressão, quem capta uma parte da realidade, ele é o “fazedor de imagens” como nos diz Berger (2005, p. 12).

Na perspetiva de Souza (2018, p.6), através do seu projeto Olhares em Foco, “A fotografia participativa possibilita que adolescentes representem visualmente os seus interesses e as angústias.”. Segundo o mesmo autor a imagem fotográfica é um meio criativo que pode ser usado como uma ferramenta válida, pois aumenta as possibilidades de expressão e a manifestação de perspetivas individuais.

A fotografia representa “uma forma de ver e de ser visto.” (Bulla Júnior, 2005, p. 217), ou seja, é como o resultado expressivo de uma ligação entre o motivo fotografado e o fotógrafo, na qual este último criou uma relação afetiva ao aproximar-se da realidade que deseja fotografar (Harper, 2012). “A foto é interpretada de acordo com os princípios e a cultura do observador, assim como assume significados singulares a partir das experiências de cada indivíduo.” (Sousa, 2016, p. 20)

A fotografia é assim, uma representação de uma realidade capaz de transportar um significado, traduzindo-se num meio de expressão que fala para nós e de nós, representa e provoca sentimentos e emoções. Ao fazer a “mediação entre homem e o meio” (Bulla Júnior, 2005, p. 218) pode ser usada como forma de expressão entre quem fotografa e a sua realidade circundante.

No entanto, atualmente a fotografia deixa de ter valor como documento ou evidência da realidade fotografada para ser, muitas vezes, o fruto da evolução tecnológica e da possibilidade de manipulação da imagem.

O entendimento e apreciação de uma imagem está sujeito à forma pessoal de ver a realidade (Berger, 2005). Como “consumidores de imagens” (Joly, 2007, p. 9), cada um de nós faz uma leitura individual das fotografias, de acordo com as suas percepções e emoções, atribuindo a cada uma diferentes significados. Assim, notamos que tanto a captação, como a interpretação de uma imagem fotográfica, não são universais, mas antes um modo de expressar a realidade, que permite perceber e representá-la de uma forma pessoal e singular. A interpretação também está sujeita às experiências e conjuntos de signos de quem a observa. Logo, a subjetividade está implícita na captação e observação de fotografias. Para Moran, M. e Tegano, D. (2005) este é um aspeto positivo da fotografia, pois a partilha de diversos significados pode traduzir-se em entendimento e construção de novos conhecimentos. Assim, a fotografia é um meio de expressão individual do seu autor e dos observadores e experimentamos dizer que é um meio expressivo entre o “fazedor de imagens” (Berger, 2005, p. 12) e os “consumidores de imagens” (Joly, 2007, p. 9).

A imagem fotográfica pode contribuir para o desenvolvimento da criança e não o contrário (Sousa, 2003). Segundo o mesmo autor, “Para a criança é importante o observar” (Sousa, 2003, p. 344) e a fotografia oferece-lhe “(...) o meio mais rápido e eficaz para registar essa observação.” (Sousa, 2003, p. 345). É pois, um meio de expressão plástica que representa “(...) uma arte que se oferece à criança como uma das mais simples e ao mesmo tempo como uma das mais ricas” (ibidem).

Em educação pela arte, a fotografia “(...) não visa o ensino da técnica, procurando-se oferecer à criança um novo meio – a fotografia – para poder expressar as suas emoções e sentimentos e satisfazer as suas necessidades de criatividade” (Sousa, 2003, p. 344).

No projeto de intervenção o nosso foco não foi a qualidade técnica das fotografias captadas pelos participantes. Privilegiámos o desenvolvimento da sua sensibilidade emocional e do sentido de observação que podem ser proporcionados pela fotografia. Assim, cremos também ter proporcionado oportunidades para a expressão através da fotografia e o desenvolvimento da sensibilidade estética.

## 2. LITERACIA VISUAL

Todos nós reconhecemos a importância da imagem no mundo atual, ainda que não esteja definida “a relação entre o que vemos e o que sabemos.” (Berger, 2005, p.9). Cada vez mais, usamos a fotografia como uma forma de ver, de entender e de partilhar a realidade que nos rodeia. Nos nossos dias tornou-se comum a utilização da palavra literacia para mencionar as competências de leitura e escrita, associadas às diversas formas de comunicação e representação.

O conceito “literacia visual” foi definido por Debes (1969) como:

Um grupo de competências visuais que um ser humano pode desenvolver integrando outras experiências sensoriais e que lhe permite uma interpretação das ações visíveis dos objetos e símbolos que ele encontra no seu ambiente. Através do uso criativo dessas competências de literacia visual o indivíduo é capaz de comunicar com os outros, compreender e apreciar as obras-primas de comunicação visual. (Debes, 1969, citado em Barreto 2006, p. 231)

Através da leitura e interpretação visual, o indivíduo que tenha desenvolvido a literacia visual está apto a descodificar as imagens que surgem nos diversos meios e suportes da era digital. Para além de conseguir fruir e compreender melhor as mensagens da composição visual, será igualmente capaz de codificar, compor e comunicar através de respostas visuais. Ao ensinar “a olhar de outro modo” encontramos a funcionalidade da literacia visual que pode fomentar “um olhar não ingénuo sobre a complexidade fascinante das imagens que nos rodeiam.” (Gil, 2011, p.30).

A rápida evolução e a globalização dos meios tecnológicos digitais, permitiu o desenvolvimento da fotografia, influenciando a comunicação visual uma vez que a imagem fotográfica está presente em diversos contextos e suportes. Assim, o conceito de literacia visual é transportado para um patamar mais amplo, que aglomera competências da interpretação, mas também de criação das imagens em mais áreas do conhecimento (Damásio, 2006). No entender de Gil (2011, p.15) o termo «literacia visual» é “multivalente (...) é um transconceito (...)” que designa, em paralelo, uma competência e uma estratégia cultural.

A literacia visual constitui-se assim como um conjunto de competências que envolve a compreensão de uma sinalética e semântica visual e envolve todo o tipo de comunicação que surge através de signos, símbolos e imagens.

As fotografias podem ser uma ferramenta pedagógica para fomentar o sentido crítico e de cidadania nos participantes, possibilitando a produção das suas próprias mensagens através de imagens fotográficas. Desenvolver a prática de captar fotografias pode contribuir positivamente para desenvolver a literacia visual (Kulcsar, 2002, cit. em Barreto, 2006, p.233).

Segundo Reis (2011), o termo «literacia visual» é recente em Portugal. Segundo o autor, até ao início deste século o conceito de literacia estava unicamente relacionado com a capacidade de ler e escrever. O mesmo autor adverte-nos que aquela designação levanta alguma polémica, quando se entende que «literacia» está articulada com a capacidade de ler, pelo que não deveria estar associada ao termo «visual» uma vez que as “imagens não se leem, veem-se!” (Reis, 2011, p.406).

No projeto de intervenção desenvolvido procurou-se, de alguma forma, desenvolver a literacia visual dos participantes através da captação e diálogo sobre as fotografias. Para o projeto desenvolvido foi selecionado o ativador da Leitura Recreativa de Imagens (Charaf,1999, cit. em Costa 2006), que tem como intento o desenvolvimento da criatividade, da expressão e do pensamento visual, bem como a transformação da mensagem e o seu veículo visual em expressão verbal.

### 3. A COMUNICAÇÃO

Desde os primeiros dias de vida somos incentivados a estabelecer relações familiares tendo como base a comunicação. Esta é uma faculdade que está no centro da nossa existência e que permite o intercâmbio de mensagens, fomenta e influencia as relações dentro e fora das sociedades.

Chomsky (1986) defende que a linguagem é uma predisposição inata ao ser humano. Cada indivíduo é criativo, com a capacidade de emitir e de compreender frases inéditas e faz da língua um uso particular da comunicação, esta depende da competência e da performance, isto é do desempenho linguístico.

Comunicar é, pois, uma capacidade humana universal para transmitir informações, pensamentos e sentimentos e sugere significar e interpretar, segundo Sousa (2006). Todos nós criamos e somos veículos de mensagens e, enquanto membros de uma comunidade, global ou de um grupo mais restrito, comunicamos uns com os outros. Para isso usamos os cinco sentidos e várias formas de expressão, assim como os mais diversos meios de comunicação social. A comunicação, como prática social, é uma necessidade e influencia as nossas relações com os outros, reflete e traduz-se na cultura em que está inserida.

É através da língua que o Homem interage com os seus pares e se integra na sociedade. Neste sentido, surge a semiótica social como uma expansão da linha de pensamento de Saussure, para estudar os “códigos” da linguagem e comunicação como resultado de processos de significação e interpretação humanos, na formação das relações sociais, dos indivíduos e das sociedades. Ao centrar-se nas práticas sociais de criação de significados, a semiótica social abarca todos os sistemas e canais de comunicação (discurso, escrita, imagem) conhecidos como modos semióticos. Hodge, R., e Kress, G. (1988) marcam o início dos estudos em semiótica social aplicada a textos multimodais ao considerarem que os meios de comunicação estão estreitamente ligados à produção de signos e à utilização de recursos semióticos.

Tagliani (2004, p.111) defende que o “reconhecimento da relação entre língua e sociedade é importante [pois] não há homem social sem linguagem e não há língua sem homem social”. Halliday (1998) pai da Gramática Sistémico Funcional aborda o ensino da língua numa perspetiva funcional e interativa em diferentes contextos sociais, tendo presente que o indivíduo é um ser social, que vive e interage em sociedade. O autor estabelece uma relação intrínseca entre a língua e a sociedade, por defender que as línguas evoluem como sistemas de significados e considerar que é através da linguagem que são estabelecidos as relações interpessoais. (Halliday, 1998 cit. em Tagliani, 2004)

Também Fiske (1993) entende a comunicação como interação social. Segundo o mesmo autor, existem duas linhas para o estudo da comunicação. Referindo-se à primeira como a escola “processual”, na qual a comunicação é entendida como um processo de “transmissão de mensagens” entre emissores e recetores, debruça-se sobre o modo como estes codificam e descodificam a mensagem, como é que mensagem veicula nos canais e meios de comunicação e ainda se é entendida com eficácia, caso contrário considera a existência de

falhas ou fracasso na comunicação. A segunda linha será a escola semiótica, que estuda os signos e os significados e que entende a comunicação como uma “produção e troca de significados” (Fiske,1993, p.14).

### *3.1. FUNÇÕES DA LINGUAGEM*

Para abordar este ponto parece-nos pertinente referir que o termo «linguagem» “abarca não apenas a acepção da linguagem humana, mas as várias linguagens naturais e convencionais existentes como recursos comunicativos que co-ocorrem e interagem na construção da produção de sentido.” (Silvestre, 2010, p.82) Para a mesma autora a linguagem não é um fenómeno isolado.

Para que a comunicação se estabeleça é necessário que os signos e os códigos sejam transmitidos, divulgados ou tornados alcançáveis entre os agentes comunicativos. Ambos, emissor e recetor, conhecem o mesmo código, composto por signos. No entanto, os códigos “não são apenas sistemas para organizar e compreender dados: eles desempenham funções comunicativas e sociais” (Fiske,1993, p.94).

Embora existam vários modelos de representação para o funcionamento da linguagem, esta desempenha diferentes funções segundo vários autores. A seguir abordaremos os modelos de Jakobson (1963) e Halliday (1989,1994). O modelo mais conhecido é o de Jakobson (1963), segundo Santos (2011), que inclui seis componentes, cada qual com uma função: “emissor (função emotiva ou expressiva); recetor (função conotativa ou apelativa); referente (função referencial ou informativa), código (função metalinguística), canal de comunicação (função fática), mensagem (função poética)” (Santos, 2011, p.22).

Na Gramática Sistémico Funcional, proposta por Halliday (1989, 1994), a linguagem verbal é entendida como um sistema semiótico, na qual o autor fez uma nova abordagem de análise gramatical da linguagem e apresenta três metafunções: ideacional (a linguagem interpreta e constrói ideias sobre o mundo e a experiência humana); interpessoal (a linguagem estabelece relações sociais e interpessoais), e textual (na qual a linguagem organiza a mensagem, tornando-a relevante para o seu contexto). Fuzer, C e Cabral, S.

(2014, p. 649) referem que “apesar de as metafunções Ideacional, Interpessoal e Textual serem analisáveis separadamente, elas funcionam no todo do texto e do discurso simultaneamente.” As três metafunções acontecem simultaneamente porque estão presentes em todas as mensagens. Segundo Arnt e Catto (2010) os dois modelos fazem uma abordagem funcional da linguagem e ambos admitem a influência do contexto na linguagem, ainda que cada modelo entenda o contexto de forma diferente.

#### 4. A FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM

A fotografia transformou-se na linguagem mais presente da nossa civilização, tornando-se numa reprodução da vida social (Sontag, 1986 e Martins, 2013). Cada vez mais usada na vida quotidiana das sociedades, a fotografia é utilizada como uma forma de comunicação rápida e imediata. Martins (2013, p. 29) adverte que “observar e fazer uma leitura de uma fotografia implica conhecer o mundo e a realidade que nos rodeia.”

A fotografia permite a comunicação pela imagem entre o emissor da mensagem visual, o fotógrafo, e o recetor, constituindo-se “(...) um meio ou veículo para comunicar factos ou ficções, e para exprimir ideias.” (Langford, 1986, p. 25).

Nos dias de hoje, em diversas situações, comunica-se usando cada vez mais imagens (Fabrício e Chiapinotto, 2004). A comunicação visual tem ganho mais espaço em relação ao textual na opinião de Cardoso (2006, cit. em Silvestre 2015). Um exemplo é o modo de transmitir mensagens no Instagram, onde a comunicação se traduz na partilha de fotografias entre pessoas, o que nos leva a refletir que conseguimos dizer mais com a fotografia do que aquilo que as palavras conseguem.

Quando a fotografia apareceu pela primeira vez num jornal, teve um extraordinário impacto na comunicação de informações. Aconteceu em 1880, no jornal Daily Graphic, em Nova Iorque (Freund, 1995, p. 106). Esta aproximação da fotografia com a escrita na imprensa veio revolucionar a comunicação, permitindo as representações visuais dos acontecimentos. Freund compara a palavra escrita com a imagem e refere que “A palavra

escrita é abstrata, mas a imagem é o reflexo concreto do mundo no qual cada um vive.” (Freund, 1995, p.107).

Para demonstrar o valor e o poder da imagem, o jornal francês “Liberation” foi publicado propositadamente sem uma única fotografia, a 14 de novembro de 2013. A iniciativa serviu para chocar visualmente os leitores, alertando para a importância da fotografia no contexto jornalístico. A recriação e validação de uma realidade selecionada é o resultado das imagens que são publicadas pelos media (Souza, 2010).

O fotógrafo tem ao seu dispor vários elementos da linguagem fotográfica que influenciam uma fotografia, como: as aberturas de diafragma, as velocidades do obturador, a utilização da lente ou objetiva, a iluminação, a focalização e ainda a composição, o enquadramento, o ângulo, a profundidade de campo e o tipo de filme, este último no caso da linguagem analógica (Fabrício e Chiapinotto, 2004).

Apesar do equipamento fotográfico condicionar bastante alguns dos elementos anteriores, este não faz, só por si, a fotografia desejada pelo fotógrafo. A este respeito, Santos (2011, p.12) afirma que “Mais do que um conjunto de peças inertes, a câmara, as objetivas e os acessórios fotográficos são a extensão natural do fotógrafo, funcionando como catalisadores do seu potencial criativo permitindo finalmente “escrever com a luz” - ou seja, fotografar.” No entanto, este potencial criativo é “ajudado” pela técnica e concretizado pela estética e composição, que fazem parte do código visual. Vários autores como Kandinsky (1989), Dondis (1985), Villafane (1990), Arcari (2001), Civit & Colell (2004), Kress e van Leeuwen (1996 [2006]), entre outros, contribuíram para a construção de uma gramática visual, que permite a composição de vários elementos visuais que influenciam a comunicação e a mensagem visual.

A fotografia como linguagem representa uma forma visual de comunicar e expressar uma ideia e tem sempre presente uma gramática visual composta por elementos formais. Na gramática visual estes elementos “são as letras que podemos combinar para nos expressarmos” (Magueta, 2014). Sousa (2006, p. 567) diz-nos que “Fotografar implica, normalmente, compor uma imagem. Fala-se de composição de imagem quando se joga com os elementos passíveis de figurar no campo visual.”.

A fotografia é uma ótima ferramenta visual para o desenvolvimento da leitura e da escrita (Ewald, 2002, cit. em Barreto, 2006), para realizar atividades de escrita criativa (Lutz, 1996, cit. em Barreto, 2006) e pode ser usada como motivação ou de indutor para a aprendizagem, até mesmo “para os escritores relutantes” (Jackman, 2003, cit. em Barreto, 2006, p. 236). A própria etimologia da palavra fotografia entendida como “escrita da luz” (Bauret, 2000), supõe uma forma de comunicação. Na relação entre a fotografia e a palavra, entre a narrativa visual e textual poderá existir uma sobreposição das linguagens visuais e verbais. Neste relatório, não se pretende destacar mais uma linguagem do que a outra, mas antes sugerir uma articulação entre as duas, tal como refere Molina (2008).

A associação entre fotografia e texto é mencionada por Barthes (1961), como um dos processos de significação. O texto, quando acompanha a fotografia, “tende a ancorá-la a um determinado sentido.” (Sousa, 2006, p. 565). A fotografia consegue falar por si, é autónoma na transmissão de mensagens, e por isso nem sempre é acompanhada por uma legenda. Quando tal acontece, esta pode delimitar ou influenciar o significado da mensagem visual (Sontag, 2000), pois “até uma legenda rigorosa é apenas uma interpretação limitada da fotografia” como refere Martins (2013, p.11).

Atualmente com a evolução da tecnologia e o uso revolucionário dos meios de comunicação, nos quais surgem novas formas visuais do alfabeto, Vieira, J. e Silvestre. C. (2015) falam-nos do aparecimento de um discurso híbrido,

construído pela combinação de palavras e de imagens, fruto da criação da nova geração de designers gráficos, que lidam com letras, palavras e imagens, multiplicando cada vez mais essa linguagem híbrida que tende a se tornar dominante. (Vieira, J. & Silvestre, C. 2015, p.79)

As experiências desenvolvidas no projeto apresentado incluíram tanto a linguagem verbal, nas duas modalidades: falada e escrita, e a linguagem visual na captação fotográfica e leitura de imagens fotográficas. Para além dos diálogos que aconteceram antes, durante e depois de fotografar, os participantes realizaram a produção de textos, que funcionaram com legendas para acompanhar as suas captações fotográficas, nas quais puderam expressar o que olharam e sentiram ao fotografar, de modo a que manifestassem a sua percepção sobre as situações captadas visualmente nos vários contextos.

Ao longo de todo o projeto esteve sempre presente que “A linguagem da fotografia é a linguagem do instante.” (Sousa, 2006, p. 563). A fotografia tem assim, uma linguagem própria e comunica visualmente para transmitir mensagens, produzir e construir conhecimento.

#### *4.1. FUNÇÕES DA IMAGEM FOTOGRÁFICA*

Para este trabalho considera-se a fotografia como imagem, a imagem fotográfica. Esta pode cumprir várias funções dependendo da forma como é usada e as diversas interpretações que pode ter. Ao fornecer informações de um acontecimento ou evento, a imagem fotográfica assume uma função informativa (ou referencial), por constituir-se como um testemunho da realidade, como verificamos na comunicação social, para acompanhar uma notícia ou um relato de um acontecimento. Quando a fotografia tem uma intenção informativa, assume um carácter complementar de fiabilidade do texto escrito, deixando de ser uma mera ilustração.

Com frequência, a fotografia é usada para testemunhar, desvendar e denunciar situações, como acontece no fotojornalismo. Cumprindo assim uma função crítica, é usada para alertar consciências, sinalizar condições ou até expor diversos momentos nos diversos meios de comunicação.

Observando uma fotografia de outros tempos, de um álbum de família, esta conta-nos memórias de pessoas, tradições ou de momentos vividos num contexto particular, pelo que podemos, a partir dela, obter um repositório de informações, funcionando assim, como um documento válido que nos conta pedaços da história. Assim, a fotografia “passou a ter uma nova função social quando transformou em imagem o que a sociedade vivia” (Maya, 2008, cit. em Resende, Franco e Marquez, 2013, p.115).

Há autores que referem a função representativa, considerando que a fotografia retrata a realidade, representando-a de uma forma objetiva e real, como que uma arte figurativa. Ao apresentar com detalhes a realidade (uma paisagem, pessoas, acontecimentos, objetos...), a fotografia pode agregar uma função descritiva.

Quando usada para influenciar o nosso comportamento e atitudes na aquisição de um produto, a imagem fotográfica assume a função argumentativa pois é trabalhada e usada para influenciar a opinião, persuadir e convencer o público alvo à aquisição de um produto. Muito usada na área da publicidade e no *design* para a criação de diversos produtos, a esta dimensão está inerente a função conotativa ou apelativa da linguagem que, concentrada no seu recetor, tenta provocar estímulos, induzir e promover a mudança de comportamentos, ideias, opiniões e ideologias.

A fotografia pode ter também uma função estética quando a sua intenção é a fruição, a procura do belo e a promoção de momentos prazerosos. Ao afirmar que “Compreender também é um prazer.” Joly (2007, p. 52) salienta a função expressiva e pedagógica da imagem e revela-nos que a prática da análise de uma obra de arte “aumenta a fruição estética e comunicativa das obras, uma vez que agudiza o sentido da observação e o olhar, aumenta os conhecimentos e permite deste modo alcançar mais informações” (ibidem).

Para demonstrar como a fotografia proporciona práticas na área da educação, em contexto de sala de aula, Morgan. M., e Tegano, D. (2005) destacam três funções: representacional (construção de significados), mediação (entre o pensamento e ato de fotografar) e epistemológica (fonte de novos conhecimentos), que se articulam entre si e revelam um conceito mais amplo do uso fotografia como uma linguagem funcional de investigação que pode ser orientada por educadores e professores. Segundo os mesmos autores as fotografias “representam as formas ativas de significado” com níveis de interpretação diferentes para representar e simbolizar.

Observar e dialogar com as fotografias, atividade proposta aos participantes durante o projeto que se descreve neste relatório, “implica partilhar o espaço de comunicação com o “outro” e tomar parte nas decisões do grupo. (Magueta, 2014, p. 235).

Assim, a fotografia, enquanto meio de comunicação visual, é uma linguagem que desempenha várias funções e estabelece a aproximação das relações interpessoais, superando todas as fronteiras e contextos sociais.

## 5. O QUE É UMA «EXPERIÊNCIA EDUCATIVA»?

Na sua filosofia educativa progressista John Dewey, apresenta o conceito de experiência educativa como uma relação intrínseca entre a experiência pessoal e a aprendizagem na “descoberta das conexões entre as coisas” (Dewey, 1997, cit. Branco 2011, p.10). O autor aponta para a qualidade das experiências que são promovidas em contextos educativos e defende propostas como o trabalho de projeto e o aprender fazendo (Branco, 2011).

Na ótica de Dewey (1997), uma experiência educativa deve ser atrativa, produtiva e criativa e a sua continuidade e a interação são características centrais, pois, quando unidas “providenciam a medida e o significado educativo de uma experiência” (Dewey, 1997, cit em Branco, p. 9). Esta relação de continuidade pressupõe uma sequência das aprendizagens com as experiências vividas e condiciona o crescimento de atitudes e pensamentos. Na interação está inerente o conceito de situação, a relação do sujeito e o seu ambiente, ou seja, o contexto onde é vivida a experiência e contacto com os outros. “Uma situação educativa é pois caracterizada por uma adequação entre as características subjetivas do indivíduo e as condições que interagem com aquelas no sentido de as potenciar.” (Branco, 2011, p. 9).

Os conceitos de experiência e de aprendizagem são indissociáveis e orientam o desenvolvimento equilibrado de uma personalidade e a formação do carácter. Ao privilegiar a experiência pessoal, a participação ativa e empenhada dos sujeitos que desperta o interesse e a motivação, marca uma aprendizagem autêntica. Para Dewey (2010, p. 26) a educação é um processo contínuo de experiências significativas que “envolve toda a nossa sensibilidade e modos de receber e de responder a todas as condições com que nos defrontamos”. Para que seja uma experiência educativa, é necessário que a mesma promova a reflexão sobre a atividade e o propósito da mudança, deslocando-se o foco da aprendizagem para a criança e o seu envolvimento no processo de aprendizagem (Dewey, 1997). Na sua filosofia de educação, a aprendizagem deve ser orientada para a partilha e aprofundamento das experiências individuais, pelo que as propostas, a sequência e organização de atividades devem permitir que as crianças identifiquem problemas e que consigam estabelecer relações significativas com os conceitos e matérias em estudo, com o fim de contribuir para o seu desenvolvimento e construção do conhecimento.

## 6. O QUE É UMA «APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA»?

Há vários significados para a palavra aprender, sendo perceptível que esteja presente a capacidade de fixar na memória determinada aprendizagem, ainda que seja por alguns momentos ou por longo prazo, dependendo de como foi vivida a experiência e como foi integradora na construção de significados.

A aprendizagem significativa pressupõe a ação e envolvimento do sujeito e uma transformação na forma de encarar e de se relacionar com os objetos e os contextos circundantes. Barros (2000, p. 57) diz-nos “Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós.” Para Novak (2000) a vivência da experiência emocional e a aquisição de novos conhecimentos resulta numa aprendizagem significativa.

A construção de significados deve ser partilhada com os pares, o que pressupõe a construção de ambientes favoráveis ao debate de ideias e comunhão de conceitos valorizando-se a aprendizagem de competências sociais. Num clima de colaboração, a aprendizagem é perspectivada como fenómeno social na qual todos aprendem através do diálogo, numa interação com os outros e com o meio (Valadares, J. & Moreira, M., 2009).

Para que aconteça uma aprendizagem global e transdisciplinar, esta deve estar voltada para uma educação integradora e global do cidadão como elemento participativo numa sociedade em constante transformação, permitindo ao sujeito onde está inserido “fazer parte da sua cultura e, ao mesmo tempo, estar fora dela.” (Moreira, 2005, p.18). Assim, “a aprendizagem deve ir modificando e acrescentando significados acerca do mundo e das experiências de vida” (Valadares, J. & Moreira, M., 2009, p. 27)

Embora o projeto de intervenção tenha sido desenvolvido num contexto fora da educação formal, foi nossa preocupação proporcionar aos participantes experiências educativas e aprendizagens significativas, tendo promovido o que é sugerido pelos autores mencionados - a problematização, o diálogo, a interação com os outros e com o meio, experiência pessoal e emocional - levando os sujeitos, através de um olhar crítico, a comunicar, através de diferentes linguagens, para refletir e participar na sua comunidade.

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA

### 1.OPÇÕES METODOLÓGICAS

#### *1.1. INVESTIGAÇÃO-AÇÃO*

Tal como temos vindo a referir, o projeto de intervenção, que se apresenta neste relatório, desenvolveu-se em paralelo a um estudo de investigação sobre o mesmo. Assim sendo, foi seguida uma metodologia de investigação-ação, por ser “(...) participativa; segue uma espiral de ciclos de planificação, ação, observação e reflexão; é um processo de aprendizagem orientado para a práxis (...)” (Serrano, 2004, p. 111) Para a mesma autora, neste binómio entre a teoria e a prática, a investigação é guiada pela ação num processo de transformação dos contextos sociais.

A investigação-ação é definida como “(...) um processo reflexivo que vincula dinamicamente a investigação, a ação e a formação, realizada por profissionais das ciências sociais, acerca da sua própria prática” (Bartolomé, 1986, in por Coutinho, 2011, p. 313). Para outros autores, a investigação-ação tem o intuito de desenvolver mudanças sociais, pelo que é necessário “recolher informações sistemáticas” (Bogdan, R. e Biklen, S., 1994, p. 292). Estes defendem que “A investigação é uma atitude - uma perspectiva em que as pessoas tomam face a objetivos e actividades.” (ibidem). A investigação-ação pressupõe um envolvimento ativo do investigador, a quem cabe mediar e facilitar as ações, que nesta investigação, pretendem desenvolver experiências significativas assim como a construção de soluções conjuntas com os participantes, com o propósito de mudança.

A investigação qualitativa “permite uma interatividade entre todas as fases do processo de pesquisa” (Coutinho, 2011, p. 328). A autora, relacionando a investigação qualitativa e a I-A, refere que “(...) a I-A (*action-research*) considera o “processo de investigação em espiral”, interativo e sempre focado num problema.” (Coutinho, 2018, p. 365).

O trabalho desenvolvido, numa lógica de investigação-ação, procurou ir ao encontro dos conhecimentos e competências das crianças, aliando a teoria e a prática, planeando e adaptando estratégias com os necessários acertos de sessão para sessão, refletindo sobre as atividades implementadas numa interpretação e integração dos resultados seguindo o que é sugerido por Serrano (2004).

## *1.2. PROBLEMÁTICA, QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO E OBJETIVOS*

### *1.2.1 Problemática*

Cada vez mais cedo, às crianças de tenra idade, são facultados *tablets* e telemóveis para as entreter e com os quais elas conseguem tirar fotografias. Vivemos na era digital e estamos perante a geração com mais tecnologias ao seu dispor. Nos nossos dias assistimos a situações de vida quotidiana em que as crianças, cada vez mais novas, vivem rodeadas de imagens: comem, vestem-se, brincam à frente de imagens e com elas interagem.

“As crianças, sobretudo, merecem ser salvas deste turbilhão de imagens tremeluzentes que as vicia em distrações sedutoras (...) A única maneira de ensinar o foco é oferecer aos olhos oportunidades de perceção.” (Paglia, 2014, p. 7). No seu livro, a autora alerta para o facto de os jovens estarem a ser “bombardeados” por tecnologias e aparelhos digitais.

Considerando a constante presença das imagens fotográficas no nosso quotidiano, o poder e a influência que a fotografia adquire atualmente na nossa sociedade (Sontag,1986; Barthers,1998), esta pode ser uma aliada na comunicação do que está à nossa volta, do que acontece, do que nos preocupa, do que gostamos ou não gostamos, do que pode ser mudado positivamente nos espaços onde vivemos. Com este projeto ambiciona-se despertar o espírito de observação de um grupo de crianças, através da fotografia participativa e da comunicação, para transformar os contextos em que se movem.

Sontag (1986) afirma que em torno da imagem fotográfica tem vindo a elaborar-se um novo sentido da noção da informação. Contribuindo para o conhecimento do que está à nossa volta, é em grande parte através da fotografia, que cada um de nós apreende o mundo e a realidade das coisas de uma forma pessoal. A maior parte do que aprendemos,

acreditamos, identificamos, desejamos e sabemos deve-se às imagens fotográficas que nos circundam e estão presentes no nosso quotidiano (Rodrigues, 2011 e Dondis, 1985). Com a utilização de diversos modos de comunicação que acompanha a constante e veloz evolução tecnológica, a linguagem como expressão comunicativa da realidade social, Vieira, J. e Silvestre, C. (2015), apontam para uma aprendizagem de multiliteracias.

Na verdade, ser cidadão neste novo quadro mediático requer uma literacia específica e transversal a idade e a contextos, articulando-se com a necessidade de aquisição de outras literacias exigidas pelo mundo globalizado e complexo em que nos inserimos. Para além dos tradicionais “ler, escrever e contar”, os códigos e linguagens característicos do mundo atual apelam a um conceito de literacia que abranja também as imagens, os sons, a informação e as redes e, mais amplamente, as formas de comunicação digital e interativa. (Silva, 2015, p. 293).

Indo ao encontro destes autores pretende-se fomentar a capacidade de observação e uma leitura visual e crítica das fotografias levando os participantes a observar, a selecionar, a tomar decisões, argumentar e formar juízos sobre o que vêem e sentem.

Usando câmeras digitais de forma criativa e expressiva, o projeto de intervenção pretende possibilitar a captação de imagens fotográficas que representem a observação crítica, os interesses, os gostos e as preocupações de um grupo de crianças, em diferentes espaços naturais ou construídos da sua comunidade, construindo relações entre o eu e os outros.

Nesta consciência de que todos nós, eu, tu, nós fazemos parte integrante do meio, de um contexto global, é urgente observar o que está à nossa volta (e não apenas no telemóvel e nas redes sociais) para cuidar, proteger, com o propósito de mudança de atitudes e valores sociais para deixar o mundo um pouco melhor, como solicita Baden-Powell (s. d.). É por isso eminente despertar uma consciência cívica e ambiental, e aqui a fotografia participativa pode ser uma ferramenta para a intervenção.

### 1.2.2 Questão de investigação

Após a apresentação da problemática e de muita reflexão, surge a questão de partida para a investigação: Como um grupo de crianças consegue, através da fotografia participativa, comunicar as suas preocupações, as observações e perceções sobre a sua comunidade?

### 1.2.3 Objetivos

A partir da questão de partida supra referida definiu-se o objetivo geral a alcançar: Perceber qual o potencial da fotografia participativa como meio de expressão individual e de intervenção na comunidade local, pelo olhar de um grupo de crianças.

Conciliando os conceitos, a problemática e a questão de partida anteriormente apresentados, foram delineados os seguintes objetivos específicos da investigação: i) Conhecer a capacidade de observação crítica de crianças, através da fotografia participativa; ii) Perceber o potencial da fotografia participativa enquanto instrumento de intervenção; iii) Refletir sobre o papel da fotografia como meio para a comunicação; iv) Refletir sobre o papel da fotografia participativa na construção de experiências educativas, significativas e prazerosas para um grupo de crianças.

Para o projeto de intervenção, que se concretiza com a dinamização e desenvolvimento de um Clube de Fotografia, foram ainda delineados os objetivos específicos como: Facultar algumas noções básicas de fotografia, nomeadamente ao nível da composição e leitura da imagem fotográfica; Promover a observação e diálogos sobre e com fotografias; Despertar o espírito de observação crítica de um grupo de crianças sobre a sua comunidade, para participar e transformar os contextos em que se movem e por fim, Partilhar com a comunidade as fotografias resultantes do Clube de Fotografia.

No projeto de intervenção não foi prioritário instruir os seus participantes de técnicas fotográficas, mas antes, através de linguagem visual, criar um conjunto de experiências educativas, significativas e prazerosas em torno da fotografia participativa para que, no futuro, as crianças que educamos hoje, sejam cidadãos que saibam comunicar visualmente e intervir com espírito crítico, criativo e sentido cívico na sua comunidade.

### *1.3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO E DOS PARTICIPANTES*

Compreendendo-se que “a amostra é sempre intencional” (Coutinho, 2011, p. 330), para desenvolver este estudo exploratório de cariz qualitativo refletiu-se sobre a constituição do grupo de participantes. Entre outras situações inicialmente ponderadas, o projeto de intervenção foi desenvolvido em contexto fora da educação formal e ligado aos jovens e à comunidade – um grupo de escuteiros.

O Corpo Nacional de Escutas, designado por CNE, Escutismo Católico Português, foi fundado em 27 de maio de 1923, e é a maior associação de juventude em Portugal. No contexto de associação sem fins-lucrativos, apartidária, não-governamental e de reconhecida utilidade pública, tem como propósito a educação integral de crianças e jovens em conformidade com os princípios e métodos do fundador do escutismo mundial, Lord Baden-Powell.

Para participar no projeto, interessaram-se e constituíram o grupo de participantes seis crianças, três do género feminino e três do género masculino, com idades compreendidas entre os nove e os onze anos de idade.

O contexto onde decorreu o projeto de intervenção foi no Agrupamento Escutista 762 Maceira. Este localiza-se perto do centro da freguesia da Maceira, concelho de Leiria.

Parece-nos oportuno para a compreensão do trabalho realizado, dar a conhecer os contextos escolhidos para as saídas de campo para a captação fotográfica, tendo sido escolhidos espaços próximos dos participantes, localizados na freguesia da Maceira, Leiria. O que fica mais perto da sede do agrupamento escutista é um local chamado de Nossa Senhora da Barroquinha. No ano de 1721, foi construída uma ermida no local da Barroca, mas “é possível que o culto mariano tenha começado antes do século XV ou XVI, altura a que remonta a estátua de Nossa Senhora com o Menino, ainda hoje ali existente”<sup>2</sup>.

O vale onde está a ermida é conhecido pela sua escadaria que dá acesso a uma cascata de 16 metros de altura e um pequeno lago. A fonte existente no local é uma pequena bica rasteira que jorra água e fica ao lado da ermida. Ali perto foram construídas mesas de pedra nos patamares da escadaria, e em baixo, mesas e bancos de madeira para servir de parque de merendas, por estes dias ainda usado pela comunidade. Àquele local, com interesse histórico e cultura, está associada a Lenda da Barroquinha<sup>3</sup>, pelo que importa preservar e

---

<sup>2</sup> Cristino (2003).Fonte: <http://www.maceira-lra.com/paginas/barroquinha/>

<sup>3</sup> Cabral, J. (1993). Anais do Município de Leiria, Vol. III, Leiria, Câmara Municipal de Leiria, p.229, obtido de <http://www.lendarium.org/narrative/a-fonte-da-barroquinha/?tag=67>

estimar. Mais recentemente no ano de 2000, houve obras de beneficiação no local da Nossa Senhora da Barroquinha.

Dando continuidade aos princípios orientadores do movimento escutista, o agrupamento 762 Maceira já havia demonstrado preocupação na recuperação de património local, tendo, há alguns anos atrás, procedido à limpeza da zona circundante. No entanto, não existindo continuidade na recuperação por parte da autarquia, aquele espaço, atualmente, tem poucas condições de utilização, tornando-se pouco útil para a comunidade.

Na vila da Maceira, no distrito de Leiria, o “Trilho da Amazónia”, ainda que não seja topónimo oficial, foi assim apelidado pela comunidade local e praticantes de BTT, por ser um percurso pedestre estreito, situado num vale com densa e abundante fauna e flora, contrastando com muitas zonas desarborizadas e campos agrícolas circundantes. O trilho estende-se ao longo do ribeiro do Arneiro, que nasce nas redondezas entre os lugares da Maceira e Maceirinha. O percurso possui uma extensão aproximada de 1200 metros e é propício para a prática de caminhadas e de desporto, sendo um dos espaços verdes usados pela comunidade e por inúmeros ciclistas, mas que precisa de ser recuperado.

Outro contexto para captação fotográfica que decorreu na penúltima sessão do projeto, foi no centro da freguesia da Maceira. À volta de uma pequena rotunda podemos encontrar o edifício da Junta de Freguesia, um café, uma igreja, a casa paroquial, um pequeno jardim um parque infantil e a escadaria que dá acesso à Nossa Senhora da Barroquinha. A localidade da Maceira, com um rico património histórico e cultural e muitos séculos de história, terá sido habitada desde o tempo dos romanos, foi elevada a vila no ano de 1991. A indústria cimenteira, que ali se instalou desde 1893, veio trazer o desenvolvimento económico, dando origem ao aglomerado populacional ali existente.

## 2. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

Para a recolha de dados utilizaram-se várias técnicas e instrumentos, durante as várias sessões do projeto de intervenção como: inquérito por questionário, observação participante, registo fotográfico, áudio e diário de bordo.

### 2.1. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

Para a construção de inquéritos por questionário, é necessário “(...) definir rigorosamente os seus objetivos; formular hipóteses e questões orientadoras, identificar as variáveis, selecionar a amostra adequada, elaborar o instrumento em si, testá-lo e administrá-lo para depois poder analisar os resultados.” (Carmo, H. & Ferreira, M., 2008, p. 153).

Para elaborar os questionários Gil (1989) dá algumas orientações começando por referir que a resposta depende de como foi feita a pergunta. Tendo em conta que os mesmos eram dirigidos a crianças, foram construídos de forma a que elas entendessem o que era perguntado, sendo utilizada uma linguagem adequada ao seu nível de compreensão.

O primeiro questionário, do tipo fechado, (Ghiglione, R. e Matalon, B. 2001) pretende diagnosticar o que os participantes costumam fotografar e o contacto que tinham com a fotografia, antes de participarem no projeto de intervenção. O mesmo continha duas perguntas abertas para os participantes expressarem a sua relação com a fotografia.

Tendo em conta o que referem estes autores, tivemos a preocupação de testar os questionários, aplicando-os a outras crianças, não participantes, de um outro contexto educativo.

### 2.2. OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

A observação participante foi uma das técnicas usadas para a recolha de dados que possibilitou à investigadora integrar-se no grupo de participantes, para ver e ouvir, permitindo chegar ao conhecimento a partir da observação direta do grupo (Dias, 2009).

Na observação participante “o investigador assume um papel ativo e atua como mais um membro do grupo que observa (...) sem perder a credibilidade que assiste a um investigador social” (Angrosino, 2012, cit. em Coutinho, 2018, p. 138).

A investigadora assumiu um papel de observadora participante e, simultaneamente dinamizadora do Clube de Fotografia, criando um contacto direto e uma relação de empatia com os participantes do projeto. Ao longo das sessões, esta proximidade permitiu conhecer a perceção dos participantes em relação às atividades desenvolvidas.

Sousa (2006, p. 722) refere que a “pesquisa-ação” é uma variante recente da observação participante, na qual o investigador “faz um mergulho ativo e interveniente (...) no universo que vai estudar.” Esta técnica de observação privilegia o olhar do lado de dentro do contexto em estudo, o que possibilitou à investigadora, numa atitude reflexiva e construtiva, fazer os ajustes necessários ao longo do projeto de intervenção, incluindo as sugestões e participações dos elementos do Clube de Fotografia.

### *2.3. DIÁRIO DE BORDO*

Como resultado da observação participante foram descritas num diário de bordo, as atividades, as participações das crianças, a sua reação e adesão às atividades e materiais propostos, as relações entre elas e delas com a investigadora, assim como as “observações, reflexões, interpretações, hipóteses e explicações de ocorrências” (Castro, 2010, p. 23).

O diário de bordo auxiliou no processo de reflexão, ponderação e tomada de decisões, durante a evolução do projeto de intervenção, escrito pela e para a investigadora, sem pensar em agradar a possíveis leitores, ainda que esteja numa escrita cuidada, pois ali está explanado de uma forma muito particular, os factos e os percalços com que investigadora se deparou. As citações dos diálogos e participações das crianças registadas no diário ilustram o contexto em que aconteceram e revelam as emoções espontâneas sentidas, que marcaram alguns momentos vividos no grupo. Muitas dessas citações foram escritas imediatamente após a saída dos participantes do clube, outras foram confirmadas com a audição de algumas gravações dos diálogos, que foram feitas durante alguns momentos das

sessões. Algumas reflexões foram escritas entre sessões considerando que a investigação é um processo reflexivo em constante evolução.

Esses apontamentos traduzem-se num diário pessoal, numa narrativa subjetiva e sem categorias conceituais (Santos, 2018) nos quais a investigadora, descreveu procedimentos e estratégias de atuação, para além do que foi ouvindo, vendo e experienciando ao longo das sessões do Clube do Fotografia, como referem Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). Com a preocupação de retratar fielmente os acontecimentos vividos, a isso se deve, o discurso direto e fluído, o detalhe da redação do que foi observado, mas igualmente do que foi sentido por todos os participantes do projeto. No diário constam ainda transcrições de partes das gravações áudio e de pequenos vídeos de alguns diálogos ocorridos durante as sessões.

Por permitir uma escrita reflexiva, o diário de bordo serviu como um guia para a investigação uma vez que dá a conhecer a perspetiva da investigadora e as suas perceções, e tendo em conta o contexto, ali enunciou estratégias, planificou e desenvolveu a sua intervenção.

O diário de bordo reveste-se como um importante instrumento de registo e recolha de dados, preferencialmente usado em investigações qualitativas (Coutinho, 2018) e constituiu-se num processo formativo por dar a oportunidade aos seus autores a uma reflexão constante (Boszko, C. & Gullich, R. 2016) ao longo de todo o processo de investigação.

Para manter o anonimato dos participantes, os seus nomes foram apagados e/ou substituídos por letras.

#### *2.4. REGISTO FOTOGRÁFICO*

Na investigação qualitativa considera-se que a fotografia é uma fonte que fornece “(...) fortes dados descritivos” (Bogdan, R. & Biklen, S., 1994, p. 183) e pode ser uma “poderosa ferramenta de pesquisa” (Moran, M. & Tegano, D. 2005), na construção conjunta do conhecimento dos envolvidos em contextos de ensino-aprendizagem.

Para a recolha de dados, foram feitos registos fotográficos, gravações áudio e vídeos da participação dos elementos do clube nas atividades propostas. Os diálogos foram transcritos tal como foram verbalizados pelos participantes e algumas partes constam no diário de bordo da investigadora.

O uso da câmara fotográfica pela investigadora articulou-se com a sua observação participante nos contextos das atividades, considerando que as fotografias captadas por si forneceram detalhes e serviram para “simplificar o recolher da informação factual”. (Bogdan, R. & Biklen, S. 1994, p. 188).

Para Campos (2011), a fotografia pode ser uma fonte de pesquisa, através da qual se pode recolher informações que podem ser tratadas e divulgadas. A fotografia pode ainda fornecer aspetos e perspetivas que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Prins (2010), salientou as vantagens de usar a fotografia para os investigadores e participantes nas pesquisas sociais:

Os participantes representam visualmente as suas experiências (apresentando saberes), enquanto também aprendem a tirar fotografias (saber prático), interagindo de diferentes maneiras com pessoas distintas (saber experimental) e desenvolvendo novas compreensões conceituais (saber proposicional). (Prins, 2010, p. 428).

Para a análise dos dados serão consideradas as fotografias captadas pela investigadora durante as sessões e as captações fotográficas realizadas pelos participantes nos vários desafios que decorreram ao longo do projeto.

## *2.5. PRODUÇÕES DOS PARTICIPANTES (FOTOGRAFIAS E LEGENDAS)*

Considerando os objetivos do projeto foram planeadas, ao longo das sessões do Clube de Fotografia, diversas atividades que permitiram a prática de captação de fotografias, como treino da técnica, mas representativas da observação crítica da comunidade local em diferentes contextos e espaços da comunidade. Perante os desafios fotográficos colocados, os participantes tiveram a oportunidade de registarem fotograficamente os seus gostos, as suas preocupações ou inquietações relativas ao meio envolvente, atendendo que “As

fotografias representam a visão do que o fotógrafo considera importante” (Bogdan, R. & Biklen, S. 1994, p. 185).

Para a recolha e análise de dados foram consideradas as fotografias captadas pelos participantes e, sempre que possível, estes disseram e/ ou escreveram sobre as suas produções fotográficas. Para facilitar e organizar os diferentes dados recolhidos, a investigadora apresenta no mesmo plano (lado a lado) um paralelo entre a fotografia e a palavra.

No Anexo 7 pode consultar-se o encadeamento e o tipo das produções dos participantes que resultaram das atividades ao longo do projeto.

## *2.6. ANÁLISE DE CONTEÚDO*

Para o tratamento dos dados, optou-se pela análise de conteúdo por permitir uma dimensão descritiva e interpretativa dos dados recolhidos (Guerra, 2006). Numa abordagem qualitativa este tipo de análise pretende “(...) compreender os fenómenos na sua totalidade e no contexto em que ocorrem (Coutinho, 2011, p. 329).

A análise de conteúdo é uma “ferramenta científica” e “como técnica de pesquisa, fornece pistas, aumenta a compreensão do pesquisador acerca de um fenómeno particular, ou informa ações práticas.” (Krippendorff, 2004, p. 18).

Aplicada às imagens captadas pelos participantes, a análise de conteúdo pode ser “baseada na contagem da frequência de certos elementos visuais, de uma amostra claramente definida de imagens, e de seguida na análise dessa frequência” (Rose, 2001, p. 56). Na análise das fotografias captadas pelos participantes, para ser possível codificar e agrupar, foram criados referentes como “conjunto de rótulos descritivos (ou categorias) ” (Rose, 2001, p. 59) no sentido de obter uma representação do conteúdo ou da sua expressão.

A análise de conteúdo é, por isso, uma técnica cujos resultados precisam de ser interpretados tendo em conta o entendimento de como as codificações de uma imagem fazem sentido, sendo que é necessário tempo, esforço e capacidade no sentido de produzir interpretações e explicações válidas e interessantes teoricamente. Para o efeito foram tidas

em conta todas as imagens relevantes e representativas para responder à pergunta de investigação.

Nos projetos de cariz qualitativo, como este, para se conseguir obter um retrato mais credível da realidade estudada e uma melhor compreensão dos resultados obtidos, surge o conceito “triangulação” que consiste em analisar dados, métodos e materiais pela combinação de pontos de vista diferentes (Coutinho, 2011, p. 208). Assim, no Capítulo III - Apresentação e Análise dos dados, perspetiva-se fazer a triangulação dos dados recolhidos, permitindo a comparação e confronto dos mesmos.

Quando possível procurou-se fazer uma análise qualitativa do discurso (Sousa, 2006, p.669), relativamente à participação oral e escrita e aos dados recolhidos da atividade “O que é para ti fotografia?”. Fez-se uma análise quantitativa do discurso (Sousa, 2006) com os dados recolhidos a partir das listas de 10 palavras para falar de fotografia, registadas pelos participantes na última sessão.

Para manter a confidencialidade dos participantes, estes foram mencionados apenas com a referência a letras, na análise de todos os dados recolhidos.

### 3. DESENVOLVIMENTO E PROCEDIMENTOS DA INTERVENÇÃO E DA INVESTIGAÇÃO REALIZADAS

#### 3.1. PROCEDIMENTOS PRÉVIOS

Antes de iniciarem as sessões do projeto de intervenção, foram realizados alguns procedimentos que vale a pena mencionar. Como resultado de algumas conversas informais, exploratórias, que antecederam este projeto, surgiu a oportunidade de desenvolver um Clube de Fotografia, no Agrupamento Escutista 762 Maceira, do Corpo Nacional de Escutas (CNE). O primeiro contacto com o agrupamento escutista foi estabelecido por contacto telefónico com uma das dirigentes, tendo sido posteriormente apresentado o projeto de intervenção a implementar, em reunião de dirigentes.

Para o planeamento das sessões foi respeitada a organização escutista, a sua estrutura e formas de trabalho. O Clube de Fotografia decorreu ao longo de 7 sessões, aos sábados de

manhã, das 10:00h às 12:00h, entre fevereiro e maio, na sala dos Lobitos, na sede do agrupamento escutista referido.

Para despertar a curiosidade pela fotografia, atrair e divulgar as inscrições dos participantes para o Clube de Fotografia, entre os escuteiros da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> seção, foi desenvolvida uma atividade no dia 25 de janeiro de 2019. Numa breve abordagem à história da fotografia, os escuteiros tiveram a oportunidade de “ver o céu ao contrário” DB #1 quando espreitavam pelo visor pinhole, de ver a sua imagem em espelho numa caixa de sapatos, por baixo de um pano preto e de descobrir como era o interior de uma câmera fotográfica antiga analógica. As inscrições foram feitas pelos pais, após receberem o convite elaborado pela investigadora, enviado por correio eletrônico através dos dirigentes das duas seções (ver Anexo 4).

Para todas as sessões foi elaborada uma planificação (ver Anexo 50) que serviu de guia às ações a desenvolver, tendo sido necessário ajustar, pontualmente, as atividades durante as sessões para ir ao encontro do ritmo e dos interesses dos participantes.

### *3.1.1 ASPETOS ÉTICOS: AUTORIZAÇÕES E CONSENTIMENTO INFORMADO*

Para o desenvolvimento do Clube de Fotografia, previamente, foi apresentado e elaborado um pedido de autorização (ver Anexo 2) dirigido ao Dirigente do Agrupamento.

Para o desenvolvimento de um projeto de investigação é essencial garantir as questões éticas. “O primeiro problema com que o investigador se depara no trabalho de campo é a autorização para conduzir o estudo/projeto que planeou.” (Bogdan, R. & Biklen, S. 1994, p. 115). Estes autores aconselham que o investigador explique claramente os seus interesses junto dos participantes tentando que estes colaborem consigo. Assim, no início da primeira sessão do clube, teve lugar uma reunião com os pais dos participantes, tendo em conta a sua idade para, pessoalmente, dar informações sobre o desenvolvimento do clube, confirmar o calendário das sessões, esclarecer questões de ética, confidencialidade e anonimato. Ficou claro aos pais que a participação era voluntária, com a possibilidade de desistência a qualquer momento.

Captar fotografias é uma ameaça à privacidade e ao anonimato, diz-nos Bogdan, R. e Biklen, S. (1994) pelo que é necessário conseguir o consentimento das pessoas fotografadas. Nesse sentido, na reunião com os pais atrás referida, foi assinada individualmente por todos os encarregados de educação, a Declaração de Consentimento Informado (ver Anexo 5) que contém a autorização para a recolha de dados e de fotografias dos participantes. Foi ainda solicitado a Autorização do uso das fotografias resultantes do Clube de Fotografia para participar na exposição final (ver Anexo 6).

### *3.2. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO*

Pensamos ser oportuno explicitar alguns procedimentos que se repetiram ao longo nas sessões do clube.

O início de todas as sessões, à exceção da 1.<sup>a</sup>, foi destinado à observação e diálogo sobre fotografias, ora levadas pela investigadora, ora captadas pelos participantes, promovendo a comunicação e as relações interpessoais a partir da leitura de imagens fotográficas. Tendo em conta a idade dos participantes, a dinâmica das atividades propostas e a espontaneidade na comunicação que se pretendia, privilegiou-se a participação oral dos membros do clube.

Usando as tecnologias de informação e comunicação, para se proceder à observação de fotografias, estas foram projetadas numa parede da sala dos Lobitos.

Nas várias atividades destinadas à captação de fotografias, os participantes tiveram oportunidade de experienciar a fotografar usando duas câmeras fotográficas digitais semiprofissionais, uma Canon M50 e uma Canon 5D, que foram emprestadas aos participantes, para serem cuidadosamente utilizadas nas sessões.

Propositadamente os participantes não podiam usar os seus dispositivos digitais (tablet ou telemóveis) para a captação de fotografias, pois pretendia-se que a atividade de fotografar fosse uma experiência e uma aprendizagem significativa, e igualmente, prazerosa e educativa, perspetivando-se que a oportunidade de contactar e manusear aquelas câmeras digitais iria motivar e agradar os participantes para a técnica de fotografia. Ao usarem os

equipamentos fotográficos disponibilizadas pela investigadora, não haveria dispersão quanto aos recursos usados no projeto.

Para a recolha de dados, os inquéritos por questionário decorreram em dois momentos distintos: na primeira sessão foi aplicado um questionário inicial (ver Anexo 8) para conhecer os participantes e a sua relação com a fotografia. No final de todas as sessões, como exercício de reflexão individual, os participantes responderam ao questionário intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” (ver Anexo 17) para partilharem o que aprenderam, o que mais gostaram e o que sentiram durante as sessões. Os diários de bordo dos participantes foram lidos e analisados no final de cada sessão e constituem-se também como dados para análise. As gravações áudio e vídeo foram analisadas tendo sido transcritas algumas partes consideradas relevantes para este relatório. Estes dados, recolhidos sistematicamente, foram tratados e analisados e serão apresentados no Capítulo III - Apresentação e Análise de Dados, deste relatório.

Em todas as sessões os participantes usaram um crachá de membro do Clube de Fotografia e cada um tinha um diário de bordo, um livrinho formato A5 no qual os participantes podiam fazer vários registos e onde constavam os enunciados dos desafios a serem desenvolvidos, assim como o questionário a ser respondido no final de cada sessão.



Figura nº 1 - Crachás e Diários de Bordo dos participantes

Para uma melhor perceção de todas as ações desenvolvidas nas sessões no Clube de Fotografia e o seu encadeamento, apresenta-se no Anexo 3, um cronograma do projeto de intervenção, que serve como Planificação Geral das ações do Clube de Fotografia.

A dimensão de avaliação decorreu ao longo de todo o projeto (diário de bordo da investigadora e questionários no final de cada sessão) concretizando assim propósitos da metodologia de investigação-ação enunciados no enquadramento teórico. A divulgação do

projeto teve lugar na montagem do painel do Clube de Fotografia, na sala dos Lobitos (sessão # 4) e com a exposição final “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”, na última sessão do clube.

Para além dos instrumentos de recolha, tivemos também em conta os registos dos visitantes no livro de honra, disponível durante a exposição final de fotografias, constituindo-se o mesmo como objeto de análise, por se ter considerado que os comentários ali mencionados demonstram a dimensão do envolvimento da comunidade.

O desenvolvimento das atividades teve como estrutura três componentes que se articulam entre si: treino da técnica de fotografia (1ª e 2ª sessão), observação crítica (2ª, 3ª, 6ª sessão) e construção de significados (todas as sessões).

#### *SESSÃO #1 - OLHA À TUA VOLTA*

A leitura animada da história «Posso juntar-me ao clube?», de John Kelly (2017) foi o mote para iniciar o Clube de Fotografia, com o intuito de criar uma relação de proximidade e de sentimento de pertença a um novo contexto. Como membros do Clube de Fotografia, foram informados que teriam direito a usar um crachá com o seu nome.

A apresentação dos membros do clube foi feita através de fotografias projetadas na parede da sala. Cada participante selecionou aquela que para si era mais significativa, entre as várias fotografias e fez a sua apresentação revelando a fotografia escolhida e o que esta lhe fazia lembrar ou sentir. Por fim contaram os motivos que os levaram à inscrição no clube.

Para conhecer melhor os participantes, foi-lhes pedido para responderem a um pequeno inquérito inicial no qual se ficou a conhecer a sua relação com a captação de fotografias e a sua conceção de «fotografia» (ver Anexo 9).

Para além de desenvolver a observação, o pensamento visual e a capacidade de transformar a mensagem e o seu veículo visual em comunicação, na forma de expressão verbal, inspirada no ativador criativo da Leitura Recriativa de Imagens (Charaf, 1999, cit. em Costa 2006), a investigadora propôs uma atividade de observação de três fotografias (ver Anexo 18), que criassem uma relação de proximidade com os participantes, por isso as imagens

têm crianças e uma delas inclui um elemento muito familiar, o cão, e ainda que partir destas fosse possível várias interpretações. Cada participante, na sua vez, foi convidado a fazer dois tipos de análise: primeiro uma descrição objetiva e detalhada da imagem, respondendo à pergunta “O que vês nesta fotografia?” Num segundo momento, foi pedido uma descrição afetiva e inferencial da imagem, respondendo a questões como: “Gostas desta fotografia? Do que não gostas nesta fotografia? Porquê? O que te lembrar? O que te faz sentir?” As perguntas abertas foram colocadas para incentivar e provocar o diálogo e as intervenções, salientando dois tipos de análise que se pode fazer na observação de uma imagem, diferenciando a visão objetiva e uma análise mais subjetiva na leitura de uma imagem.

Após o diálogo sobre fotografias, foi proposto aos participantes, como se fosse um jogo de adivinhas, que tentassem descobrir quais as fotografias editadas e as reais, a partir da projeção de várias imagens fotográficas. Para os participantes contactarem com os equipamentos fotográficos disponíveis, servindo de exercício de diagnóstico de captação de fotografias e para desenvolver o sentido de observação do espaço e de treino do manuseamento de uma câmara digital, foi realizada a atividade Desafio 1 “Olha à tua volta”. Os participantes fotografaram vários objetos, nos vários espaços da sede, guiados por uma *checklist* com alguns critérios, colada nos seus diários de bordo. Neles podiam escrever o que pensavam fotografar, incutindo algum planeamento do que pretendiam captar, identificavam os objetos fotografados e o número da fotografia captada.

Por falta de tempo, nenhum dos participantes terminou a atividade e “alguns participantes pediam para captar mais fotografias.” (DB #1) Perante as suas solicitações insistentes e entusiásticas para acabarem a tarefa em casa, embora não estivesse planificado, foi improvisado uma atividade semelhante ao exercício prático da sessão, no qual deviam fotografar três objetos representativos de um quadrado, um triângulo e algo amarelo. As fotografias poderiam ser captadas no contexto familiar dos participantes e enviadas por correio eletrónico para a investigadora. Este procedimento foi previamente abordado junto dos pais.

## *SESSÃO #2 - O OLHAR FOTOGRÁFICO*

Apesar de o exercício a realizar em casa ter sido facultativo, quatro participantes realizaram-no, o que revelou empenho e compromisso com o Clube de Fotografia.

A primeira atividade foi a observação das fotografias, captadas na sessão anterior e aquelas que enviaram à investigadora. Durante essa ação os participantes identificaram as suas fotografias expressando as suas opiniões sobre o que sentiram da experiência de captar fotografias.

A seguir foi apresentado e analisado um conjunto de diapositivos multimédia para abordar de forma sintética e adequada ao nível de compreensão dos participantes, algumas noções de composição de imagem fotográfica como enquadramento, regras dos dois terços, as cores e a importância da luz para a fotografia.

Para manter o olhar observador e dirigido, nesta sessão foram construídas pelos participantes, molduras vazadas com cartolinas pretas, para serem usadas antes da captação das fotografias. Ao experimentarem a fazer enquadramentos, foi necessário ir junto de cada participante para corrigir a postura e esticar o braço com o qual agarravam a moldura de cartolina. Este foi um recurso simples e prático, para facilitar aos participantes, a procura de enquadramentos e pontos de vista nos contextos a fotografar.

Nesta sessão concretizou-se a primeira saída de campo para fotografar no exterior da sede do agrupamento. O local escolhido foi o espaço da N. Sra. da Barroquinha, por ser perto da sede, conhecido pelos participantes e propício à observação de vários elementos da natureza ou construídos pelo Homem. Ali foram realizadas duas atividades que serviram também como treino da técnica de fotografia.

A primeira atividade foi a observação e captação fotográfica do mesmo objeto, uma mesa, com pontos de vista diferentes, permitindo ainda que os membros do clube se observassem uns aos outros a fotografar. Num espírito de descoberta e por tentativa e erro, os participantes podiam escolher o que fotografar no espaço circundante.

Na atividade do Desafio 2 os participantes, tinham no diário de bordo, uma lista de critérios indutores a fotografar, o que se verificou útil e revelou ser uma estratégia orientadora, que

serviu para o registo do número da fotografia selecionada e a redação de uma legenda. Cada participante pode explorar algumas funcionalidades da câmara fotográfica digital como o zoom, a distância de focagem ou movimentar-se no espaço antes de fotografar.

Para selecionar as fotografias captadas, foi pedido aos participantes para as visualizarem no visor nas câmeras digitais disponíveis. Assim, cada um escolheu quais as fotografias mais significativas e expressivas, para representar o que o queriam captar e de acordo com o seu gosto.

Alguns participantes solicitaram alguma ajuda para procurar o que fotografar ou apoio no uso das câmeras digitais. Enquanto fotografavam faziam observações e críticas ao estado de conservação do local ou da falta de limpeza do mesmo, revelando sentido crítico. Cada participante podia fotografar com as câmeras consoante a sua disponibilidade ou preferência. Ainda foi necessário apoiar o manuseio dos equipamentos fotográficos, pelo seu peso e dimensão, acompanhar de perto e verificar como o faziam. Na 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> sessões foi necessário, ajudar a posicionar as suas mãos corretamente para agarrar a câmara fotográfica em segurança. Todos os participantes fizeram perguntas sobre os botões das câmeras que iam experimentando, revelando muita curiosidade e interesse por fotografar com câmeras fotográficas digitais.

Enquanto dois participantes fotografavam, os restantes ora iam olhando o espaço circundante para escolher os elementos a fotografar. A moldura vazada de cartolina foi usada, por várias vezes, para procurarem enquadramentos e decidirem o que preferiam fotografar. Quase no final da sessão, sentados numa das mesas do local, os participantes responderam às questões do Desafio 2.1, nos seus diários de bordo, onde teriam que registar as suas perceções sobre o local fotografado. Por fim, foi preenchido o questionário “Dá a tua opinião sobre sessão de hoje”.

Para preparar a saída de campo da sessão seguinte, foi enviado um email aos pais a dar informações sobre a atividade de captação fotográfica no “Trilho da Amazónia”.

### *SESSÃO #3 - A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO E INTERVENÇÃO*

Esta sessão teve a duração de 4h para se conseguir fazer a pé parte do percurso do “Trilho da Amazônia”, para captar fotografias e desenvolver as atividades do Desafio 3, 3.1 e 3.2 disponíveis nos diários de bordo dos participantes (ver Anexos 13,14,15).

Antes do desafio fotográfico da saída de campo, a sessão começou com a observação das fotografias captadas pelos participantes no local da N. Sra. da Barroquinha. Cada participante foi falando da sua fotografia com grupo. Surgiram diálogos sobre as diferenças e semelhanças encontradas nas fotografias que retratavam a mesma mesa. Seguiu-se a leitura a partir de duas fotografias captadas por um dos participantes, propositadamente, numa posição oblíqua em relação ao objeto.

Em seguida foram analisadas fotografias de caminhos pedonais requalificados no nosso país, os passadiços de Fiães, em Aveiro, e o passadiço de Sistelo em Arcos de Valdevez, por serem passadiços construídos num percurso à beira de um ribeiro, numa situação similar àquela que se iria encontrar no trilho. Em simultâneo, foram abordadas algumas regras a ter em conta durante a sessão de fotográfica no percurso pedestre.

Nos diários de bordo dos participantes existiam duas atividades para a captação fotográfica: o Desafio 3 solicitava a cada participante que fotografasse elementos considerados agradáveis ao longo do trilho, enquanto o desafio 3.1, requeria que fossem captadas fotografias de elementos que lhes suscitassem preocupação e inquietude e que precisavam de ser melhorados ao longo do percurso.

Neste desafio, os participantes podiam captar fotografias dos elementos que desejassem captar. Para selecionar as fotografias fizeram um procedimento já conhecido nas sessões anteriores: olhar as fotografias no visor da câmara, selecionar as preferidas e registar o seu número no diário de bordo, acrescentando uma legenda, para depois da sessão, a dinamizadora conseguir organizar as fotografias pelos seus autores.

Depois do almoço volante foi realizado o Desafio 3.2 no diário de bordo. Ali os participantes registaram, nos seus diários de bordo, a sua perceção sobre o que mostravam as fotografias por eles captadas, podendo assim expressar as suas preocupações relativamente à preservação da natureza envolvente.

A última parte desta sessão estava reservada à observação das fotografias captadas anteriormente ao longo do percurso pedestre. Já na sede, confortavelmente sentados, os participantes dialogaram sobre o que viram e sobre o que conseguiram fotografar recontando algumas peripécias vivenciadas no grupo durante o trilha.

Por fim, foi explicado o Desafio 4 “Observa e fotografa a tua comunidade” e entregue um folheto do mesmo a cada participante. Para este desafio, os participantes foram convidados a fotografar em diversos contextos, que estão para além do clube, apelando ao seu espírito crítico e observador e a uma atitude participativa e de envolvimento na comunidade. Com o espaço temporal de três semanas até à sessão seguinte, os participantes tinham que captar cinco fotografias, com os seguintes critérios: “duas situações que lhes suscitassem preocupação ou elementos que não gostam de ver na sua rua/comunidade; duas fotografias de elementos/espacos que gostassem e ainda uma fotografia com um tema ao seu gosto”. Com este exercício prático, os participantes podiam fotografar o que entendessem e quando entendessem, promovendo o olhar crítico sobre a sua comunidade, assim como a expressividade e a espontaneidade.

#### *SESSÃO #4 - A FOTOGRAFIA E A PALAVRA*

Esta sessão começou com a observação e diálogo sobre as fotografias do Desafio 4, captadas pelos participantes em diferentes contextos e enviadas por correio eletrónico para a investigadora. Com as fotografias espalhadas no chão, ou no regaço, os participantes apresentaram-nas uns aos outros. Oralmente foram colocadas algumas perguntas para que os participantes exprimissem a relação que tinham com o elemento fotografado e a motivação para fotografar o mesmo, com o intuito de promover o diálogo e a partilha de mais informações, incentivando a comunicação em torno das fotografias à medida que eram apresentadas. Por vezes foi-lhes solicitado que localizassem no tempo e no espaço as imagens captadas.

Para incentivar a participação de todos nessa apresentação foram colocadas algumas questões como: *“Porque motivo todos captaram fotografias de pontes? O que têm em comum essas fotografias? Quem fotografou dois buracos e porquê? Quem fotografou o azevinho? Foi fácil fazer fotografias macro? Quem conseguiu captar imagens com lixo? Há uma fotografia muito diferente das restantes. Qual é?”*

Em seguida foi proporcionado um momento de reflexão aos membros do clube sobre o que poderiam fazer com as fotografias que captaram até ao momento. Como forma de intervenção um dos participantes propôs “*Enviar um email ao Presidente da Junta de freguesia*” (participante B, DB #4). Tendo sido questionados, entre os espaços que fotografaram, qual lhes levantava mais preocupações e, por isso, precisava de maior intervenção, grupo decidiu debruçar-se sobre as fotografias captadas no “Trilho de Amazónia”.

Tendo em conta os objetivos da investigação em curso, nomeadamente o que se relacionava com a partilha as fotografias resultantes do Clube de Fotografia, foram solicitadas e valorizadas as sugestões e ideias dos participantes, quanto à melhor forma de intervir e de fazer a divulgação junto da comunidade local.

Ao terminar este debate cada participante escolheu duas fotografias: uma que retratasse um aspeto positivo, algo que gostaram no trilho, e outra de um aspeto negativo, isto é, algo de que não gostaram e lhes causou preocupação, e sobre elas deveriam escrever um texto, para cada uma das fotografias selecionadas de forma a responderem às seguintes questões: O que vêes?; O que sentiste ao fotografar? e Porque captaste esta fotografia?

Com o intuito de obter o registo oral e escrito da mesma fotografia, a investigadora solicitou a cada elemento do grupo que respondesse oralmente às questões anteriormente colocadas. O primeiro momento de divulgação das atividades do clube, teve lugar com a montagem de uma exposição de alguns resultados fotográficos no painel Clube de Fotografia (Figura nº4), colocado para o efeito, numa das paredes da sala dos Lobitos, onde o clube se reunia.



Figura nº 2 - Produção textual sobre as fotografias captadas no trilho



Figura nº 3 - Produção textual sobre as fotografias captadas no trilho



Figura nº 4 - Painel do Clube de Fotografia

## *SESSÃO #5 - A FOTOGRAFIA E A PALAVRA*

Como forma de comunicar as preocupações dos membros do clube quando à conservação do “Trilho da Amazónia” e, para concretizar uma das sugestões que o grupo deu como forma de intervenção na sua comunidade local, foi redigida uma carta ao Presidente da Junta de Freguesia da Maceira.

Antes desta atividade de produção textual foi abordado, sucintamente, o que é uma carta formal. Com a intenção de motivar a interação entre todos os elementos do grupo, desenvolver as competências comunicativas e, uma vez mais, promover a construção de relações e de diálogo entre os participantes. Com um documento de texto aberto no computador e projetado na parede da sala, a investigadora foi registando os diversos contributos que os participantes iam dando oralmente. Em diálogo e consenso entre todos, resultou numa produção textual construída em conjunto. Depois de retificada, “mas que traduzisse as preocupações e a voz dos participantes” (DB #5), a carta foi enviada por correio eletrónico para o Presidente da Junta de Freguesia da Maceira.

A seguir os participantes selecionaram as fotografias mais significativas para si e que melhor retratassem o trilho, revelando aquilo de que gostam e o que não gostam, as suas preocupações, em relação àquele espaço natural. Foi altura de tomar de decisões, em grupo, os participantes selecionaram as fotografias para apresentar na exposição na última sessão, 18 de Maio, no evento escutista Rota dos Sentidos ao Luar.

Para a exposição alguns participantes mantiveram a sua seleção de fotografias, a outros foi-lhes sugerido pelos pares, para escolherem outras imagens, sabendo que cada um só poderia participar na exposição final com duas fotografias. Como estas estavam em papel, foi-lhes fácil manusear e, colocando-as lado a lado no chão, foram organizando aquelas que preferiam e consideram mais importantes e significativas para expor, no entendimento de todos os membros do grupo.

Seguidamente os participantes escreveram as legendas das suas fotografias para colocar na exposição. (ver Figura nº 13, DB #5) Para aqueles que não alteraram a sua seleção de fotografias, poderiam acrescentar mais informações ou, eventualmente, podiam tentar fazer algumas rimas ou quadras. Estas sugestões foram aceites pelos participantes que ficaram envolvidos na produção textual. Alguns participantes inventaram um título para as suas

fotografias. Numa partilha entre os membros do clube, seguiu-se a leitura das legendas, na qual cada um apresentou as suas fotografias ao grupo (ver Figura nº 14, DB #5) e, espontaneamente, explicaram as suas escolhas para a sua seleção fotográfica.

A última parte da sessão foi reservada à criação de um título para a exposição final. (ver Figura nº 14, DB #5) Da união entre duas sugestões dos participantes e após votação, emerge o nome da exposição final, “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”.

### *SESSÃO #6 - A FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO*

Na sessão #6 foi necessário um exercício de reformulação das legendas para criar uma uniformidade na apresentação das mesmas. Cada legenda tinha três frases que os participantes deviam terminar: “Nesta fotografia vejo...”; “Quando fotografei senti...”; “Captei esta fotografia porque...” Para tal, as crianças poderiam consultar o que já haviam escrito anteriormente, nos seus diários de bordo e/ou podiam completar e acrescentar novas ideias. Todos os participantes criaram um título para as fotografias que integraram a exposição final.

Na segunda parte da sessão realizou-se a última saída de campo do Clube de Fotografia, o Desafio 5, permitindo aos seus membros a captação de fotografias a caminho e no centro da freguesia da Maceira. Aquele espaço foi escolhido para que não se repetissem experiências fotográficas e porque era perto da sede, com fácil acesso na deslocação a pé.

Antes de saírem da sede, para além de serem recordadas algumas regras de segurança para caminhar em grupo na rua, os participantes, olhando para as situações no centro da vila da Maceira, foram informados que podiam fotografar o que entendessem, podendo escolher o que gostariam de fotografar, no entanto tinham uma condição: apenas podiam captar duas fotografias, facto que exigia por si só, critérios de seleção intrínsecos. Os participantes fotografaram sozinhos e com espírito observador, demonstrando algum à vontade no manuseio da câmara digital.

Junto de cada participante, depois de este fotografar, a investigadora colocou as questões anteriormente utilizadas para a produção textual e por isso já conhecidas pelos

participantes: 1. O que vês na fotografia? 2. O que sentiste ao captar a fotografia? 3. Porque captaste esta fotografia?

Neste último desafio de captação de fotográfica, os participantes fotografaram com envolvimento e concentração, captando com a sua expressão e os seus olhares, através da fotografia, diferentes situações no centro da freguesia da Maceira. Espontaneamente mostraram as suas fotografias no visor das câmeras uns ao outros, dialogavam e trocavam ideias e sugestões sobre as fotografias captadas.

À medida que foram acabando as suas captações fotográficas nos seus diários de bordo, os participantes completaram a frase “Para mim este clube foi...” e fizeram a avaliação da sessão respondendo ao questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”.

#### *SESSÃO #7 - A FOTOGRAFIA COMO INTERVENÇÃO*

A última sessão do clube foi reservada à montagem da exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”. Para uma boa gestão do tempo, à medida que os membros do clube foram chegando realizaram, sozinhos e individualmente, a primeira atividade planeada, fazer uma lista de palavras para definir «fotografia».

Os participantes participaram na montagem da exposição e afixação dos seus trabalhos fotográficos no painel de corticite. A exposição ficou patente numa das paredes do pavilhão da sede do agrupamento, cuja a autorização de utilização tinha sido solicitada junto do dirigente. Já sentados confortavelmente na sala dos Lobitos, a seguir, os participantes ouviram atentamente a leitura do ofício, enviado por correio eletrónico à investigadora, remetido pelo Sr. Presidente da Junta de Freguesia, em resposta ao email enviado manifestando as suas preocupações quanto ao Trilho da Amazónia.

Entre muitas palavras para falar de «fotografia» agora chegava o momento de escolher uma para a desenhar na capa do diário de bordo. Cada participante, a partir da sua lista de palavras escolheu aquela que, para si, era a mais significativa e representativa para traduzir o conceito referido, terminando assim, a frase incompleta que constava, desde o início do Clube de Fotografia, na capa do seu diário de bordo.

À medida que foram terminando esta atividade, responderam ao último questionário, já colado no interior seus diários, para fazerem um balanço das ações desenvolvidas no clube. Por fim, os participantes ajudaram a montar a exposição e, num trabalho de equipa, afixaram no espaço do painel disponível, as fotografias que revelam as várias ações e momentos vividos ao longo das sessões do clube.

### Inauguração da exposição

A exposição foi divulgada nas redes sociais na página do Facebook do agrupamento (ver Anexo 43). Para a inauguração foram enviados convites por email para os pais dos participantes, para os dirigentes da 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Seção, para o dirigente do agrupamento escutista e para o Sr. Presidente da Junta de Freguesia, pretendendo-se que fosse um momento de encontro entre as pessoas diretamente envolvidas, para que todos juntos pudessem partilhar experiências e apreciar os trabalhos fotográficos dos participantes deste projeto. Na presença dos convidados a investigadora iniciou a inauguração da exposição dando os parabéns a todos os intervenientes e deu a palavra aos participantes. Cada um dos “grandes” fotógrafos expressou, com as suas palavras, as experiências que viveram no Clube de Fotografia.

### Intervenção com a comunidade

A exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” estava integrada no evento Rota dos Sentidos ao Luar, que consistia numa caminhada feita ao serão pelo “Trilho da Amazónia”. A mesma terminou pelas 23:30h na sede do agrupamento. Para receberem uma refeição a que tinham direito, os cerca de 350 participantes, aguardaram junto à exposição, aproximando-se para ver as fotografias e ler as suas legendas. Comentaram entre si o que estavam a observar e ainda deixaram comentários no livro de honra, colocado ali para esse efeito (ver Anexo 41).

## CAPÍTULO III: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo são apresentados e analisados os dados recolhidos usando os vários instrumentos e métodos na recolha de dados. Tendo sempre presente os objetivos formulados inicialmente, identificámos no corpo de dados recolhidos ao longo do projeto, as seguintes categorias de análise: Observação Crítica, Experiências significativas, Fotografia como expressão, Comunicação e Intervenção.

Neste capítulo, os dados recolhidos foram recortados e são apresentados enquadrados dentro das categorias de análise supra mencionadas.

Verifica-se que os referentes nos quadros de análise das fotografias captadas são diferentes pois as atividades foram realizadas em contextos diferentes. Considerando o número elevado de fotografias observadas e os diálogos que surgiram, foram selecionados os dados mais relevantes para cada categoria.

### 1. OBSERVAÇÃO CRÍTICA

Durante as sessões houve vários momentos para despertar e desenvolver a capacidade de observação crítica dos participantes, que a seguir se apresentam.

Na primeira sessão, o Desafio 1- Olha à tua volta - os participantes tinham que observar vários espaços da sede e fotografar seguindo uma lista de critérios (ver Anexo 10). Os participantes C e E partilharam a mesma câmara e fotografaram a par e par, pelo que captaram os mesmos objetos. O participante E reparou que *“Algumas das minhas fotografias, o triângulo [o lenço escutista] e o espaço vazio, que era a tenda, são parecidas, mas são diferentes da C”*. Já quase no final da atividade o B observou que *“Tínhamos as coisas para fotografar mas fomos capazes de fazer fotografias diferentes. Muito fixe”*. Os participantes constataram que embora os critérios fossem os mesmos para todos, cada um captou fotografias de diferentes objetos e a partir de vários pontos de vista, obtendo-se resultados distintos (ver Anexo 20).

Na sessão #2, à pergunta “O que achas das tuas fotografias?”, os participantes foram críticos sobre as fotografias captadas por eles no desafio que realizaram em casa. O

participante B reparou que “*O triângulo não está muito bem porque está num cantinho...*” (ver Anexo 22) demonstrando sentido observador. O participante C também foi crítico a uma das fotografias que captou quando afirmou “*Isto não se vê muito bem, mas é um triângulo com rolhas.*” (ver Anexo 22). O mesmo contou que construiu o triângulo com tampas de garrafas e reconheceu que, quanto à qualidade da imagem, “*Esta está um bocadinho má, mas porque eu lembrei-me disso, tipo, já de noite...*” (ver Anexo 22) identificando que no momento de fotografar faltou um elemento visual, a luz.

Neste desafio para casa, das fotografias captadas e apresentadas aos elementos do grupo (ver Anexo 21), 10 representam objetos fotografados no interior de casa e 2 mostram elementos naturais, um dentro de casa (um limão) e outro fora de casa (flores).

Para análise das fotografias captadas no Desafio 4 foi elaborado o quadro nº 15 (Ver Anexo 33) com os seguintes os referentes: animais, natureza (plantas, árvores, espaços verdes), estruturas (pavimentos, paredes, casas, muros), objetos (*hoverboard*, moldura com fotografia, bolo do aniversário do escuteiro, almofada e figura humana) e lixo (objetos ao abandono e óleo derramado). Os referentes mostram situações captadas total ou parcialmente. Uma das fotografias apresentadas pelo participante D não foi considerada para análise pois foi captada pela sua mãe.

Durante a apresentação das fotografias captadas, verifica-se que os participantes captaram estruturas para retratar situações que os preocupam como as casas em ruínas (participantes A, E, F) e um candeeiro no meio do passeio (F). Apenas a casa do participante E e a piscina do participante A foram referidas, nos diálogos, como estruturas que gostavam.

O referente Lixo reúne quatro fotografias que representam situações desagradáveis como: o lixo no chão e óleo derramado (participantes B, C e D). Outras imagens retratam situações que inquietam os participantes como o pinhal queimado (A), árvores derrubadas (participante C) e um pássaro morto no chão (participante B). À exceção dos “*cabritinhos bebés*” (D), os outros animais representados são animais domésticos dos participantes. Num total de vinte e oito fotografias, não há *selfies*<sup>4</sup> nem fotografias dos pais, o que suscita

---

<sup>4</sup> *Selfie* é termo inglês para referir autorretratos. Um neologismo com origem no termo self-portrait, que significa autorretrato. Uma selfie é captada pela própria pessoa que aparece na fotografia, usualmente com telemóvel que possui uma câmara incorporada. Em 2013, os responsáveis pelos dicionários da Oxford escolheram *selfie* como a palavra do ano. Fonte: <https://www.significados.com.br/selfie/>, acessado em 14. Junho.2019.

aquí o levantamento de um dado curioso verifica-se que há apenas uma que inclui o elemento humano. Não foi possível indagar as crianças sobre este facto.

O participante C fotografou uma moldura com um retrato, ou seja, uma memória familiar. Durante o diálogo a investigadora questionou se não seria mais fácil captar uma fotografia com as irmãs, ao que explicou que a sua irmã mais velha está a estudar fora e esclareceu: *“E eu fotografei esta fotografia porque eu acho que é muito bom ter família e isso simboliza o amor entre as irmãs.”* (C).

Para esta análise ser mais completa na sua significação ficámos a conhecer o contexto das fotografias através da apresentação oral que cada criança fez das suas fotografias. É neste cruzamento de informações entre a fotografia e a palavra que podemos enquadrar as fotografias em duas categorias: o contexto familiar de casa, espaço interior da casa e o contexto fora de casa, o espaço exterior, no qual os participantes captaram, essencialmente, elementos de que não gostam. As fotografias que retratam os elementos de que gostam, foram captadas no espaço da casa do participante, considerando-o como o lugar que habita, o seu espaço afetivo e de conforto, no qual os participantes fizeram registos fotográficos de elementos de que gostam, como animais domésticos e alguns objetos. A estes elementos, na apresentação das fotografias aos membros do clube, no seu discurso oral, as crianças referem “o meu gato”, “o meu terraço”, “a minha piscina”, “a almofada que eu fiz” percebendo-se a sua relação afetiva e o sentido de propriedade das representações fotográficas feitas no contexto familiar.

No questionário disponibilizado no final da sessão #3, para esta categoria de análise, Observação Crítica, destacamos o que os participantes responderam à pergunta “Como te sentiste na sessão de hoje?” (ver Anexo 48). Entre outras respostas encontramos participantes que assumem ter sido um “*bom observador e crítico da natureza*” (B, C); “*Sinto-me bem, alegre e observadora para registar tudo o que estava no trilho.*” (F), “*Observar o trilho e ver o que pode ser melhorado*” (E). À questão “Hoje gostei mais de...” duas das respostas registadas foram: “*Captar fotografias na natureza para registar tudo o que vemos.*” (F) e “*Captar fotografias e ser uma observadora da natureza*” (C) (ver Anexo 48).

No mesmo questionário, para completar a frase “Hoje aprendi que...” os participantes escreveram: “*A fotografia ajuda-nos a observar melhor aquilo que nos rodeia e a estar com mais atenção a todos os pormenores.*” (B); “*As fotos transmitem melhor os arranjos. Ao fotografar vi melhor o que estava à minha volta e fico mais atento e observador.*” (D) (ver Anexo 46).

No questionário final, na última sessão do clube, à pergunta “O que aprendeste/ descobriste no Clube de Fotografia?”, dois participantes referem que aprenderam a ser bons observadores (F e D). “*Aprendi a ser um bom observador da minha terra e consigo captar melhor as fotografias.*” (D) (ver Anexo 49).

“Os diálogos em torno das imagens fotográficas contribuíram ainda para a troca de informações e partilha de conhecimentos, por exemplo que o azevinho é uma espécie protegida, e até serviram como pretexto para trocaram impressões sobre os lençóis de água freáticos, conferindo, uns com os outros, os seus conhecimentos na área das ciências, que adquiriam em contexto escolar.” (DB # 4)

A observação de fotografias impulsionou muitos diálogos entre os participantes onde foi possível encontrar pontos de vista convergentes e divergentes nas representações que cada criança foi partilhando, respeitando as suas opiniões e a sua identidade, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e da literacia visual.

Foi observável a dedicação e a concentração no momento de fotografar. Os participantes manifestaram envolvimento na descoberta do meio envolvente para, ao olhar e sentir o que estava em seu redor, conseguir captar uma fotografia. Também é de registar o compromisso na realização dos desafios fotográficos que extrapolaram os espaços e sessões do clube quando foram incitados a fotografar na comunidade, com um olhar crítico e observador.

### *1.1. LIGAÇÃO FOTOGRAFIA E A PALAVRA*

Nesta subcategoria serão apresentadas as ações nas quais está presente a ligação entre a fotografia e a palavra, como processo e resultado da observação crítica desenvolvida nos vários desafios fotográficos. Pretende-se fazer a análise combinada entre a representação visual e a expressão oral e escrita correspondente, onde foram perceptíveis as várias interpretações feitas pelos participantes.

A observação de fotografias, promoveu muitos diálogos e possibilitou várias leituras recreativas da imagem, a partir de duas fotografias de uma mesa, no espaço da N. Sra. da Barroquinha, captadas por um dos participantes, propositadamente numa posição oblíqua.

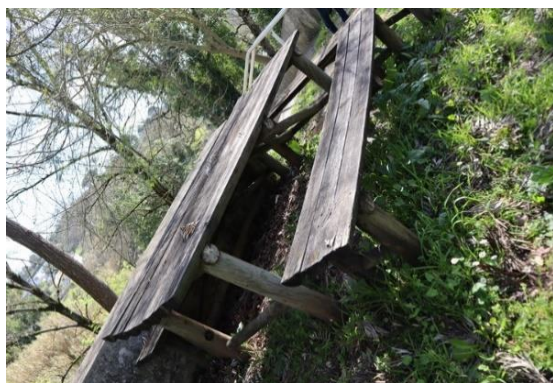


Figura nº 5 - Fotografia 1 captada pelo participante B, sessão #2

Leitura recreativa da imagem
<i>“Parece que está tudo a cair para aqui.” (C)</i>
<i>“Está na diagonal.” (A)</i>
<i>“Era para estar mais para aquele lado.” (B)</i>
<i>“Não parece muito bem uma mesa.” (D)</i>
<i>“Isto a mim parece-me... é um piano. (...) porque ali se vocês repararem há... a parte do banco é aquela parte onde se toca(...) é o tampo do piano.” (C)</i>
<i>“Um escorrega gigante. Na Fonte da Barroquinha há lá uma cascata, portanto é um escorrega de água.” (A)</i>

Quadro nº 1 - Leituras recreativas da imagem da Figura nº 5



Figura nº 6 - Fotografia 2 captada pelo participante B, sessão #2

Leitura recreativa da imagem
<i>“Parece mais um jogo.” (A)</i>
<i>“Parece um canteiro. (...) Sim aquelas duas árvores são plantadas ali.” (C)</i>
<i>“Parece uma gruta, um local, uma cascata, ou assim.” (A)</i>
<i>“É um monstro. É um olho e depois outro maior. (...) Aquela árvore parece um olho e depois aquilo está maior e depois aqui são os dentes.” (B)</i>
<i>“A mesa parece um monstro.” (E)</i>

Quadro nº 2 - Leituras recreativas da imagem da Figura nº 6

Nos registos da leitura recreativa da imagem observando duas fotografias que retratam o objeto, verificamos que há várias interpretações possíveis feitas pelos participantes. Como podemos constatar estas duas fotografias originaram leituras muito divergentes, tendo cada participante expressado oralmente o que conseguia “observar” para além de uma mesa, produzindo assim novos significados, resultado para uma leitura pessoal e subjetiva do significante representado na fotografia.

Após o Desafio 3, “Observar e fotografar o “Trilho da Amazônia” (ver Anexo 13 e 14), os participantes selecionaram fotografias e escolheram uma imagem que representasse um elemento de que tinham gostado e outra de uma situação ou elementos de que não gostaram durante o percurso pedonal. Ao analisar as fotografias selecionadas, para além de *“elementos repetidos, alguns escolheram imagens com sombras ou até desfocadas, ainda assim, muito significativas para os seus autores.”* (DB #4).

Para a ação de produção escrita, na sessão #4, foi solicitado que fizessem uma descrição de 2 fotografias, respondendo às perguntas: O que vêes nesta fotografia?; O que sentiste ao captar a fotografia?; Porque captaste esta fotografia? Com o propósito de obter mais informações a partir da expressão oral, cada participante respondeu às mesmas perguntas. *“No entanto, a maioria dos participantes limitou-se a ler o que entretanto já tinha escrito, não acrescentando muitas informações aos seus textos descritivos.”* (DB #4).

Ao comparar a produção textual, na sua forma escrita, com as transcrições da oralidade, na sua maioria não houve acréscimo de informação. *“Provavelmente teria sido mais autêntico e espontâneo se lhes tivesse perguntado, em primeiro lugar oralmente, e só depois ter permitido que escrevessem”* (DB #4).

No Anexo 30 apresentam-se as fotografias do Desafio 3, selecionadas pelos participantes na sessão #4, acompanhadas das respetivas descrições das imagens, escritas e orais, que resultaram de três perguntas que foram colocadas pela investigadora. As respostas dos participantes foram transcritas e são apresentadas ao lado da fotografia correspondente.

Construindo uma ligação entre a fotografia e a palavra, mencionada por alguns autores como Souza (2003) e Joly (2007), nas sessões #5 e #6, dois participantes reconheceram que *“as palavras completam a imagem”* (D) e *“as legendas ajudam a fotografia e a contar o que eu sinto sobre o trilho”* (B) (ver Anexo 46).

Durante a captação fotográfica do Desafio 5, para obter uma descrição oral das mesmas, junto de cada participante, a investigadora colocou oralmente três questões: 1.O que vêes nesta fotografia? 2.O que sentiste ao captar a fotografia? 3. Porque captaste esta fotografia? As respostas dos participantes foram transcritas e são apresentadas ao lado da fotografia correspondente, no Anexo 36.

No Anexo 37, apresentamos as fotografias e as respectivas legendas que estiveram patentes na exposição final do projeto intitulada “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”.

Para realizar o Desafio 5, no centro da vila, aos participantes não foram dadas quaisquer orientações sobre o que deveriam fotografar, pelo que esperava-se que a captação fotográfica fosse espontânea e resultasse da expressividade e o olhar crítico sobre a sua comunidade. Neste desafio cada participante captou duas fotografias.

A partir das fotografias captadas no centro da vila da Maceira é possível reunir alguns dados para análise (ver Anexo 38). Para o efeito, foram encontrados os referentes: elementos naturais são os elementos da natureza; as estruturas referem-se aos elementos construídos pela ação do Homem, (pavimentos, vedação), o património construído (painel de azulejos, três esculturas e pintura mural), o referente Intervenção refere-se a uma situação a intervir (boca de incêndio). Os referentes mostram situações captadas total ou parcialmente.

Verificamos que cinco fotografias captadas por três participantes, representam o património construído no centro da freguesia da Maceira. Três fotografias captadas pelos participantes (D e E) representam elementos naturais. Só um participante (E) fotografou a figura humana (crianças no parque a brincar); o participante D decidiu criar o tema a fotografar, fazendo uma montagem prévia de elementos naturais. Neste exercício livre de captação fotográfica, apenas o participante C, fotografou um elemento que precisa de intervenção, uma boca-de-incêndio que está partida. A grande maioria dos participantes captaram fotografias de elementos de que gostaram ou que lhes representava algo significativo. O participante E contou que se sentiu feliz ao fotografar *“porque pelo menos há algumas coisas que estão boas aqui. Algumas estão muito más, mas consegui captar uma coisa boa e também me senti ... hum... orgulhosa da fotografia”* (D). O mesmo participante ao falar da segunda fotografia que captou reconhece que se *“pode exprimir as emoções que as outras pessoas estão a sentir com as fotografias.”*

O participante A fotografou uma escultura que apelou à sua memória, uma vez que o nome do escultor começava com o mesmo nome do seu avô. *“Também o nome do sr. inicial é Júlio, tal como o meu avô, que já morreu.”* (A).

Ao expressar oralmente porque captaram as suas fotografias, os participantes B, C e F veem a fotografia como um símbolo, uma representação simbólica do real:

*“Senti-me feliz porque aquela fotografia simboliza o amor com o próximo.” (B)*

*“...e depois metal castanho com duas maçãs penduradas a simbolizar a terra da Maceira.” (B)*

*“Porque tem o lema “Sempre alerta para servir” e tem a flor do liz que é o que representa os escuteiros.” (C); “Parecem ondas do mar e eu gosto do mar.” (F)*

À medida que iam fotografando iam manifestando o seu agrado pelas fotografias que conseguiam captar. Foi observável que estavam sorridentes e satisfeitos com os resultados fotográficos conseguidos. Ao captar as fotografias os participantes expressaram que se sentiram bem e felizes, revelando que o ato de fotografar transforma-se em momentos de fruição mostrando que esta experiência foi significativa e prazerosa.

Das respostas obtidas podemos salientar ainda a importância de fotografar nas palavras dos participantes que afirmarem *“... eu sempre quis tirar uma foto a isto!” (A)* e *“Se não fosse hoje [com esta atividade] não tinha visto nada disto.” (B)*; *“Senti que ia ficar uma fotografia única e fantástica.” (D)* (Anexo 38)

No final da sessão, o participante D, com a construção de elementos naturais que fotografou na palma da sua mão, perguntou *“Posso levar isto? É para recordação.” (D)* (Anexo 38). Esta e outras evidências apresentadas denotam que a experiência de fotografar foi novamente, prazerosa e significativa para os participantes.

Em síntese, julgamos ter encontrado evidências de Observação Crítica nos exemplos apresentados. Pela captação fotográfica e registos escritos dos participantes, ficámos a conhecer a capacidade de observação crítica do meio que os rodeia através da fotografia, pois conseguiram fotografar situações que podem ser intervencionados em vários contextos.

## 2. EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Para esta categoria foram reunidos e analisados dados sobre as intervenções orais e escritas, e as atitudes e comportamento dos participantes durante as sessões.

Todos os participantes estiveram motivados, empenhados e concentrados na atividade de captar fotografias em todas as sessões não se dispersando das tarefas propostas.

*“Durante toda a atividade no trilho, os participantes estiveram muito interessados em fotografar e nunca perguntaram as horas, nem quando é que iam almoçar, o que demonstra o seu envolvimento e empenho na atividade.” DB #3*

Como indicador do envolvimento com o projeto, podemos referir a assiduidade dos participantes. Em quatro das sete sessões do clube, todos os participantes foram assíduos (100% de assiduidade) e nas restantes três sessões faltou um elemento por sessão (83,3% de assiduidade). No global, a assiduidade foi de 92,84%, o que indica que revelaram empenho e compromisso com o grupo.

As respostas ao questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, registadas nos diários de bordo dos participantes, dão conta do que aprenderam, o que mais gostaram e como se sentiram ao longo das ações do clube (ver Anexos 46,47,48).

Ao completarem a frase “Hoje gostei mais de...” no questionário intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, os participantes foram revelando as experiências e as aprendizagens que para eles foram mais significativas e enriquecedoras (ver Anexo 47). Nas respostas obtidas pode aferir-se que captar fotografias foi a ação preferida dos participantes, seguida do diálogo sobre as mesmas e da seleção de fotografias. Sessão a sessão, todas as atividades foram referidas como prazerosas por mais de um participante o que leva a crer que gostaram das atividades propostas e realizadas no clube.

No mesmo questionário era apresentada a seguinte questão fechada “Hoje as atividades do clube foram importantes para ti?”. A resposta dicotómica, em todas as sessões e de todos os participantes foi «Sim». O adjetivo «importantes» aparece na questão supra referida, para referir «significativas», para que a linguagem usada fosse perceptível aos participantes, tendo em conta o seu nível etário. Na última sessão a pergunta é substituída por “As atividades do clube foram significativas para ti?”. A resposta dada por todos continuou a ser afirmativa (ver Anexo 49).

À pergunta “Como te sentiste na sessão de hoje?” verificamos que as respostas registadas (ver Anexo 48) são explícitas das emoções e sentimentos expressos pelos participantes ao escreverem que sentiram-se “bem”, “feliz”, “alegre”, “orgulhosa”, “divertida”, “inspirada”, revelando que as ações promovidas se traduziram em experiências prazerosas.

Para esta análise, parece-nos igualmente importante destacar alguns momentos e ações que aconteceram ao longo do projeto, mencionadas pelos participantes, que demonstram o quanto foram vivenciadas como experiências significativas.

Na apresentação das três fotografias do desafio que foi para casa, entre a 1.<sup>a</sup> e a 2.<sup>a</sup> sessões, foi possível perguntar aos participantes se gostaram de captar fotografias em casa e na sessão anterior. Os participantes compartilharam com o grupo que foi divertido, que gostaram muito de captar fotografias. Um dos participantes revelou o envolvimento da família na procura dos elementos a fotografar, tornando a fotografia um pretexto de socialização familiar. *“Foram giras. Só que o relógio é que foi difícil de procurar (D) (DB #2).*

No final da sessão #2, ouvindo os comentários dos participantes após a captação de fotografias, *“Gostei mesmo de vir fotografar para aqui” (B), “Podemos tirar mais fotografias na natureza?” (D) (DB#2),* e posteriormente lendo o que foi escrito para completar a frase *“Hoje gostei mais de...”* que integra o questionário intitulado *“Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”*, constatou-se que esta ação teve muita receptividade dos participantes pois desejam voltar a fotografar, denotando-se que o Desafio 2 foi uma experiência significativa para todos (ver Anexo 47).

No início do Desafio 3, no *“Trilho da Amazônia”*, o participante A, para exprimir o quanto estava satisfeito por ir para a natureza, exclamou *“Ora, aqui é que eu estou bem!” (DB #3).*

A entrega de fotografias em papel fotográfico de formato A5, captadas no *“Trilho da Amazônia”*, foi um momento muito um momento significativo e apreciado pelos participantes. Aconteceu na sessão #4 quando os participantes receberam as fotografias, que captaram no trilho, em suporte de papel fotográfico.

*“Foi visível como ficaram maravilhados ao olharem para as fotografias em papel captadas por eles. Arregalaram os olhos fizeram caras de espanto e “bocas em o”. Subitamente, encantados e na expectativa de as poderem manusear, os participantes levantaram-se e aproximaram-se de mim para receber as fotografias. Constatei a sua satisfação ao ouvir as expressões: “Yeah!”(D), “Ooooh!” (F); “Fui eu.” (A), “Ai que lindo!”(E), “Adorei esta foto.”(D), “Olha eu.” (C). Ainda ouvi do participante A, a olhar para mim, um sincero “Obrigada!” (DB #4).*

O prazer de ver fotografias, o encantamento, como referiu Barros (2000), também é evidenciado nas respostas, no questionário no final da sessão #4, à questão “Como te sentiste na sessão de hoje?” Para além dos sentimentos de bem-estar e de orgulho, a criança E respondeu “*Senti-me feliz porque adorei ver as minhas fotografias em papel*” (ver Anexo 40). Nas respostas dadas para completar a frase “Hoje gostei mais de...” podemos ler “*Receber as fotografias em papel...*” (B) e “*Mostrar as minhas fotografias em papel e de fixar no cartaz do nosso clube. Ficou bonito.*” (F) (ver Anexo 47).

Na última sessão, na montagem da exposição final (ver figura 17, DB #3) foi perceptível o entusiasmo o orgulho dos participantes ao contactar com as fotografias da sua autoria. “*Ouvi vários comentários de contentamento como “Uau, que fixe”, “Estão o máximo”, “Olha a minha aqui!”, “E esta é a minha”.* Foi visível que os participantes estavam orgulhosos das suas fotografias.” (DB #7)

Na sessão #4 foi oportuna a montagem do painel Clube de Fotografias, no qual cada participante afixou duas das fotografias captadas que considerou mais significativas. Esta atividade revelou-se outro momento enriquecedor que contribuiu para a autoestima de todos os elementos do grupo.

“Logo que informei o grupo, do objetivo daquele painel, vi a alegria dos participantes ao dizerem “Uau, que boa ideia!” (B), “Fixe um espaço só nosso.” (A) “Boa! Assim podemos mostrar as nossas fotografias aos outros.”(D) (...) Ouve e registei estes comentários: “Olhem as nossas fotografias!”(D), “Estão mesmo bem. Gostava de por mais, podemos?” (B), “Posso por as minhas aqui em cima?” (C), “Estas ficam bem aqui, ao pé das tuas.”(E) “Eu gosto mesmo muito disto.” (F) “Somos uns bons fotógrafos.” (A).” (DB #4)

Para a montagem da exposição final, a criação do título também foi referido por três dos participantes, entre os cinco que estiveram presentes na sessão #5, como uma das atividades de que mais gostaram: “*Inventar títulos para a nossa exposição de fotos e seleccionar as fotografias*” (D) (ver Anexo 47).

A atividade de produção textual de uma carta dirigida ao Presidente da Junta de Freguesia da Maceira, (ver Anexo 34) foi referida como outra das atividades de que mais gostaram de desenvolver na sessão #5 (Ver Anexo 47).

Na penúltima sessão do clube, os participantes foram solicitados a completar a frase “*Para mim este clube foi...*” para se refletir sobre o papel da fotografia participativa na construção de experiências significativas. As respostas escritas, nos diários de bordo dos participantes, foram as seguintes:

*“Para mim este clube foi uma experiência incrível e muito divertido.” (E)*

*“Para mim este clube foi “fantabulástico” e aprendi muito com estas atividades.” (C)*

*“Este clube foi espetacular e eu diverti-me muito nele.” (B)*

*“Para mim este clube é o melhor do mundo em que eu já andei e é importante para o que eu quero ser quando for grande: zoólogo.” (A)*

*“Para mim este clube foi o melhor de sempre.” (D)*

*“Para mim este clube foi divertido, alegre e giro. Adorei andar lá.” (F)*

Pela leitura destas afirmações percebemos que as atividades desenvolvidas durante o clube foram divertidas (E, B, F) e com as quais aprenderam muito (C). O clube foi referido como “*uma experiência incrível*” (E), “*espetacular*” (B) e “*fantabulástico*” (C) e até, “*o melhor do mundo*” (A) ou ainda “*o melhor de sempre*” (D).

No questionário no final da sessão #1, para completar a frase “*Hoje gostei mais de...*” destacamos o que escreveram as participantes E e F: “*Tirar fotos ao que me pediram com uma máquina fotográfica a sério*” (E) “*Tirar fotos com uma máquina fotográfica verdadeira.*” (F) (ver Anexo 47).

Salienta-se que nas respostas dadas ao questionário inicial (Ver Anexo 9) estes dois participantes revelaram não usar câmeras fotográficas para captar imagens. Fomos analisar o que os mesmos responderem na última sessão do projeto, à pergunta do questionário “*O que aprendeste/descobriste com o clube de Fotografia?*”.

*“Aprendi a agarrar uma máquina digital e descobri que é pesada. Adorei esta oportunidade.” (E)* e *“Aprendi a agarrar numa máquina fotográfica e adorei tirar fotografias na minha terra.” (F)* (ver Anexo 49).

Estas afirmações revelam que o uso da câmera fotográfica digital e a fotografia participativa foram aprendizagens enriquecedoras e construtivas, traduzindo-se em experiências educativas e significativas. Constata-se pelos dados apresentados que a possibilidade de utilizar as câmeras digitais foi muito apreciada e motivadora para todos os participantes, desde a 1ª sessão do clube.

Receber as fotografias em papel fotográfico foi um momento marcante para os participantes e proporcionou-lhes fruição e encantamento, aspeto que vai ao encontro de pontos referenciados no quadro teórico que sustenta este estudo, pois o contacto direto com as mesmas criou uma relação próxima, palpável com o produto das suas captações fotográficas.

### 2.1. CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

Para se perceber quais as conceções dos participantes sobre «fotografia» foi colocada a mesma pergunta “O que é para ti a fotografia?” na primeira e a última sessão do clube. No Anexo 39 apresentamos as respostas obtidas na primeira sessão, constatando-se que estão igualmente distribuídas entre as duas subcategorias de produto - a fotografia como um objeto físico - e função, a intencionalidade da «fotografia», ou seja, para que serve.

No questionário final, na última sessão do clube, (ver anexo 49) os participantes registaram, nos seus diários de bordo, as respostas à mesma pergunta. Observamos os vários participantes mencionarem que a «fotografia» “*É um meio de comunicação com outras pessoas*” (B) e “*é uma maneira de comunicar com imagens*” (F). Os participantes entenderam que “*As fotografias não são só para recordar coisas*” (E), também serve para “*signalizar e comunicar o que está mal no mundo*” (C) atribuindo uma função, uma utilidade à fotografia. Com ela “*podemos alertar e informar*” (B) e “*alertar as pessoas do que é preciso melhorar.*” (E) e “*depois mostrar para as pessoas arranjar[em].*” (B).

Dois participantes C e E mencionam a função simbólica da fotografia mencionando que esta dá a possibilidade de “relembrar pessoas ou animais quando eles já cá não estão.” (C). O participante D refere que a fotografia “*é uma emoção*”, revelando que para ele a fotografia é uma forma de expressão. Já o participante C refere a «fotografia» enquanto memória e como intervenção dando ênfase nos verbos “*signalizar*” e “*comunicar*”.

Constata-se que entre as duas subcategorias de produto e de função, cinco participantes (B,C, D, E e F) referem que a «fotografia» tem uma função, uma utilidade, é um meio de expressão para comunicar e intervir.

Nas respostas obtidas, verificamos que da primeira para última sessão houve alterações quanto ao significado que os participantes atribuem à «fotografia». No início do clube os

participantes referem-se à «fotografia» enquanto memória. Na última sessão, foram atribuídas novas representações ao conceito questionado. Percebe-se que no final do projeto do clube, os participantes construíram novas aprendizagens, ampliaram o seu conhecimento no entendimento do que é a «fotografia».

Há um dado curioso neste exercício de comparar as respostas obtidas antes e depois da intervenção. Verifica-se que o participante (A) continua a considerar a fotografia “um papel”, como produto final, tendo, aparentemente, mantido a sua perceção quanto à fotografia. Relembra-se que o mesmo faltou às duas primeiras sessões do clube.

Ao fazer uma análise quantitativa do discurso (Sousa, 2006) perante os dados recolhidos da atividade “O que é para ti fotografia?” ficou a conhecer-se a construção de novos significados dos participantes em torno do conceito fotografia. Ainda para perceber as representações dadas à imagem fotográfica, os membros do clube fizeram individualmente, na última sessão, uma lista com cerca de 10 palavras para falar de «fotografia», na última sessão (ver Anexo 44). Este último exercício vem consolidar as respostas apresentadas anteriormente.

Para fazer o tratamento de dados, das palavras elencadas e escritas em forma de listas, foram agrupadas em duas classes gramaticais distintas: verbos e nomes e, em seguida, contadas pela sua frequência.

Das palavras preferidas para falar de «fotografia» verifica-se que há 24 verbos e 8 nomes, existindo uma relação de significação entre os mesmos (ver Anexo 45). Dentro das duas classes, verbos e nomes, poder-se-ia agrupar algumas palavras por serem sinónimos umas das outras, no entanto não foi feito esse exercício para privilegiar/apresentar a autenticidade da escrita usada pelas crianças para falar de «fotografia». Consideramos que todas as palavras listadas dão significado plausível para explicar o que é fotografia, revelando que os membros do clube aumentaram o seu léxico ativo para pensar e falar deste conceito. Na classe verbos, destacam-se pela sua frequência algumas respostas: sinalizar (5), comunicar (5), seguindo-se de ver (4) e olhar (4), e ainda com 3 respostas os verbos mostrar e captar. Quanto aos nomes destaca-se “informação” e “emoção” como significados para definir «fotografia».

Após a elaboração da lista de palavras, foi pedido a cada participante para escolher apenas uma, aquela que melhor representasse o que é para si “fotografia», para a desenhar na capa, em letras grande, como se fosse o título do seu diário de bordo, e assim completar a frase que ali constava desde a primeira sessão: “Para mim a fotografia é...”. Nesta escolha volta a destacar-se a comunicação (comunicação/comunicar/ transmitir) para significar «fotografia», seguindo-se os verbos recordar e sinalizar.

Participantes					
A Recordar	B Comunicação	C Sinalizar situações da minha terra	D Emoção	E Comunicar com os outros	F Transmitir emoções

Quadro nº 3 - Palavras para falar de «fotografia» na capa dos diários de bordo

Para completar a frase “Hoje gostei mais de...” do questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” (ver Anexo 47) o participante B escreveu “*Com a fotografia descobri a escultura.*” Esta afirmação permite perceber que a «fotografia participativa» foi muito enriquecedora e educativa, possibilita a construção novos significados, traduzindo-se em aprendizagens significativas para os participantes.

Os dados apresentados e recolhidos ao longo das várias sessões, levam-nos a constatar que, de facto, as ações de fotografia participativa desenvolvidas no projeto de intervenção conduziram à construção de experiências educativas e aprendizagens significativas para todos os participantes envolvidos neste Clube de Fotografia.

### 3. FOTOGRAFIA COMO EXPRESSÃO

No Desafio 2 os participantes utilizaram a fotografia como meio de expressão, despertando o seu olhar para a captação um objeto (ver Anexo 26). Observámos que todos os participantes conseguiram obter diferentes pontos de vista do mesmo objeto, analisando as imagens captadas de uma das mesas que existem no espaço de merendas da N. Sra. da Barroquinha (ver Anexo 24). Para isso, exploraram diferentes posições do seu corpo, em pé ou agachados, ou por adotar diferentes posições no espaço relativamente ao objeto, para assim conseguirem planos mais distantes ou mais aproximados. Outros participantes

colocaram a câmara em diferentes posições relativamente ao objeto a fotografar (na vertical, na horizontal e na oblíqua), obtendo enquadramentos e composições diferentes (Ver Anexo 23).

Com este desafio os participantes tiveram a oportunidade de explorar a técnica fotográfica com o uso de câmeras digitais. O uso da moldura auxiliou a procura de enquadramentos fotográficos (ver Figura 37, 40, 41). Durante a captação fotográfica verificaram-se situações de imitação na escolha do elemento fotografado. Podemos verificar este dado nas imagens captadas pelos participantes B e D (ver Anexo 24).

A partir das fotografias captadas nos espaços de merendas da N. Sra. Barroquinha foi possível reunir alguns dados para análise. Os referentes, captados totalmente ou parcialmente, surgem dos elementos captados e a sua frequência.

Como património consideramos a escadaria e uma estátua presentes no local, as estruturas são elementos construídos pela ação do Homem captados, o referente Intervenção refere-se a situações que os participantes identificaram que precisam de serem melhorados. O referente Poluição mostra objetos abandonados no chão. Para quantificar as representações captadas pelos participantes foi elaborado o quadro nº10 (Anexo 27).

Os participantes captaram as imagens obedecendo a alguns critérios do Desafio 2 (Anexo 11 e 12). Verificamos que preferiram fotografar elementos naturais e algumas estruturas presentes no local. À exceção do autorretrato captado sozinho e por opção própria, pelo participante B, a captação da figura humana resultou de exercícios de pontos de vista sugeridos pela investigadora para exercitar a técnica fotográfica. Os participantes captaram cinco fotografias que representam situações a precisar de intervenção. Apenas o participante B captou um elemento a poluir o local.

Após a captação de fotografias na sessão #2, no questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, ao responderem o que aprenderam (Anexo 46) verificamos que os participantes perceberam que o mesmo objeto pode ser captado “*com pontos de vista diferentes*” (B, C e E), isto é, “*Cada fotógrafo tira fotos à sua maneira*” (E) e “*capta fotografias diferentes*” (F). O participante E escreveu que “*Cada fotografia tem um sentido*

*diferente para cada pessoa, cada uma capta uma maneira de ver e sentir o que está à nossa volta.”*

Estas afirmações revelam que os participantes compreenderam que a mesma imagem fotográfica pode ter várias interpretações e que é uma expressão do fotógrafo face à sua realidade, pois quem fotografa decide o modo como quer mostrar cada pormenor daquilo que é fotografado e que esse espaço de decisão concretiza a sua própria expressão. Por isso, numa situação em que todos fotografam um mesmo objeto, todas as fotografias são diferentes.

Na sessão #3 ao longo do “Trilho da Amazônia”, os participantes tinham como critério captar elementos de que gostavam (agradáveis) e outros de que não gostavam (desagradáveis) que lhes suscitava preocupação, vontade de mudança e a procura de melhores soluções. No Anexo 28 apresentam-se as fotografias para aferir o que participantes captaram como elementos de que “Gosto e acho interessantes” e elementos de que “Não gosto e que me preocupam”. Estes critérios de “Gosto” e “Não gosto” orientaram a análise das fotografias apresentada no Anexo 29. Neste caso, os referentes foram mantidos para uma melhor comparação das representações fotográficas obtidas.

Observando que o número de fotografias captadas, por participante, não é igual nos critérios “Gosto” e “Não gosto”, pelo que esta análise pode induzir em erro, por não ser uma comparação equitativa. Considerando a idade das crianças e o contexto da atividade, o número de fotografias a captar não era uma preocupação na altura, pelo que temos que analisar com base nos dados obtidos.

Verifica-se que para o critério de captação de elementos que “Gosto e acho interessantes” os participantes captaram trinta e três representações de elementos naturais, do total de trinta e seis fotografias captadas. Apenas três fotografias retratam a figura humana.

Ao observarmos globalmente o conjunto de fotografias verificamos que procuraram referentes associados à ideia de poluição e destruição do percurso pedestre. Na análise das fotografias captadas aos elementos de que “Não gosto e me preocupam”, os elementos naturais continuam a ser o referente mais fotografado, no entanto, retratam situações de abandono e degradação nos espaços verdes (caminho estreito, ramos e árvores caídas...).

Outro referente com grande representatividade são as estruturas das pontes do trilho que foram captadas por todos os participantes.

No diário bordo dos participantes, no final da sessão #3 ao completar a frase “Hoje aprendi que...” encontramos indícios de que os participantes perceberam como a fotografia é um meio de expressão é referido “*Tirar fotografias transmite sentimentos*” (C) (ver Anexo 46).

No questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, a luz, um dos elementos da gramática visual, é referida várias vezes no diário de bordo dos participantes. Ali, encontramos afirmações escritas que evidenciam que os participantes viveram experiências educativas e aprenderam que “*A luz é muito importante*” (F) na captação de fotografias, pois “*A luz natural e artificial influenciam as fotografias*” (B) e a participante C percebeu que “*A luz é essencial para uma fotografia*” (C). (ver Anexo 46). Para responder como se sentiu durante a sessão o participante F referiu “*Senti-me bem na natureza, é mais fácil captar com a luz natural.*” (Anexo 40).

Também há referência ao contraste preto/branco, nas intervenções de alguns participantes na observação da fotografia de Elliot, na sessão 1, quando lhes foi perguntado o que sentes ao ver a fotografia? “*É tristeza, porque quando nós vemos aquela imagem tá a preto e branco e por isso dá uma imagem triste.*” (C). A investigadora perguntou [As fotografias a preto e branco para ti são...] O participante E afirmou “*É tristeza.*” O participante D acrescentou “*É muito antiga.*”; “*Eu também faço isso no telemóvel, mas neste caso é mais tristeza.*” Rematou o participante C.

Não tendo sido o foco do projeto, observando globalmente as fotografias captadas notamos que os participantes aplicaram regras de composição, algumas com bons enquadramentos e que consideraram a posição dos elementos representados ao fotografar. No global, no conjunto de fotografias captadas, os participantes conseguiram obter representações visuais interessantes, com harmonia, contraste de luz/cor, profundidade de campo, aplicando algumas noções de composição visual.

Ao observar e dialogar com as fotografias cremos que o projeto contribuiu para o desenvolvimento da literacia visual, pelo que foram destacados os momentos em que os participantes abordaram elementos visuais, a luz e o preto/branco (ausência de cor).

Com os dados apresentados pensamos conseguir refletir que os participantes foram expressivos, não só nos diálogos em torno fotografia como na captação fotográfica, usando a fotografia participativa para registar visualmente e de uma forma expressiva os seus gostos e inquietações nos espaços fotografados. Além disso conseguiram eles próprios reconhecer que a fotografia é um meio de expressão. *“As fotografias têm sentidos diferentes para várias pessoas.”* (B) (Anexo 46).

#### 4. INTERVENÇÃO

Nos diários de bordo no Desafio 2.1 e no Desafio3.2 os membros do clube foram convidados a escrever sobre as suas preocupações nos diferentes contextos, a N.<sup>a</sup> Sra. da Barroquinha e no “Trilho da Amazónia”. Tendo presente os seus olhares atentos sobre os locais fotografados e o seu sentido de intervenção, nas respostas obtidas nestas duas atividades (ver Anexos 25 e 31) os participantes conseguiram identificar situações que precisam de intervenção, assim como também apontaram sugestões construtivas para a melhoria e preservação daqueles locais, manifestando vontade de participar na comunidade exercendo o seu sentido de cidadania.

Verificando que todos os participantes fotografaram pontes ao longo do trilho, no Desafio 3, a investigadora perguntou ao grupo qual o motivo para essa captação fotográfica.

*“Porque estava muito mal feito, porque já não mexiam naquilo, não melhoravam há bastante tempo e então estava tudo mal.”* (C) (DB #4)

*“...é para comunicar que está aqui alguma coisa mal para ser mudado.”* (E) (DB #4)

*“É para comunicar às outras pessoas que construíram para reconstruírem.”* (B) (DB #4)

O participante A admitiu que *“Pode estar muito perigoso mas fica muito bonita assim (...)* *Pode não ser segura mas é mais ecológica...”* (DB #4) Os participantes afirmaram que as pontes precisam de intervenção e até discutiram quais os materiais a usar para construir as

novas pontes e os passadiços, *“tentando encontrar soluções para intervir nas situações retratadas por algumas fotografias.”* (DB #4).

No questionário respondido no final da sessão #3, para completar a frase “Hoje aprendi que...” (ver Anexo 38) os participantes escreveram:

*“Tirar fotografias transmite sentimentos e dá para sinalizar as coisas que estão bem e as coisas que me preocupam e que precisam de ser alteradas.”* (C)

*“As fotografias servem para denunciar o que não está bem, servem para alterar e sinalizar situações. Dão informação.”* (E)

*“As fotografias servem para denunciar as coisas más que podem ser melhoradas.”* (F)

Na sessão #4, num debate com o grupo, quase todos os participantes concordaram que o “Trilho da Amazónia”, foi aquele que lhes suscitou mais preocupações e que precisa de mais intervenção (ver DB #4). Apenas o participante A afirmou que *“Aquele é um sítio natural e que não deve ser mudado.”* (DB #4). Os restantes participantes discordaram e confrontaram-no diretamente com algumas observações como *“Tem lá coisas más, como as pontes no trilho”* (E) (DB #4). Todos os participantes consideraram que as pontes daquele trilho estão a precisar de intervenção.

A carta que os participantes elaboraram na sessão #5, dirigida ao Presidente da Junta de Freguesia da Maceira, surgiu num debate com o grupo sobre o que fazer com as fotografias captadas. A elaboração da carta desenvolveu o sentido de cidadania, e revelou a vontade de participação no contexto onde vivem, constituiu-se numa forma de intervenção (ver Anexo 34). Construída em conjunto, a carta deu voz aos membros do clube que assim, apresentaram as suas preocupações, os seus olhares sobre o trilho da Amazónia e ainda sugeriram estratégias para a melhoria daquele espaço verde usado pela comunidade. Na última sessão foi feita a leitura do ofício remetido pelo Presidente da Junta de Freguesia como resposta à carta dos participantes (ver Anexo 35), e foi ouvida atentamente pois *“Mostraram-se muito interessados nessa leitura porque sorriram, alguns até se sentaram melhor para ouvirem com atenção.”* (DB #7).

No final da sessão #5, para completar a frase “Hoje aprendi que...” (Anexo 46) podemos ver que o participante A escreveu que *“A fotografia é muito importante para intervir na minha terra.”* e *“As fotografias são um meio de comunicação e ajudam a intervir mais*

*com as pessoas.*” (F) revelando que os participantes começam a reconhecer que a fotografia pode ser uma forma de comunicar e de intervir no meio onde vivem.

No Desafio 5 não foram dadas orientações sobre o que poderiam registar, através da fotografia, pelo que os participantes tiveram total liberdade de expressão para captar situações ou objetos, no centro da freguesia da Maceira.

Das doze fotografias possíveis nesta atividade, apenas uma retrata uma situação que precisa de intervenção, encontrada no caminho para o centro da vila. O autor da fotografia, contou oralmente à investigadora:

*“É uma boca de incêndio que está toda partida e que devia ser arranjada porque dá má vista quando as pessoas olham para aqui. (...) Eu escolhi esta situação para sinalizar as pessoas... que deve ser construído, para por mais tijolos e construir uma boca-de-incêndio nova ....”* (C) (DB #6)

A maioria dos participantes captou fotografias de elementos de que gostaram ou que representavam algo significativo ou que apelava às suas memórias.

Perante este facto refletimos que todos os participantes usaram a fotografia como expressão ao escolherem os elementos e a forma como enquadraram e fotografaram os mesmos, captando visualmente através da fotografia, os seus olhares sobre a comunidade. No entanto, neste último desafio fotográfico nem todos usaram a fotografia como meio de intervenção. Assinalamos que ao fotografarem no contexto do centro da vila haveria menos situações para registar como situações a intervir.

Nos diários de bordo dos participantes destacamos o que escreveu, no questionário final, o participante C para exprimir o que aprendeu/descobriu no clube: *“Que as coisas lá fora, na vida real, estão mal e nós devemos ajudar o nosso mundo através da fotografia mostrando-as às pessoas.”* (C) (ver Anexo 49).

Este registo denota que o participante C tem a perceção que através da fotografia participativa, e com o espírito de observação crítica, pode sinalizar situações com o propósito de melhoria e de intervenção na sua comunidade.

*“Senti que posso ser útil e importante com as minhas fotografias” (B) (Anexo 40).*

*“Descobri que posso ser importante para a minha terra, com as minhas fotografias posso avisar e alertar as pessoas. Aprendi que é melhor captar as fotografias com mais atenção ao que estou a ver e a ser um bom observador.” (B) (Anexo 49).*

Estas afirmações ilustram que o participante reconhece que pode ter um papel participativo e de intervenção no meio onde vive, através da fotografia participativa. Revela ainda que tem a noção de que fez uma aprendizagem: ser atento e um bom observador para captar melhor as suas fotografias.

Outro momento a salientar nesta categoria é a exposição final “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” com as representações visuais e textuais, que se traduziu numa ação de intervenção. A mesma foi organizada pelos participantes desde a captação fotográfica, a produção textual para acompanhar as fotografias selecionadas individualmente e em grupo, a criação do título, a seleção e organização de fotografias e a montagem, etapas que os participantes vivenciaram com empenho e muito entusiasmo.

Os trabalhos apresentados mostram que através da fotografia participativa há uma vontade de “avisar e alertar as pessoas” para intervir na comunidade local.

A exposição, visitada por cerca de 350 pessoas, constitui-se numa ação de intervenção com comunidade, através da fotografia. Os visitantes admiraram de perto a exposição (ver anexo 41) e muitos foram os que se aproximaram para observar as fotografias, ler as legendas, comentar entre si o que estavam a apreciar na exposição e deixaram registos no livro de honra. Ao analisá-los percebemos que poderíamos enquadrá-los nas categorias de análise. Experimentou-se fazer esse exercício, pelo que se transcreve alguns desses registos no Anexo 42. Os comentários registados no livro de honra da exposição elucidam que a comunidade compreendeu o conteúdo da mensagem dos trabalhos apresentados e parece que percecionou a importância da fotografia para a comunicação. Este fator leva-nos a acreditar que a exposição foi, de facto, uma forma válida e ativa de intervir na comunidade local.

## 5. COMUNICAÇÃO

Ao longo do projeto percebemos que através dos diálogos e debates, os membros do clube, respeitando o espaço e as opiniões dos uns dos outros, socializaram e criaram relações interpessoais, tendo como ponto de partida as fotografias por eles captadas, constatando-se que uma das funções da comunicação é a socialização, com indica a metafunção interpessoal de Halliday (1989).

Podemos dar alguns exemplos de manifestações de atenção ao outro, preocupação com o bem-estar comum e de pertença ao grupo. O participante A, durante o desafio 3, “Só pediu a câmera quando quis captar uma fotografia *“Aos meus amigos do Clube de Fotografia”* (DB #3). Repare-se o que escreveu o participante A para descrever uma das fotografias que selecionou na sessão #4 (ver Anexo 30). Outro exemplo é a *selfie* do participante C, com grupo na ponte no final do trilho, que demonstra o desejo de guardar visualmente o grupo (Figura 47, Anexo27).

Saliento um momento, por ter acontecido várias vezes. Quando era pedido a um dos elementos menos participativo para intervir oralmente, os restantes participantes aguardavam pacientemente que o F participasse, dando-lhe tempo para responder, revelando interesse por ouvir o outro e por aquilo que ele faz e quer dizer.

*“Mais uma vez verifiquei que o grupo compreende que ele é mais reservado e, ao darem-lhe tempo para responder, respeitam a sua forma de ser e de estar.”* (DB #4)

Durante o Desafio 3, quando os participantes mostravam as fotografias que iam captando, houve manifestações de preocupação com o outro *“Queres que te ajude?”* (C), *“Tens medo?”* (A) (diálogos entre participantes DB #3). Foi notório o bom relacionamento entre todos os membros do clube, a sua cumplicidade e compromisso, do sentido de partilha e de cooperação, fruto do crescendo das relações interpessoais, estado a fotografia no centro dos diálogos em todas as sessões do Clube de Fotografia.

Após os dados apresentados aferimos que as atividades propostas ao longo do projeto de intervenção, proporcionaram a socialização e a construção das relações interpessoais entre os membros do clube. O respeito, a colaboração, a tolerância, o saber ouvir e o saber estar em diversos contextos, foram valores sociais que estiveram presentes no projeto e desenvolvidos através da comunicação e da interação social.

### 5.1. COMUNICAÇÃO VERBAL

Considerando a idade dos participantes e tipo de ações a desenvolver no projeto, privilegiou-se a participação oral. A fotografia motivou o diálogo entre os participantes, como vemos nos exemplos, a seguir apresentados:

*“Em pequenos grupos ou a pares, os participantes mostravam orgulhosamente uns aos outros, as fotografias captadas, partilhavam informações e davam sugestões do que poderiam fotografar, demonstrando espírito de entreaajuda. Sem atropelos, iam pedindo e partilhando as câmeras fotográficas.” (DB #2)*

*“Os participantes tomaram decisões em grupo ao decidirem como poderiam organizar e afixar as suas fotografias, no espaço disponível do painel Clube de Fotografia. Foi visível a entreaajuda entre os elementos do clube.” (DB #4)*

*“Esta seleção de fotografias foi participada e “negociada” entre os participantes (...) o grupo foi partilhando ideias e ensaiou a organização e a sequência das imagens fotográficas para a exposição final.” (DB #5)*

*“Durante a leitura, alguns membros do clube deram opiniões e sugestões para melhorar a escrita das legendas dos amigos.” (DB #5)*

*“Enquanto preparam a fita-cola dupla e afixavam as fotografias no painel, iam revivendo pequenas histórias que aconteceram durante o clube.” (DB #7)*

Na sessão #1, a partir da observação de três fotografias os participantes descreveram oralmente o que viam, numa primeira análise, para depois expressarem se gostavam ou não da fotografia, desenvolvendo assim a capacidade de colocar por palavras as emoções e os afetos sugeridos por uma imagem que lhes foi apresentada.

*“No segundo tipo de análise da mesma fotografia, propôs-se uma descrição afetiva e inferencial. Por mero acaso, o participante C foi o primeiro a intervir e foi muito expressivo quando, de repente, percebeu que não era um “homem/cão” mas sim, um homem com um cão ao colo. Foi tão entusiasta e espontâneo na sua participação, que levantou-se para ir junto da parede onde estava a projeção para espreitar por baixo da imagem fotográfica. Gesticulando, tentou explicar aos colegas o que estava a perceber.” (DB #1)*

Foi visível que todos os participantes conseguiram fazer leituras e interpretações livres das fotografias observadas. No Anexo 19 apresenta-se a transcrição das participações orais na leitura recreativa da fotografia de Elliott Erwitt.

No início da sessão #2, as fotografias captadas em casa a três objetos, foram apresentadas oralmente ao grupo. Observámos que as descrições das fotografias foram muito curtas e em muitos casos, referiram-se apenas à identificação do objeto captado (ver Anexo 22).

Na sessão #3 durante a captação de fotografias no Trilho da Amazónia, os participantes ao mostrarem as fotografias captadas no visor das câmeras fotográficas, fizeram pequenos diálogos, tornando uma vez mais, a fotografia como pretexto para a comunicação. Nestes diálogos em pequeno grupo, expressaram o que pretendiam fotografar, revelaram o que estavam a sentir, as suas conquistas ou fracassos nas suas captações fotográficas (ver diálogos no DB #3, Anexo 1).

Já na sede, quando o grupo observou algumas fotografias captadas no trilho, foram recontadas peripécias vivenciadas momentos antes, no qual as fotografias eram o mote para conversas animadas e descontraídas. A observação das fotografias captadas foi muito enriquecedora pela partilha de informações e explicações que cada um ia fazendo dos elementos fotografados. Os diálogos foram surgindo espontaneamente entre os participantes, desenvolvendo as capacidades comunicativas de cada um e fortalecendo as relações pessoais entre os participantes.

Deixei que as participações fossem fluídas e espontâneas, outras vezes ia mediando o diálogo com outras perguntas na tentativa de obter mais informação. (DB #3)

Todos os participantes exprimiram oralmente as suas opiniões e perceções sobre as fotografias que captaram, ainda que fosse necessário ir colocando algumas questões para incentivar a sua participação e mediar os diálogos. “O participante F participou, algumas vezes, por iniciativa própria e não apenas quando solicitado” (DB #3) revelando estar a desenvolver a capacidade de se exprimir oralmente frente ao grupo.

Na sessão #4 durante a observação e diálogo sobre as fotografias captadas no âmbito do Desafio 4 “Observa e fotografia a tua comunidade” (ver Anexo 32), algumas fotografias promoveram mais diálogos, como é o caso da última fotografia do participante A (pinhal), casas abandonadas do participante E ou a fotografia de flores captada pelo participante B. Sobre esta última apresentamos uma parte da transcrição do áudio no DB #4 que demonstra os diálogos e a interação entre os elementos do grupo. Salientamos que as participações orais foram surgindo forma espontânea.

Alegres e motivados, os participantes escreveram sobre as fotografias captadas do trilho. A expressão escrita foi significativa para alguns participantes. No seu diário de bordo, o Participante F respondeu que “escrever uma carta ao sr. Presidente da Junta de Freguesia” foi a atividade de que mais gostou na sessão #4 (ver Anexo 47).

Na apresentação das fotografias do Desafio 4 cada participante, na sua vez, apresentou as suas fotografias fazendo uma descrição oral do que constava nas imagens, o que sentiram ao fotografar e se tiveram ou não ajuda para fotografar.

No diálogo sobre as fotografias, com base nas suas escolhas e representações fotográficas, captadas no desafio 4, algumas informações adicionais possibilitaram a localização e contextualização das mesmas, tornando a participação oral um complemento da representação visual de uma realidade. *“Mais uma vez os participantes interessados falavam de livre vontade, partilhando as suas ideias sobre as fotografias uns dos outros, num diálogo construtivo...”* (DB#4)

Todos participaram nos debates de uma forma voluntária e espontânea, verificou-se uma evolução na capacidade de comunicação oral dos participantes, até do participante F.

À pergunta “Como te sentiste na sessão de hoje?” (ver Anexo 48), nos seus diários de bordo, no total de respostas dos participantes, verificamos que 10 responderam que sentiram-se “Alegres e divertidos”; 9 declararam que se sentiram felizes durante o clube, 8 afirmaram que sentiram-se bem; 5 sentiram orgulho nas suas fotografias e 3 participantes até mencionaram que se sentiram muito bem. Estes registos denotam que as atividades propostas foram prazerosas e proporcionaram momentos de alegria e bem-estar ao longo das sessões.

Nas primeiras sessões foi necessário guiar e incentivar bastante os diálogos, enquanto que nas últimas ações do projeto, foi preciso moderar os debates, para que todos participassem ordeiramente e ouvissem as opiniões partilhadas com o grupo.

Pelos dados apresentados pode-se concluir que, ao longo das sessões, os participantes ficaram mais espontâneos nas suas comunicações orais, aumentando a sua capacidade de expressão verbal para manifestar opiniões, sentimentos e pensamentos, tecer comentários

personais ou até refutar e argumentar ideias, encontrando-se a fotografia no centro dos diálogos, para partilha de ideias e construção ativa do conhecimento.

## 5.2. COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL

A par da comunicação verbal, a não verbal também esteve presente nas intervenções dos participantes, nas expressões corporais dos participantes que foram revelando também desta forma, o entusiasmo e o agrado pelas atividades propostas (ver Figura nº 13).

Por vezes, ao expressarem as suas opiniões e comentários oralmente, faziam-no usando alguns gestos ou expressões faciais para facilitar a comunicação. A título de exemplo refere-se a intervenção do participante B para informar qual a altura das flores que fotografou, levantou-se e colocou a mão direita no seu ombro esquerdo, ao mesmo tempo que afirmava *“Porque as flores eram bué da altas...São assim as flores.”* (DB #4).

A análise das fotografias captadas pela investigadora, revelam empenho, a concentração, prazer de fotografar, alegria e boa disposição dos participantes nas ações propostas. (ver Anexo 25, Figuras 13 e15).

## CONCLUSÕES

Neste ponto, pretende-se concluir o trabalho investigativo, considerando a consecução dos objetivos delineados e procurando dar resposta à questão enunciada que agora recordamos - Como um grupo de crianças consegue, através da fotografia participativa, comunicar as suas preocupações, as observações e percepções sobre a sua comunidade?”. Terminamos apresentando as limitações do estudo e dando sugestões para futuras investigações. Para além do objetivo geral foram definidos os objetivos específicos do projeto de investigação, sobre os quais passamos a fazer as nossas considerações finais.

Ao procurarmos *Conhecer a capacidade de observação crítica de crianças, através da fotografia participativa*, verificámos que a implementação do projeto quer durante a captação fotográfica em vários espaços, quer na observação, leitura e diálogo sobre as fotografias, pelo que acreditamos ter contribuído para o desenvolvimento da literacia visual.

Ao serem os autores das fotografias, os participantes despertaram o olhar observador e sentido crítico dos participantes, tiveram oportunidade de olhar para o que estava em seu redor com mais atenção, com sentido crítico e liberdade de observação e de expressão (Sousa, 2003), colocando-se em prática o que defende Berger (2005) sobre o modo de ver e a percepção do mundo.

A possibilidade de observar e dialogar com o resultado da captação fotográfica, permitiu uma nova observação e questionamento, desta vez em grupo, sobre o conteúdo representado nas fotografias, tornando-as como meio para a transformação do real, de acordo com o que defende Dubois (1993). Portanto, este estudo, na linha do que explicitam os autores referidos no quadro teórico, não só permitiu aos participantes conhecer o mundo que os rodeia (Martins, 2013), como foi mais além e possibilitou-lhes intervir e transformar esse mundo, através da fotografia captada pela sensibilidade e conhecimento do sujeito (Rodrigues, 2011).

Tendo em conta o interesse e as intervenções nos diálogos, as atitudes e os registos nos diários de bordo, com este projeto confirmámos que os participantes revelaram evidências de envolvimento e gostaram de observar e de falar sobre as suas fotografias.

Ao tentar *Perceber o potencial da fotografia participativa enquanto instrumento de intervenção*, a análise dos dados recolhidos leva-nos a crer que o projeto fomentou a capacidade e a vontade de participar e de intervir dos participantes na sua comunidade.

Ao seleccionar as fotografias captadas com critérios de “Gosto” e “Não gosto” ficámos a conhecer os olhares e o sentido crítico dos participantes na relação que têm com os espaços em que se movem e que pretendem transformar. Esses momentos contribuíram também para o crescimento enquanto indivíduos, que como atores sociais, identificaram situações onde é necessário intervir, refletiram sobre as ações que poderiam desenvolver com o grupo e moveram esforços conjuntos, com o intuito de transformar espaços usados pela comunidade.

A exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” foi um momento privilegiado de comunicação e de intervenção com a comunidade, no qual os membros do clube partilharam os seus olhares sobre o trilho, através das fotografias que ali captaram, comunicando expressivamente as suas observações, preocupações e perceções, alertando e sensibilizando para a importância e necessidade de intervir.

Considerando os registos feitos pelos visitantes no livro de honra, este constituiu-se como um dos dados relevantes sobre o impacto que a exposição final de fotografias teve na comunidade e tornou-se, igualmente, um elemento de análise de conteúdo. Os comentários, perceções e opiniões das pessoas que observaram a exposição conferem ao projeto a dimensão do envolvimento da comunidade.

Face aos dados obtidos para *Refletir sobre o papel da fotografia como meio para a comunicação*, sustentamos que a fotografia participativa é uma forma de comunicar visualmente, contribui para a integração e coesão das relações interpessoais do grupo e possibilita a comunicação deste com a comunidade. A fotografia é assim, um pretexto para comunicar, abre janelas de comunicação, como referiu Freund (1995), e leva ao questionamento, à reflexão e ao pensamento crítico sobre a realidade envolvente.

Observámos que a fotografia participativa criou oportunidades para a discussão e argumentação de diferentes pontos de vista sobre as fotografias captadas e auxiliou a descrição dos espaços fotografados pelo olhar atento e observador.

Em todas as sessões do projeto a fotografia esteve sempre presente. Enquanto observavam as imagens fotográficas os participantes iam dialogando, debatendo opiniões, compartilhando com o grupo as suas percepções visuais, os seus olhares sobre a realidade captada. Em grupo, houve muitos momentos de partilha, transmissão e construção ativa de conhecimento, à luz do que defendeu Novak (2000), tornando as aprendizagens significativas para os participantes.

Na relação entre a fotografia e a palavra (Joly, 2007) e o processo de significação que daí advém, como refere Barthes (1961), percebemos com este projeto que a fotografia, como construtora de uma narrativa visual, pode desencadear produções textuais, na palavra falada e ou escrita, diferindo aqui a forma de comunicar. A fotografia foi um meio para a comunicação, da qual se falou e com a qual se falou ou escreveu, criando diálogos durante a observação, fruição e leitura de imagens fotográficas. Os dados recolhidos sugerem assim a importância da escola integrar, nas suas práticas de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento de competências de comunicação oral e escrita, através da fotografia participativa e de projetos mobilizadores do desejo e do dever de participação dos alunos não apenas nos seus contextos privados mas também nos públicos.

Através da fotografia, os participantes revelaram os seus gostos e inquietações e contaram histórias, acrescentaram conhecimento e descobriram informações contidas nas imagens. Os momentos de partilha, de questionamento sobre as fotografias captadas promoveram o enriquecimento pessoal dos participantes e do grupo com um todo, almejando que, ao terem mais conhecimento sobre o que se passa à sua volta, estejam “Alerta para servir” como dita/orienta o lema escutista e, sobretudo, desenvolvam uma consciência de cidadania ativa, num paradigma de formação para a vida.

De acordo com Dewey (2010), encarando a educação com um processo, a implementação do projeto permitiu o desenvolvimento de ações, nas quais os participantes estiveram envolvidos ativamente, como se denota pelos dados apresentados, e nas quais esteve sempre presente a comunicação, não fosse ela em si mesma uma forma de interação social (Halliday, 1998). O projeto promoveu processos de crescimento, estando presentes as metafunções enunciadas por este autor, destacando-se a ideacional, pelas várias representações que os participantes fizeram no uso da fotografia, e a interpessoal, na interação e socialização entre o grupo e entre este e a comunidade.

Constatamos assim, que a fotografia participativa teve um papel facilitador nos diálogos e constituiu-se um meio para a comunicação. Este projeto contribuiu para aproximar as relações entre os participantes e o seu relacionamento com o mundo, promovendo um diálogo social com a comunidade.

*Ao Refletir sobre o papel da fotografia participativa na construção de experiências educativas e aprendizagens significativas e criativas para um grupo de crianças,* verificámos que as experiências vivenciadas por cada um dos participantes proporcionaram o aprender fazendo, a aprendizagem pela prática e à construção de experiências educativas, como defende Dewey (1997, 2010).

Perante as respostas obtidas à pergunta “O que é para ti fotografia?” ficou a conhecer-se a construção de novos significados que os participantes passaram a atribuir ao conceito «fotografia». No diálogo e na produção textual sobre as fotografias captadas, que retratam os olhares dos participantes, a representação visual e o discurso foram complementares (Joly, 2007; Souza, 2013) contribuindo para a construção de conhecimentos. Ao terem oportunidade de observar e dialogar e manusear as suas fotografias, acreditamos que desenvolveram capacidades para “reaprender a ver” como apela Paglia (2014).

A variedade de experiências vividas e contextualizadas, e os equipamentos fotográficos disponibilizados contribuíram para que as aprendizagens fossem cada vez mais significativas ao longo das sessões. Os dados parecem confirmar que geraram nos participantes, mudanças na sua forma de perceber e representar o mundo, indo ao encontro do princípio da construção de conhecimento como um processo ativo, implicando a tomada de decisões e posicionamentos dentro do grupo, como referem Valadares, J. e Moreira, M. (2009).

Em todas as sessões os participantes manifestaram muito empenho, interesse e recetividade pelas atividades propostas, como pudemos constatar através dos registos nos diários de bordo e nas respostas ao questionário no final de cada sessão. Também conseguimos atestar a assiduidade e o comportamento assertivo no desenvolvimento das atividades, demonstrando o seu envolvimento e prazer nas experiências e aprendizagens vivenciadas por todos os participantes.

Ao refletirmos sobre o papel da fotografia participativa consideramos que as atividades desenvolvidas no projeto, à luz dos dados analisados e evidenciados neste relatório, traduziram-se na construção ativa de experiências educativas, significativas e criativas para os participantes, membros do Clube de Fotografia.

Uma vez que o projeto foi desenvolvido com seis participantes, foi possível fazer o apoio mais direto no manuseamento da câmeras fotográficas e na aprendizagem de alguns funções das mesmas. O número reduzido de participantes permitiu estabelecer maior proximidade nas relações interpessoais.

No entanto, no futuro, ao replicar este projeto com um número de participantes superior, permitiria o debate e a construção de mais conhecimentos, seria possível desenvolver outras atividades e, eventualmente, ainda com maior impacto na intervenção junto da comunidade.

Quanto às limitações do projeto, reconhece-se o facto de não ser possível a generalização dos resultados. Tendo em conta o número de participantes os dados apresentados são circunstanciais, ainda assim, constituem-se como importantes pontos de reflexão para futuras investigações e esperamos, simultaneamente, que a sua análise seja útil para outros profissionais nas áreas de educação, intervenção artística e animação cultural e social. Estes ou outros profissionais podem procurar estratégias para as suas práticas e contextos, desenvolvendo ações em torno da fotografia participativa, indo ao encontro dos interesses e desenvolvimento das capacidades não só tecnológicas e digitais dos participantes, mas também das suas competências de comunicação oral e escrita e de competências atitudinais, potenciadoras de desenvolvimento individual e coletivo.

Para dar continuidade a este estudo exploratório, pode ser interessante no futuro, desenvolver o mesmo em contexto escolar, tendo como pano de fundo a fotografia, em articulação com outras áreas do conhecimento, potenciando-se assim contextos de ensino e aprendizagem de natureza inter e transdisciplinar.

O desenvolvimento do projeto de investigação abriu campo de reflexão e de análise e impôs repensar com mais pormenor, sessão a sessão, sobre as ações desenvolvidas e a desenvolver, tendo presente os resultados, as motivações e os olhares dos participantes.

Numa perspetiva social, o projeto foi positivo pelo desenvolvimento de relações sociais e interpessoais entre o grupo e o grupo com a investigadora e vice versa, e ainda pelo crescimento de relações sociais entre o grupo e a comunidade, no qual a fotografia foi o elo de ligação - a origem - e o pretexto para a comunicação.

Em síntese e em jeito de conclusão final, dando resposta à pergunta que orientou todo o projeto, concluímos que através da fotografia participativa, os membros do clube conseguiram expressar através do seu olhar fotográfico os seus gostos, as preocupações e as suas perceções sobre o meio envolvente onde vivem para o transformar. Para tornar o mundo melhor é preciso pensar global e localmente, pois o propósito de mudança pode acontecer com o que está ao nosso alcance.

O projeto desenvolvido contribuiu para que um grupo de meninos e meninas, conseguisse através do seu olhar fotográfico, comunicar visualmente com a comunidade, não só para a construção de um mundo melhor, como mais urgente, levar à mudança de comportamentos para preservar o mundo que temos.

Ainda existem muitos trilhos para caminhar para o desenvolvimento sustentável do nosso planeta, mas acreditamos ao finalizar este projeto, que ensinar as crianças a comunicar a através da fotografia pode torná-las em crianças e futuros adultos capazes de intervir com espírito crítico, criativo e sentido cívico, nos vários contextos onde vivem e/ou com os quais se relacionam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, J. (1998). *Os media e a Escola, da Imprensa aos Audiovisuais no ensino e na formação*, Educação Hoje, (2ª ed.). Porto: Texto Editora
- Alvarado, R., Galán, V., Álvarez, I., & Carrero, J. (2010). Fotografia criativa para as crianças: a alfabetização audiovisual através da fotografia. *Comunicação & Educação*, 15 (3), 67–80. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v15i3p67-80>
- Arcari, A. (2001). *A Fotografia, as formas, os objetos, o homem*. Lisboa: Edições 70.
- Arnt, J. e Catto, N. (2010). Entre funções e metafunções: estudo comparativo entre Jakobson e Halliday, *Linguagem- Estudos e Pesquisas*, V.14, n.º2, UFG: Campus Catalão - doi: 10.5216/lep.v14i2.14732
- Baden-Powell, R. (s.d.) Escutismo para Rapazes, Manual de Educação Cívica pela Vida ao Ar Livre. (6ª ed.). Lisboa: Corpo Nacional de Escutas
- Barbosa, V.; Araújo, A. e Aragão, C. (2016). Multimodalidade e multiletramentos: análise de atividades de leitura em meio digital. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 16,(4), pp.623-650. ISSN 1984-6398. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820169909>.
- Barreto, L. (2006): Photography as a Visual Literacy Tool, *Colombian Applied Linguistics Journal, Universidade Distrital Francisco José de Caldas*, obtido de <https://revistas.udistrital.edu.co/ojs/index.php/calj/article/view/10514>.
- Barros, M. (2000) *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record
- Barthes, R. (1998). *A Câmara Clara, Arte e Comunicação*. Lisboa: Edições 70.
- Bauret, G. (2000). *A Fotografia*. Lisboa: Edições 70.
- Benjamin, W. (2013). *Sobre la fotografia* (5ª ed.). Valência: Pre-Textos.
- Berger, J. (2005). *Modos de ver*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.
- Blackman, A. e Fairey, T. (2007). *The Photovoice Manual A guide to designing and running participatory photography projects*. Londres: Photovoice.
- Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação, Uma Introdução à Teoria e aos Métodos, Coleção Ciências da Educação*. Porto: Porto Editora.
- Boszko, C. e Gullich, R. (2016). O Diário de Bordo com instrumento formativo no Processo de formação Inicial de Professores de Ciências e Biologia. *Revista Biografia*, 9,(17), 55–62. Obtido de <https://revistas.pedagogica.edu.co/index.php/biografia/article/view/5812/4796>
- Branco, M. (2011). *O sentido da Educação Democrática: revisitando o conceito de experiência educativa em John Dewey*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Bulla Júnior, L. (2005). Fotografia e loucura: um olhar sobre a condição humana na experiência do transtorno mental. *Discursos Fotográficos*, 1, 213-230.
- Cabral, J. (1993). *Anais do Município de Leiria*, V. III, Câmara Municipal de Leiria, p.229, obtido de <http://www.lendarium.org/narrative/a-fonte-da-barroquinha/?tag=67>
- Campos, R. (2013). *Introdução à Cultura Visual. Abordagens e Metodologias em Ciências Sociais*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Carmo, H. e Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação, Guia para auto-*

- aprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta.
- Castello-Lopes, G., (2004). *Reflexões Sobre Fotografia – Eu, A Fotografia, Os Outros*. Odivelas: Assírio & Alvim.
- Castro, C. (2010). *Características e finalidades da Investigação-Ação*. Obtido de <https://cepealemanha.files.wordpress.com/2010/12/ia-descriç3a7c3a3o-processual-catarina-castro.pdf>
- Chaves, R. (2016). *Nunca Pensei Ser Artista! Photovoice como forma de intervenção pelo bem-estar de pessoas idosas*. Instituto Politécnico de Leiria. Obtido de [https://www.iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2382/1/Tese\\_RosalindaChaves.pdf](https://www.iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/2382/1/Tese_RosalindaChaves.pdf)
- Chomsky, N. (1996). *O Conhecimento da Língua, sua Natureza e Uso*. Lisboa: Caminho
- Civit, L. e Colell, S. (2004). *EducArt: intervenció educative y Expressió Plástica*. *Educación Social*, n.º 28, 99-118.
- Costa, M. (2006). Criatividade e Psicoterapia: Tecendo paralelos e destedendo coincidências cos ativadores criativos, *Revista Recre@arte*, n.º6, obtido de <http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte06/Seccion7/psicoterapia.htm>
- Coutinho, C. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas – Teoria e Prática*. Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Cristino, L. (2003). *Nossa Senhora da Barroquinha*, obtido de <http://www.maceira-lra.com/paginas/barroquinha/>
- Damásio, M. (2006). *A construção da percepção em imagem digital e o desenvolvimento de novas formas de literacia visual*. 6º Congresso SOPCOM obtido de [http://movlab.ulusofona.pt/infomedia/papers/351\\_Sopcom\\_DamasioHenriquesLuz\\_PercepcaoVisual.pdf](http://movlab.ulusofona.pt/infomedia/papers/351_Sopcom_DamasioHenriquesLuz_PercepcaoVisual.pdf)
- Debes, J. (1969). *The Loom of Visual Literacy*. Audiovisual Instruction. Nova York: Pitman, 25-27.
- Dewey, J. (2010). *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes
- Dias, Maria, O. (2009). *O Vocabulário do Desenho da Investigação, A lógica do Processo em Ciências Sociais*. Viseu: Psicosoma.
- Dubois, P. (1993). *O ato fotográfico e outros ensaios*. Campinas: Papirus.
- Dondis, A. (1985, [2017]) *La sintaxis de la imagen. Introducción al alfabeto visual*. (6ª ed.)? Barcelona: Gustavo Gili, S. A.
- Fabício, L. e Chiapinotto, M. (2004). A fotografia como instrumento de Alfabetização e de comunicação Social, in *Vidya*, 24, (42), 101-108.
- Fiske, J. (1993): *Introdução ao estudo da Comunicação*, Porto: Edições Asa
- Freeman, M. (2007). *O Olhar do Fotógrafo, Composição, Enquadramento para obter as melhores fotografias digitais*. Lisboa: Dinalivro.
- Freire, P. (2003). *Pedagogia da Autonomia* (28ª ed.). São Paulo. Obtido de [https://issuu.com/andretangram/docs/pedagogia\\_da\\_autonomia\\_-\\_paulo\\_freire](https://issuu.com/andretangram/docs/pedagogia_da_autonomia_-_paulo_freire)
- Freund, G. (1995). *Fotografia e Sociedade* (2ª ed.). Lisboa: Veja.

- Fuzer, C. e Cabral, S. (2014, 2017). Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa. *Delta*, 33(2) Campinas: Mercado de Letras.  
<http://dx.doi.org/10.1590/0102-445067410367521556>
- Ghiglione, R. e Matalon, B. (2001). *O inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras: Celta.
- Gil, A. (1989). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas, S.A.
- Gil, I. (2011). *Literacia Visual, estudos sobre a inquietude das imagens*. Lisboa:Edições 70.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo*. Cascais: Principia.
- Halliday, M. (1994 [1985]). *An Introduction to Functional Grammar*. London: Arnold.
- Harper, D. (2012). *Visual Sociology*. New York: Routledge.
- Heiferman, M. (2012). *Photography changes everything*. New York: Lesley A. Martin.
- Hodge, R., e Kress, G. (1988). *Social Semiotics*. New York, NY: Cornell University.
- Humberto, L. (2000). Fotografia, a poética do banal. Brasília: UnB
- Jakobson, R. (1970). A linguística em suas relações com outras ciências. In: *Linguística, poética, cinema*. São Paulo: Perspectiva, 11-64.
- Joly, M. (2007). *Introdução à Análise da Imagem*. Lisboa: Edições 70.
- Kandinsky, W. (1989). *Ponto, Linha e Plano*. Lisboa: Edições 70
- Kelly, J. (1997). *Posso juntar-me ao Clube?* (1ª ed.) Estoril: Minutos de Leitura
- Kowalski, P. (2013). O tempo na fotografia. *IV Colóquio Internacional de Doutorandos do CES*,. Obtido de [https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/6.1.3\\_Maria\\_Pereira\\_Kowalski.pdf](https://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n10/documentos/6.1.3_Maria_Pereira_Kowalski.pdf)
- Kress, G., e Leeuwen, T. V. (2006). *Reading images: The grammar of visual design* (2ª ed.). New York, NY: Routledge.
- Krippendorff, K. (2004). *Content analysis: An introduction to its methodology* (2ª ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Langford, M. (1986). *Fotografia Básica*. Lisboa: Dinalivro.
- Magueta, L. (2014). A expressão plástica e a sua operacionalização em contextos de educação: as conceções de professores em início de formação, in *Atas do III Congresso Internacional Matéria-Prima, Mais imaginação com mais matéria- prima*, Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 281-289.
- Martins, C. (2013). *A imagem fotográfica com uma forma de comunicação e construção estética*. Universidade Fernando Pessoa obtido de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-forma-de-comunicacao.pdf>
- Molina, A. H. (2008). Imagens como documentos-professores, alunos e o ensino e aprendizagem de História: uma relação complexa. *Textura*, (17), 121-138. Obtido de <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/742/564>
- Moreira, M. (2005). *Aprendizagem Significativa Crítica*. Porto Alegre:Ed. Adriana Toigo
- Moran, M., e Tegano, D. (2005). Moving toward Visual Literacy: Photography as a Language of Teacher Inquiry. *Early Childhood Research & Practice*, 7 (1). Obtido de <http://ecrp.uiuc.edu/v7n1/moran.html>
- Novak, J. (2000). *Aprender, criar e utilizar o pensamento*. Lisboa: Plátano Edições Técnicas

- Paglia, C. (2014). *Imagens Cintilantes, uma viagem através da arte desde o Egito a Star Wars*. Rio de Janeiro: Apicuri. Obtido de [https://issuu.com/apicuri/docs/pro\\_issuu](https://issuu.com/apicuri/docs/pro_issuu)
- Prins, E. (2010). Participatory photography, a tool for empowerment or surveillance? *Action Research*, 8(4), 426-443.
- Reis, R. (2011). A Literacia Visual desde "Quem os meus professores pensam que sou?: uma análise sobre as imagens que os professores mostram aos seus alunos. In Congresso Nacional "Literacia, media e cidadania" Braga: Universidade do Minho. Obtido de <http://revistacomsoc.pt/index.php/lmc/article/viewFile/479/450>
- Resende L., Franco, S e Marquez, L. (2013). Fotografia e leituras do mundo: arte e educação. *Discursos fotográficos*, 9 (15). Londrina. doi:10.5433/1984-7939.2013v9n15p113. p.113-138.
- Rodrigues, F. (2011). *Educação do Olhar* (2ª ed.). Lisboa: Chiado Editora.
- Rose, G. (2001). *Visual methodologies: An introduction to the interpretation of visual materials*. London: Sage.
- Santos, A. (2018). *Diários de Bordo: Relatórios de uma prática investigativa da subjetividade e do Mundo objetivo*. Obtido de [http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf?fbclid=IwAR05gwV9THHVpK m8SfNVdrn0RtlqvXEO\\_VgyAAInhe\\_n5SRngjJh6SJ64UI](http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1173.pdf?fbclid=IwAR05gwV9THHVpK m8SfNVdrn0RtlqvXEO_VgyAAInhe_n5SRngjJh6SJ64UI)
- Santos, J. (2011): *Linguagem e comunicação*. Coimbra: Edições Almedina.
- Sarmento, T. (Org) (2009). *Infância, Família e Comunidade, As crianças como atores sociais*. Porto: Porto Editora.
- Sarmento, A. e Morais, A. (2016). *Máquina, câmara ou câmara fotográfica: qual a expressão correcta*. Instituto Português de Fotografia, obtido de <https://www.ipf.pt/site/maquina-camara-ou-camera-fotografica-qual-expressao-correcta/>
- Serrano, G. (2004). Metodologias de Investigação em Animação Sociocultural. In *Animação Sociocultural, Teorias, Programas e Âmbitos, Coleção Horizontes Pedagógicos*. Trilla, J. (Org.). 101–118. Lisboa: Instituto Piaget.
- Silva, S. (2015). A literacia dos media e os públicos vulneráveis: Públicos infantil, sénior e pessoas com deficiência. In *Metodologias Participativas: Os media e a educação*. Covilhã: LabCom Books. Obtido de <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/139>
- Silvestre, C. (2010). Linguagem verbal e não-verbal: Contributos para uma gramática visual. In *Cadernos PAR, Pensar a representação V.3*, Obtido de: [https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/188/1/PAR\\_n03\\_ar t5.pdf\\_82-96](https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/188/1/PAR_n03_ar t5.pdf_82-96).
- Sontag, S. (1986). *Ensaio sobre Fotografia*. Lisboa: Dom Quixote.
- Sousa, Alberto. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação, Música e Artes Plásticas*. Vol.3. Lisboa: Instituto Piaget
- Sousa, J. (2006). *Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media* (2ª ed.). Porto. Obtido de: <http://bocc.unisinos.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>

- Sousa, I. (2016). *E eu Associo-me Porquê?, Projeto de Reflexão no contexto Associativo com Photovoice*, Relatório de Projeto de Intervenção. Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas. ESECS. Leiria: Instituto Politécnico De Leiria
- Sousa, M. e Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Practor.
- Souza, D. (2010). A fotografia enquanto representação do real: a identidade visual criada pelas imagens dos povos do Oriente Médio publicadas na National Geographic. in *Observatorio (OBS) Journal*, 4(4), 117–137.
- Souza, D. (2013). *A fotografia participativa como ferramenta de reflexão identitária: estudo de caso com jovens em contextos de exclusão social no Brasil e em Portugal*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Lisboa: Universidade Nova Lisboa
- Souza, D. (2018). *Construção de significados visuais: a participação de jovens a partir da fotografia participativa*. Obtido de <http://bocc.ubi.pt/pag/meirinho-daniel-2018-construcao-significados-visuais.pdf>
- Tagliani, D. (2004). A perspetiva funcional de Halliday e o ensino de Língua Portuguesa, in *Vidya*, 24 (42).109-116.
- Valadares, J. e Moreira, M. (2009). *A Teoria da Aprendizagem Significativa, Sua fundamentação e Implementação*, Coimbra: Edições Almedina, S.A.
- Valdivia, C. (2013). La imagen es tu voz: la fotografía participativa como herramienta de cambio social. *Revista Canalé*, 0(5).Facultad de Ciências y Arte de la Comunicacion. Obtido de <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/canale/article/view/14702/15291>
- Vieira, J. e Silvestre, C. (2015). *Introdução à Multimodalidade: Contribuições da Gramática Sistêmico-Funcional, Análise de Discurso Crítica, Semiótica Social*. Brasília, DF: J. Antunes Vieira.
- Vilches, L. (1993). *Teoría de la imagen periodística*. Barcelona: Paidós Comunicación
- Villafañe, J. (2006). *Introducción a la teoría de la imagen*. Madrid: Pirámide.

## ANEXOS

### ANEXO 1 - DIÁRIO DE BORDO DA INVESTIGADORA. ERA UMA VEZ UM CLUBE DE FOTOGRAFIA

*[apontamentos anteriores à sessão #1]*

25/01/2019 - Mobilização de participantes para a inscrição no Clube de Fotografia

Vai iniciar daqui a 3 semanas e, até ao momento só há uma inscrição para o Clube de Fotografia. É necessário agir para mobilizar mais inscrições de participantes.

Com a intenção de despertar o interesse e a curiosidade pelo clube, decidi construir um visor pinhole e uma câmara escura. Telefonei aos dirigentes da 1ª e da 2ª secção que mostraram receptividade à minha ideia de ir hoje à tarde à reunião semanal dos escuteiros, para mostrar aos lobitos e exploradores aqueles dois equipamentos fotográficos, com a intenção de atrair e convidar os escuteiros a participarem no Clube de Fotografia. Por coincidência as duas secções iam realizar uma atividade escutista na freguesia e, para que me integrar na mesma, acabei por dinamizar um dos pontos do percurso. Fazendo uma breve abordagem à história da fotografia, os escuteiros daquelas secções tiveram a oportunidade de espreitar por um visor pinhole. Os comentários “*Ah! O céu está ao contrário*”, “*Como é que isto acontece?*” revelavam espanto e inquietação. Em grupos de três elementos, viram a sua imagem em espelho numa caixa de sapatos, por baixo de um pano preto. Também levei uma câmara analógica e mostrei-a aberta para elucidar como era o interior de uma câmara fotográfica antiga. Ao perguntar aos escuteiros se sabiam o que era o rolo fotográfico, obtive respostas como “*É uma pilha.*”, “*É uma bateria*”.

Os escuteiros da 1ª e da 2ª secção, que participaram nesta atividade, revelaram interesse e curiosidade pela fotografia ao manusear os dispositivos fotográficos. Exploraram, fizeram experiências propostas e colocaram perguntas, manifestando vontade em se inscrever no Clube de Fotografia. Agora vamos aguardar pelas inscrições que serão feitas pelos pais.



Figura nº 7 - Fotografia da ação de divulgação do Clube de Fotografia



Figura nº 8 - Câmera escura e visor pinhole construídos para o dia 25.01.19

O Clube de Fotografia começou com seis participantes e os seus pais para uma breve reunião. Comecei por me apresentar. Confirmei as datas das sessões e informei que algumas decorrerão em espaços fora da sede dos escuteiros para captar fotografias. Os pais acabaram de preencher as fichas de inscrição e assinaram a declaração de consentimento informado e a autorização para a recolha de dados. A reunião demorou 10 minutos e as perguntas colocadas foram para esclarecer aspetos de funcionamento do clube.

Os participantes acompanharam-me muito entusiasmados para a sala dos Lobitos. Ouvia-se entre eles *“Vai ser fixe.”* (B), *“Sim, vamos aprender coisas da fotografia”* (A), *“Anda vamos ver fotografias.”* (D), revelando que estavam expectantes e curiosos com o Clube de Fotografia.

Os participantes já se conheciam, embora não sejam todos da mesma secção. Trocando olhares entre eles, sentaram-se no chão e fizeram uma cara de espanto quando disse que o Clube de Fotografia ia começar com a leitura da história *“Posso juntar-me ao clube?”*, de John Kelly (2017). O título despertou a sua curiosidade, pois movimentaram o corpo, inclinando-o para a frente, e ouviu-se *“Uau, uma história.”*, *“Eu gosto de histórias.”*, *“Conta”*. Ao ler a história, de uma forma animada, fui percebendo que os participantes, bem-dispostos, iam seguindo as minhas orientações gestuais, imitando e mimando algumas falas das personagens da história. Ao incitar a sua participação pretendia iniciar a integração no grupo. No final perguntei-lhes se queriam fazer parte de um clube e a resposta era a esperada. Em uníssono, responderam entusiasmados que sim.

A leitura animada da história serviu de quebra-gelo para que todos os participantes ficassem motivados e sentissem que, a partir daquele momento, pertenciam a um clube, o Clube de Fotografia. Para surpresa dos participantes disse-lhes que, como membros do Clube de Fotografia, teriam direito a usar um crachá com o seu nome. Enquanto os prendiam com agrado às suas camisolas ouvi *“Olhem aqui, que giro.”* (E), *“Agora já estou pronto,”* (D).

Os participantes falaram sobre as suas expectativas e porque motivo se inscreveram no Clube de Fotografia. Ouvi os participantes a explicar que:

*“Eu vim aqui, para este clube, porque para ser zoólogo, eu preciso de saber tirar fotografias aos animais.”* (A)

*“Eu quis entrar para o clube porque gostava de aprender ah... texturas das fotografias.”* (B)

*“Eu escolhi vir para este curso, ah... porque eu gosto de tirar fotografias e ... o meu pai já me ensinou a maior parte das coisas.”* (C)

*“Para tirar fotografias bem com a máquina direita e para ver melhor as coisas”* (D)

*“Eu quis entrar para este Clube de Fotografia porque eu gosto muito de tirar fotografias à natureza.”* (E), *“Porque queria tirar fotografias com uma máquina fotográfica.”* (F)

Para se apresentarem, os participantes escolher uma fotografia entre aquelas que ia projetando na parede e que para eles tivesse significado. Todos conseguiram fazer a sua apresentação a partir de uma fotografia explicando a razão das suas escolhas. Alguns falaram com alguma hesitação, pois olhavam para baixo e faziam pausas ao falar. Enquanto distribuía o questionário inicial, ouvi comentários agradáveis sobre as fotografias observadas e percecionei que tinham gostado da atividade anterior.

Para a observação e fazer a Leitura Recriativa das Imagens (Charaf, 1999), pedi-lhes que participassem pela ordem que estavam sentados, em meia-lua.

Na observação da primeira fotografia, de Elliott Erwitt, todos os participantes conseguiram fazer uma descrição objetiva da fotografia, alguns descrevendo mais pormenores que outros. No segundo tipo de análise da mesma fotografia, propôs-se uma descrição afetiva e inferencial. Por mero acaso, o participante C foi o primeiro a intervir e foi muito expressivo quando, de repente, percebeu que não era um “homem/cão” mas sim, um homem com um cão ao colo. Foi tão entusiasta e espontâneo na sua participação, que levantou-se para ir junto da parede onde estava a projeção para espreitar por baixo da imagem fotográfica. Gesticulando, tentou explicar aos colegas o que estava a perceber. Foi surpreendente presenciar aquele momento de descoberta e de participação tão genuína. Foi pena não estar filmado! As observações do C influenciaram as opiniões e comentários dos colegas que participaram depois dele. Na observação das imagens seguintes alterei a ordem de participação.

Se esta atividade tivesse sido feita em suporte escrito, tipo pergunta/resposta, ninguém era influenciado pelas observações dos outros, mas penso que a partilha e a procura de significados feita em conjunto, com todo o grupo, é vivenciada de uma forma mais enriquecedora, autêntica e participada.

Durante esta atividade, leitura recriativa de imagens, fui colocando perguntas abertas, para promover o diálogo dos participantes com a fotografia. Primeiro perguntei *O que vêes nesta fotografia?* E a seguir indaguei *Gostas desta fotografia? O que não gostas nesta fotografia? Porquê? O que te lembrar? O que te faz sentir?* As respostas foram fluídas e espontâneas. Os participantes estavam animados e todos expressavam as suas ideias e fizeram descrições, com mais ou menos detalhe, das fotografias apresentadas. Fui salientando que estavam a fazer dois tipos de análise (objetiva e subjetiva). Por vezes fui complementando com algumas perguntas na tentativa de obter mais informação e incitando a participação de todos. Foi necessário repetir as frases ditas por algumas crianças, para confirmar a ideia do que queriam transmitir, considerando que alguns (D e F) falam muito baixo e com timidez.

A partir das intervenções ao longo do diálogo, fui tentando estabelecer pontos de vista convergentes e divergentes desenvolvendo a observação partilhada e rica em opiniões e comentários. Depois da observação de três fotografias senti que já tinham percebido como se pode fazer a leitura de uma imagem pelo que sugeri outra atividade.

Considerando o entusiasmo dos participantes em conversar sobre as fotografias, embora estivesse planificado como atividade de recurso ou para a sessão #2, optei por explorar uma apresentação multimédia, intitulada “Fotografias reais ou editadas?”. Para começar esta atividade perguntei se sabiam o que são fotografias editadas e, pelas afirmações e alguns termos usados, percebi que quase todos estavam familiarizados com o termo “editadas”. Apenas o F, embora muito atento às afirmações dos colegas, afirmou que não estava a perceber o que os outros explicavam empolgados, uns aos outros, pelo que esclareci o que é uma fotografia editada.

A observação das fotografias acrescido ao desafio, lançado no momento, de tentarem adivinhar se eram fotografias reais ou editadas, tornou-se numa atividade muito divertida para todos. Os participantes deram respostas certas distinguindo as fotografias reais das editadas. Por falta de tempo, não mostrei todas as imagens que tinha preparado, pois gostaria que os participantes pudessem ainda experienciar a fotografar no primeiro dia do clube.

A segunda surpresa de hoje foi a entrega de um diário de bordo nominal e individual a cada participante. Todos apreciaram e de sorriso na face, viraram rapidamente a primeira página para ver qual a atividade a

desenvolver. Expliquei como ia organizar os participantes pelas duas câmeras fotográficas disponíveis, os cuidados a ter para a sua utilização e segurança. Os participantes ficaram fascinados, houve até alguns que esbugalharam os olhos, ao verem as câmeras digitais com que iam fotografar durante as atividades do clube.

Observei que o entusiasmo dos membros do clube era grande, tendo em conta a sua movimentação do corpo para verem melhor as câmeras digitais. Todos queriam fotografar, mas conseguiam esperar pela sua vez, enquanto observavam os colegas a captar imagens dos objetos e espaços. Entre eles diziam quais os elementos que tinham fotografado ou que pensavam fotografar. Por vezes fotografaram por imitação, ou seja, aos mesmos objetos, ainda que com pontos de vista diferentes.

Os participantes estavam motivados e animados a fotografar pelos vários espaços da sede quando anunciei que era altura de terminar o clube por hoje. Nenhum dos participantes terminou a atividade e por isso mostraram algum desalento. Queriam mais tempo para acabar o primeiro desafio fotográfico.

Enquanto preenchiam o questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, alguns participantes pediam para captar mais fotografias. Em simultâneo e à minha volta ouvi os comentários “*Foi tão divertido!*”, “*Posso tirar só mais uma?*”, “*Eu gostei muito de fotografar*”, “*Podemos ficar mais um bocadinho?*”, “*Diz que sim, eu também não acabei.*” Respondi que não podia ser porque os pais estavam lá fora à espera. Estavam empolgados por terminar a atividade. Não queriam que a sessão de hoje terminasse e começaram a perguntar se podiam levar o diário de bordo para acabar a atividade em casa. Por momentos não me parecia má ideia, poderiam explorar outros espaços e continuavam a desenvolver o seu sentido de observação, mas pensei que poderia ser encarado como trabalho de casa, o clássico TPC (trabalho para casa), o que eu não queria! Como a próxima sessão é daqui a uma semana, pensei em não ceder, pois eles teriam pouco tempo para a captar fotografias. Mas continuaram a insistir e o B dizia “*Eu gostei tanto e agora não acabei a tarefa, por favor.*” O participante E lamentava “*Agora só temos clube daqui a uma semana!*”.

Embora não estivesse planificado, mas apreciando o entusiasmo dos participantes, acabei por ser flexível e improvisar uma atividade. Para ser parecida ao exercício prático da sessão, disse que poderiam fotografar três objetos representativos de um quadrado, um triângulo e algo amarelo. Informei que podiam fotografar em casa o que quisessem e que não era preciso levarem o diário. Não era tarefa obrigatória e os pais poderiam enviar as fotografias para o meu e-mail (questão que tinha sido abordada com os pais). Os participantes ficaram contentes por ter cedido e estavam empolgados para continuar a fotografar.

Deveria ter começado a atividade prática mais cedo para que todos tivessem tempo para a acabar ou esta poderia ter menos elementos indutores para procurar e fotografar. Os participantes estavam concentrados à procura dos elementos solicitados nos espaços da sede e iam escrevendo o que pensavam fotografar, revelando algum planeamento do que pretendiam captar, ou o que tinham acabado de fotografar. Outros ficavam a ver como os amigos estavam a manusear as câmeras fotográficas, faziam perguntas e davam sugestões uns aos outros sobre o que fotografar.

Todos os elementos do grupo participaram em todas as atividades de forma ordeira, com muito interesse e entusiasmo, contribuindo positivamente com as suas participações. Durante a sessão percebi quem é mais participativo e expressivo ou mais tímido do grupo.

É de destacar a reação que alguns participantes tiveram ao tentar agarrar a câmara fotográfica pela primeira vez no clube. Além de hesitantes, iam fazê-lo com o mesmo gesto, da mesma forma que se faz para fotografar com o telemóvel. Assim, foi necessário ensinar como agarrar uma câmara fotográfica,

ajudando a posicionar as suas mãos corretamente. Salienta-se a reação que alguns participantes tiveram ao tentar agarrar a câmara fotográfica pela primeira vez no clube. Além de hesitantes, iam fazê-lo com o mesmo gesto, da mesma forma que se faz para fotografar com o telemóvel. Assim, foi necessário ensinar como agarrar uma câmara fotográfica, ajudando a posicionar as suas mãos corretamente:

Por vezes estavam perto de mais ou longe de mais do objeto a fotografar. O participante C destacou-se pelo à vontade em manusear a Canon 5D. Até se deitou no chão para tirar uma fotografia a uma borracha (algo pequeno) e o B colocou-se em cima de um banco para fotografar uma mesa. O participante F foi o mais tímido na sua participação.



Figura nº 9 - Os participantes no Desafio 1- Olha à tua volta

DB #2- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #2 - 02/03/2019

*“Viu as minhas fotografias? E estavam boas?” (B)*

Enquanto esperávamos, à entrada da sede, pelos restantes membros do clube, o participante E perguntou-me *“Viu as minhas fotos?”* e logo o C informou *“Eu enviei logo no domingo, para ficar despachada. Também viu as minhas?”*. Respondi que sim e agradeci.

Já com todos os participantes, subimos para a sala dos Lobitos, no 1.º andar. A caminho, o B perguntou *“Viu as minhas fotografias? E estavam boas?”*. Perante o entusiasmo de todos os participantes, informei que tinha visto todas as fotografias, que as organizei por pastas com nomes e que era exatamente por aí que hoje íamos começar o nosso clube: observar as fotografias que captaram na sessão anterior e aquelas que enviaram e dialogar sobre o que sentiram ao captar fotografias.

Mas antes iriam colocar qualquer coisa. O D adivinhou “São os nossos crachás. Fixe!”; “Ainda bem que os trouxe.”, disse o E. O participante F estava igualmente encantado a colocar o seu. “E aqueles livrinhos verdes, também vamos usar?”, indagou entusiasmado o B.

A primeira atividade foi a observação das fotografias captadas na sessão anterior no Desafio 1 e em casa. Todos os participantes conseguiram identificar as suas fotografias dos elementos captados dentro da sede. O participante F conseguiu apresentar as suas fotografias sozinho. Por vezes os participantes interviram de forma hesitante e usaram frases curtas para descrever e identificar as fotografias que captaram. O diálogo foi muito orientado por forma a incentivar a participação. No final de cada apresentação coloquei a cada participante, a pergunta “O que achas das tuas fotografias?” e reparei que os participantes fizeram observações críticas às imagens captadas. As respostas obtidas foram:

“O triângulo não está muito bem porque está torto num cantinho.” (B);

“Isto não se vê muito bem, mas é um triângulo com rolhas.” (C) e “Esta está um bocadinho má, mas porque eu lembrei-me disso, tipo, já de noite...” (C);

“Isso é um triângulo mas é baixo” (D) e “Foram giras. Só que o relógio é que foi difícil de procurar (D);

“Foi difícil de conseguir lembrar-me de triângulos... mas eu gostei.” (E)

Todos manifestaram agrado e desejo de voltar a fotografar. O participante B perguntou “Eu ainda não fotografei tudo, depois podemos tirar mais fotografias?”

Na observação e diálogo, cada participante apenas partilhou a sua opinião quanto às suas fotografias. Deveria ter solicitado que todos partilhassem opiniões das fotografias captadas por todos. Tal só aconteceu em alguns momentos. Na próxima sessão vou apelar a participação nesse sentido.

De uma forma breve e com um vocabulário adequado à idade dos participantes, abordaram-se algumas noções de composição de imagem fotográfica, usando uma apresentação multimédia. Passando-se à parte prática da sessão, os participantes construíram as molduras vazadas, a partir de tiras de cartolina preta, para auxiliar nos enquadramentos durante a captação das fotografias.

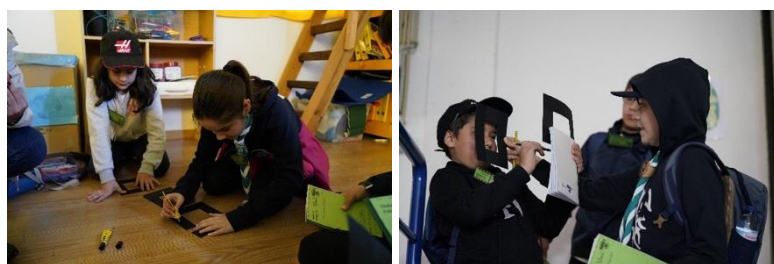


Figura nº 10 e nº 11- Construção das molduras vazadas e a interação entre participantes

No caminho, a pé, para a Fonte da N. Sra. da Barroquinha os participantes foram revelando como conheciam aquele espaço. Fiquei a conhecer as suas expectativas de ir fotografar no exterior da sede, com os seguintes comentários: “Pois, mas hoje vamos fotografar e temos que estar com atenção.”, advertiu o participante F, “Fotografar é fácil, é só escolher o sítio, ver por dentro da câmara fotográfica e já está.” (C), “Parece fácil, mas eu vou usar a moldura para me ajudar.”, acautelou o participante E, “Eu também vou usar o quadrado de cartolina.” (D).

Todos os membros do clube estavam empenhados com a saída de campo. Chegados ao local expliquei a atividade. Informei, que podiam tirar duas ou três fotografias ao mesmo elemento e depois escolhiam

uma. Demonstrei como ver no visor da câmera as fotografias captadas, escolher qual a fotografia que gostavam mais e copiar o número da mesma, para o seu diário de bordo.

A primeira proposta da saída de campo foi fotografar uma das mesas, que estão no espaço de merendas da Fonte N. Sra. da Barroquinha, com diferentes pontos de vista. Informei que também podiam usar o zoom ou moverem-se em relação ao objeto a fotografar. Inclinando o corpo, o B perguntou “*Posso tirar assim na oblíqua para ver o que dá?*” Consenti e ouvi-o dizer “*Fixe, isto é divertido.*” (B)

Fui distribuindo as câmeras disponíveis pelos participantes, perguntando quem queria ser o próximo a fotografar. Havia sempre candidatos. Para além de observar a sua postura enquanto fotografavam, ia confirmando o uso correto das câmeras, esclarecendo dúvidas no seu manuseamento e de segurança, relembrando repetidamente, que deviam colocar sempre a fita atrás do pescoço e que era obrigatório agarrar o equipamento com as duas mãos, sempre.

Exemplifiquei ainda como poderiam usar a moldura para auxiliar a procurar o enquadramento das fotografias que pretendiam captar. Ao experimentarem, foi necessário ir ao pé de cada elemento corrigir a postura e esticar o braço com o qual agarravam a moldura de cartolina. Verifiquei que foram repetindo este gesto ao longo da sessão com muita concentração. Observei o D a fazer o enquadramento com a moldura numa mão e a fotografar com a outra. Atitude menos correta, mas demonstra a importância que estava a dar ao enquadramento. O importante é o aprender fazendo, errando, se for o caso, e voltar a fazer. A aprendizagem pela experiência, como refere Dewey.

Nem todos conseguiram escolher o que fotografar com autonomia. Alguns participantes solicitaram alguma ajuda para procurar os temas a fotografar de acordo com o pedido no Desafio 2 ou na parte técnica do uso das câmeras fotográficas. Enquanto fotografavam, faziam observações e críticas ao estado de conservação do local ou da falta de limpeza do mesmo, revelando o seu espírito crítico.

Em pequenos grupos ou a pares, os participantes mostravam orgulhosamente uns aos outros, as fotografias captadas, partilhavam informações e davam sugestões do que poderiam fotografar, demonstrando espírito de entreajuda. Sem atropelos, iam pedindo e partilhando as câmeras fotográficas. Enquanto esperavam para fotografar, olhavam para o espaço envolvente e usavam a moldura vazada para procurar e decidir a próxima fotografia.

Durante a sessão, reparei que os participantes captaram poucas figuras humanas. Apenas o B fez uma fotografia de si próprio. Para isso levantou os braços e, com a Canon M50 virada para o seu rosto, fez uma *selfie* como se diz hoje em dia. O mesmo fez um plano picado ao F que estava sentado nas escadas. Para experimentarem este ponto de vista incentivei o grupo a fazer uma fotografia dos pés.

Nesta sessão consegui gerir melhor o tempo entre a parte teórica e prática. Uma vez que todos já tinham terminado a atividade (desta vez coloquei menos orientações e tinha planeado mais tempo) sugeri captar fotografias com todo o grupo aproveitando a escadaria do local.

Fez-se uma experiência de colocar elementos em diferentes planos e fotografar com um determinado ponto de vista para dar uma ilusão fotográfica. Quase no final da sessão para responder às questões do Desafio 2.1 e fazer a avaliação da sessão, sentaram-se numa das mesas do local junto à cascata. Nas respostas redigidas no Desafio 2.1 os participantes apontaram as situações observadas que podem ser melhoradas e deram sugestões para tornar o espaço envolvente mais agradável.

Ainda falámos da lenda associada ao local e da importância da preservação do espaço para a comunidade. Ouvi os comentários: “*Gostei mesmo de vir fotografar para aqui*” (B), “*Acho que escolheste mesmo bem o dia. Estamos mesmo bem aqui.*” (E), “*Podemos tirar mais fotografias na natureza?*” (D).

Percebi pelo contentamento dos participantes, pelo seu interesse e motivação para fotografar experimentado diferentes pontos de vista, luz, planos e até diferentes câmeras fotográficas digitais, que esta saída de campo se traduziu em experiências educativas como enuncia Dewey, refletindo-se numa atividade muito atrativa, frutífera e criativa, na qual cada participante pode explorar a sua aprendizagem e expressar-se através da fotografia.

DB #3- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #3 - 16/03/2019

*[apontamentos anteriores à sessão]*

Reconhecimento do Trilho da Amazónia - 10.03. 2019

Antes de ir para uma caminhada fotográfica, com um grupo de crianças, convinha fazer novamente um reconhecimento do trilho. Embora já tivesse consultado várias imagens do percurso na internet, considerei que a melhor forma de verificar como estava era ir ao terreno. Assim, uma semana antes, fui fazer o trilho palmilhando o caminho pois queria perceber, *in loco*, se este era acessível e possível de fazer com os participantes, uma vez que tem chovido por estes dias, o que é normal, tendo em conta a altura do ano. Espero que durante a próxima semana não chova para que o percurso seque e seja mais fácil de caminhar. Caso contrário terei que improvisar e planejar outras atividades a realizar no interior da sede. Enviei aos pais um e-mail a informar que a realização da atividade de campo estaria dependente das boas condições atmosféricas.

Mais uma vez a sessão começou com entusiasmo e alegria.

Hoje, os participantes estavam agitados, sorridentes e curiosos. Faziam perguntas sobre o que iam fazer no trilho. Queriam saber quantas fotografias podiam captar, se era longe, se tinham que andar muito a pé, se era para levar a mochila, se o almoço era “*lá no bosque*” (A) ou na sede. Estavam ansiosos para fazer o Desafio 3: Observar e fotografar o “Trilho da Amazónia”.

Comecei por explicar que era importante, antes de irem fotografar o trilho, observarem algumas fotos captadas na sessão anterior para desenvolverem a sua perceção visual e sentido de observação. A proposta foi observarem e dialogarem sobre as fotografias que todos captaram do mesmo objeto, uma mesa de madeira, no espaço da Fonte N. Sra. da Barroquinha.

Cada participante foi apresentando, com entusiasmo, como tinha captado a sua fotografia da mesa. Perante a mesma imagem fotográfica, incentivei os participantes a terem um olhar mais atento e perguntei o que conseguiam ver para além de uma mesa. Foi interessante verificar a originalidade e autenticidade das leituras que emergiram a partir de duas fotografias captadas pelo B, na qual a mesa está numa posição inclinada, captada propositadamente com a câmara na direção oblíqua em relação à mesa. Foi então que surgiram várias leituras. O C foi a mais espontâneo. Começou por dizer que poderia ser um piano e, apontando, mencionou quais as partes da mesa que o representavam. Os participantes, de forma muito entusiasmada partilharam as suas leituras também muito originais: “*É um escorrega gigante.*” (A), “*Parece um jogo.*” (D), “*Parece um canteiro.*” (C), “*Parece uma gruta, um local, uma casota.*” (A),

“*Um monstro*” gritou por fim o autor da fotografia, que já bracejava todo animado. A criatividade estava a crescer e os diálogos entre eles eram fluídos e animados.

Percecionei que os participantes aprenderam que o mesmo objeto pode ser captado com vários pontos de vista e que cada fotógrafo capta a realidade de uma forma muito pessoal. Com esta última parte da observação das fotografias, ficaram igualmente com a ideia de que as pessoas podem fazer diferentes leituras e interpretações a partir da mesma imagem fotográfica. Considerando o envolvimento e participações espontâneas dos participantes na observação das fotografias penso que esta atividade proporcionou um momento significativo de aprendizagem.

O diálogo estava tão vivo e animado que poderia ter pedido para construírem uma história com todas aquelas ideias e leituras que estavam a surgir a partir da observação de duas imagens. Mas hoje a sessão estava reservada a outra atividade: fotografar a “Amazónia”.

Na preparação da sessão estive em dúvida se deveria ou não mostrar algumas fotografias de caminhos pedonais requalificados com passadiços. Receei que, ao fazê-lo, pudesse estar a influenciar o espírito de observação dos participantes e o seu sentido crítico. Porém, considerei que seria mais enriquecedor para os participantes, facultar-lhes algumas referências do que tem sido feito noutros percursos pedonais no nosso país, para que quando caminhassem no trilho, percebessem as diferenças entre o que viram e o que haveriam de encontrar no terreno. Ao apresentar imagens, os participantes estavam atentos e curiosos e fui aproveitando para falar de algumas regras a ter em conta durante o desafio fotográfico.

Já no trilho, ao iniciar o desafio fotográfico, registei o comentário do A “*Ora, aqui é que eu estou bem!*” para exprimir o quanto estava satisfeito por ir para a natureza. Esta sua observação espontânea ilustra o sentimento de encanto e de prazer igualmente vivido pelos restantes participantes. Adivinhava-se uma manhã tranquila, guiados por uns raios de sol, com temperatura muito agradável para caminhar com um grupo de crianças bem dispostas, prontas para observar e fotografar a natureza à sua volta, por um trilho, quero dizer por um caminho estreito desenhado na terra à beira de um rio e com muita vegetação natural, daí o nome Amazónia.

Durante o percurso, não faltaram comentários ao que iam descobrindo e observando: “*Outra ponte estragada! Venham, aqui à frente encontrei outra. Venham ver.*” (A) “*O rio tem água clarinha, mas está cheio de paus por cima.*” (E). “*O caminho é mesmo por aqui? É tão estreitinho!*” (D), “*Precisa mesmo de levar aqui um passadiço!*” (B). E também fizeram observações quanto à poluição do percurso como: “*Sabem o que vou fotografar? Vejam se adivinham... sim é uma lata que está aqui há muito tempo.*” (C), “*Olha aqui lixo. É plástico.*” (F), “*E também está ali um plástico agarrado às canas. Vou fotografar isso para mostrar que as pessoas não devem atirar coisas para o rio.*” (C), “*Aquela cascata é bonita! Não está poluída.*” (D), mas logo B advertiu “*Mas ao lado tem lixo! Não vês uma garrafa ali ao lado?*”, “*Onde? Deixa-me ver... Eh, realmente!*” (D). “*Ah pois, mais lixo. Posso ir ali abaixo para fotografar mais de perto?*” (C). O elemento A, para quem hoje era a sua primeira sessão do clube, fazia outras observações “*E a cascata tem uma lagoa, podemos tomar banho?*” e “*Fixe, está aqui lama.*”

A estratégia de mostrar, previamente, as fotografias de passadiços de outros percursos pedestres foi uma mais-valia que contribuiu para o despertar do sentido crítico e observador das crianças. A partir dos comentários e observações que os participantes iam tecendo ao longo do percurso, depreende-se que estavam não só a valorizar o património natural, como a interiorizar que a fotografia pode ser um instrumento para registar o que gostam e não gostam no espaço observado, sinalizando várias situações para depois intervir na comunidade local.

Para captar os temas observados, à exceção do participante A que faltou à sessão, todos faziam várias tentativas de disparo, experimentando diferentes posições e de distância em relação ao elemento a fotografar. A seguir os participantes selecionavam a sua melhor fotografia, registrando o número da mesma no seu diário de bordo, construindo uma lista de imagens captadas.

Observei que hoje alguns dos participantes não se importavam de ficar com a câmera pendurada ao peito enquanto caminhavam, mas por uma questão de segurança deles e das câmeras preferia que me devolvessem os equipamentos para os redistribuir pelos membros do clube. Desde o primeiro momento estabeleceu-se uma relação de confiança com os participantes, para usar os equipamentos fotográficos. Pelo seu tamanho e peso, impunha-se que cada participante tivesse o máximo de cuidado e concentração no seu manuseio.

Os participantes colocaram menos perguntas quanto ao manuseio da câmera fotográfica, conseguindo captar sozinhos os elementos observados. Aconteceu oferecer ajuda, e alguns participantes disserem, com contentamento, que já conseguiam fotografar, revelando autonomia e muita satisfação nas fotografias que iam captando. Ainda não mexem na abertura e na velocidade (conceitos não abordados) mas já ligam e desligam as câmeras, exploraram o zoom e revelaram mais preocupação com o enquadramento das suas fotografias, pois experimentam diferentes distâncias e pontos de vista. Senti evolução no à vontade em fotografar e reparei que todos os participantes, olhando e observando o “Trilho da Amazônia”, conseguiam fotografar usando a sua expressividade, espírito observador e sentido crítico.

Todos os participantes aguardavam ansiosos pela sua vez para voltar a fotografar e pediam uns aos outros para serem os próximos a fotografar. Muitas vezes passavam a câmera diretamente a outro participante pois já tinham combinado entre eles quem era o próximo a fotografar. Por vezes, acontecia monitorizar o uso das câmeras visualmente, confirmando que quem estava a usar o fazia de forma correta. Procurei dar espaço e tempo para que cada um manipulasse a câmera fotográfica com calma e explorasse o seu funcionamento. Muitas vezes a captação fotográfica foi feita a pares, com o apoio do amigo que aguardava a sua vez para fotografar.

Enquanto observava os participantes a fotografar, e alguns demoram mais tempo que outros, embora ficasse muito curiosa sobre os resultados obtidos, não fui verificando as fotografias que iam captando para que os participantes não sentissem que estavam a ser julgados ou avaliados. Preferia perguntar-lhes se conseguiram captar o que queriam e normalmente a resposta foi afirmativa. *“Era isto que eu queria.”* disse o participante B.

Mostrar a fotografia na câmera fotográfica uns aos outros fomentou pequenos diálogos ou até pequenos monólogos, tendo a fotografia como pretexto para a comunicação. Por vezes consegui filmar, com o meu telemóvel, esses momentos de diálogo logo após a captação da imagem fotográfica. Outras vezes apenas observei e não me foi possível porque não estava perto o suficiente para captar o som da conversação entre as crianças envolvidas. O que me deixava triste pois queria ouvir tudo e registar tudo, mas não era exequível tendo em conta que os participantes andavam livremente, ora mais à frente, ora mais atrás, ao longo do percurso trilho.

Para que fique registado segue-se a transcrição da gravação de pequenos vídeos, tendo em conta que alguns têm apenas alguns segundos, de diálogos entre os participantes durante a atividade, logo após as suas captações fotográficas.

## **Transcrição da gravação áudio de vídeos dos diálogos entre participantes durante a atividade**

### Vídeo 6643 - O participante E fala das suas fotografias ao participante F

*E – Eu tirei a foto ali ao lixo e ficou assim. E depois tirei esta, mas está um bocado mal porque não estava focada no que eu queria. Depois tirei esta e já ficou melhor.*

### Vídeo 6651 - Diálogo entre os participantes E e C.

*E – Eu não estou a conseguir. Está tudo desfocado.*

*L<sup>5</sup> – Faz com calma. Se calhar estás muito perto. Podes afastar-te um bocadinho. (investigadora)*

*C – Queres que eu te ajude?*

*E – Vem cá.*

*C – Carrega-se aqui.*

*E – Ah pois!*

*C – Já conseguiste?*

*E – Ah sim [com uma expressão de contentamento, de sorriso nos lábios]*

### Vídeo 6654 - Diálogo entre os participantes A e D

*A – D estás a tirar donde? E ao pormenor?*

*D – Humm. Sim, estás a ver?*

*A – Estás a tirar à poltrona? [a referir-se a um tronco envelhecido de uma árvore]*

*D – Achas giro?*

*A – Acho que devia ser um bocadinho mais com zoom. Ai. Esta está boa. Mas podia ter mais claridade. Assim.*

*D – Vou tirar assim.*

### Vídeo 6655 - Diálogo entre vários participantes

*A – Agora tive uma ideia: vou tirar a uma velhinha a cair porque este caminho é muito inseguro. Mas eu gosto. [O participante C oferece-se para encenar a ideia do A. Este capta muitas fotografias seguidas.]*

*B – Ei! Bruto! (risos) tiraste quantas?*

*L – Fizeste um bom enquadramento? (investigadora)*

*D – Ele tirou assim. [mima como o A fotografou] Ele tirou à toa!*

*A – Tá aqui. Esta é a melhor.*

*L – Agora tiras o número da fotografia e copia-lo para o teu diário.*

*B – Olha como é que tu tiraste A! [volta a mimar como o A fotografou]*

*C – Eu gostei de ser aqui a velhota.*

*L – Gostaste de ser a personagem da fotografia? (investigadora)*

*C – Sim, eu admito, estava a fingir mas escorreguei mesmo.*

*L – Estiveram a fazer uma fotografia editada, não foi? [Acenaram que sim com a cabeça] Este caminho está o quê?*

*A – Inseguro.*

*L – E caminho precisa de quê? O que acham?*

*E – De um corrimão.*

### Vídeo 6669 - Diálogo entre participantes sobre a fotografia que o C captou numa das pontes

*B – Porque é que tiraste essa foto?*

*C – Como as outras também, eu acho que esta ponte está muito instável. Ah. As cordas estão ligadas... são...*

*D – Muito velhinhas.*

*C – São muito velhas e só têm dois nós. E também tirei a isso. E se uma pessoa chegasse assim para cair, caía mesmo. E por isso, é que eu tirei esta fotografia.*

*D – Que é para o estado mudar a ponte, para ser mais segura.*

*C – Isso. Alguém quer fazer alguma pergunta?*

*A – Tiveste que procurar mais perspetivas do que uma?*

*C – Sim. Esta eu tirei em pé. Esta também foi em pé. Esta já não. Esta estive sentada. OK. Esta não.*

*D – Também podias ter tirado uma contigo e com a ponte?*

*C – Sim.*

*A – Deu muito trabalho?*

*C – Sim, deu. Porque eu não sabia...*

*A – Tens medo?*

---

<sup>5</sup> L de Lúcia, nome da investigadora. Para garantir o anonimato dos participantes, os seus nomes foram substituídos por letras ou apagados.

C – Não. Eu quando ia tirar aqui, queria apanhar as duas coisas. Eu tive que vir para aqui. Também tive que ficar ali. E correu muito fixe. Mas consegui tirar. Isto [cordel da ponte] foi só enfiado assim e já está. Por isso que... mesmo assim está aqui um nó. Aqui tem dois e já tem aqui um laço que é só puxar aqui.

D – Isto [refere-se ao cordel] não devia ser assim.

C – O corrimão não devia ser isto. [refere-se ao mesmo cordel] Devia ser uma madeira, tipo aparafusada na madeira por baixo. E mesmo nas outras pontes também acontecia isso. Esta é realmente, das outras pontes, é a que está melhor estruturada.

D – Está insegura.

C – Mesmo assim está muito insegura, por isso imagem, quanto é que as outras...

D – Alguém pode vir por aqui e de repente cai.

C – Se eles caírem deste lado. Ainda por cima, caem para o rio. E ainda está ali um pau, por isso, podiam magoar-se. E ainda caíam para as silvas, se caíssem aqui.

Os participantes perceberam que estavam a ser filmados, mas continuavam a falar com naturalidade e espontaneidade. Os participantes F e E não participam neste diálogo pois estavam ocupados a fotografar outro elemento.



Figura nº 12 - Participantes no Desafio 3

A certa altura, fiquei a apreciar o grupo e os vários comportamentos dos participantes: estavam bem dispostos e muito envolvidos a cumprir o Desafio 3, usufruíam do prazer de captar fotografias, com câmeras digitais em punho, de olhares postos na natureza, a descobrir e a registar com imagens, o que gostavam e o não gostavam. Sem perceberem estavam a desenvolver o seu olhar, o seu gosto pessoal e exprimi-lo através da fotografia.

Dei por mim a pensar que graças a este Clube de Fotografia, aquelas seis crianças andavam felizes, a olhar a natureza, onde podiam fotografar livremente o que iam observando. Independentemente dos resultados

das suas fotografias, senti-me bem ao perceber que estava a contribuir para o crescimento daquelas crianças e a proporcionar-lhes experiências educativas únicas. Estou convicta que esta atividade foi vivida intensamente na qual fizeram muitas aprendizagens significativas e prazerosas em torno da fotografia, tendo em conta o que observei, ouvi e li nos diários de bordo dos participantes.

Durante a atividade no trilho fui interpelada com as seguintes perguntas: *“Hoje podemos ver as nossas fotografias?”* (B), *“E quando é que vamos mostra-las a outras pessoas?”* (A), *“ Sim aos outros escuteiros, que não estão no clube?”* (D). Perante esta manifestação de vontade dos participantes em “mostrar aos outros” as suas produções fotográficas, fiquei a ponderar como fazer uma exposição na próxima sessão.

Notei curiosidade por parte de alguns participantes para tentarem fazer fotografia macro (B, E, F). *“Eu também consegui apanhar um azevinho. Mas não é fácil focar.”*, admitiu o participante E. Mas nem sempre os resultados foram bem conseguidos. Ainda assim, foram experiências válidas, pois é na tentativa e no erro que surge a aprendizagem.

O almoço volante foi animado e os participantes continuavam a falar do espaço em redor e do seu estado de conservação ou a falta dele, trocando entre si soluções a construir, manifestando vontades de melhorar o espaço circundante. Aproveitei o momento descontraído e pedi-lhes que para responderem a mais um desafio nos seus diários de bordo. Por isso alterei, a planificação delineada, entendendo-a como um projeto de ação que pode ser modificado consoante os fatores e as vivências das sessões. Durante o Desafio 3.2., adaptando a atividade, os participantes expressaram, pela escrita e oralmente, o que estavam a sentir sobre o que fotografaram durante o trilho, apontando as situações observadas que possam ser melhoradas e manifestando vontade de intervir, dando sugestões para tornar o espaço envolvente mais agradável.

Para além do registo fotográfico, tinha com objetivo que a escrita surgisse como meio de expressão e de comunicação. Pretendia que as crianças estabelecessem uma relação sensorial com o trilho, com a realidade circundante. Para que as respostas fossem sentidas e autênticas, sugeri que o fizessem ali, no meio da natureza, imediatamente a seguir à captação fotográfica, para que a aprendizagem fosse significativa. Todos aceitaram o desafio. Verifiquei que alguns participantes, antes de escrever, precisaram de pensar e parar de falar com os colegas, para sentir o meio envolvente. Para isso, ficavam a olhar para a copa das árvores para ouvir os sons, outros fechavam os olhos a desfrutar o pulsar da natureza, outros olhavam para os colegas e imitavam as atitudes. Concentrados e envolvidos emocionalmente todos os elementos do grupo expressaram, através da escrita, as suas observações e sugestões para melhorar o trilho.

Ao verificar que o Desafio 3.2 era de pergunta/resposta apenas o participante A exclamou, um pouco resiliente *“Parece a escola!”*. Fiquei apreensiva com este comentário. Fez-me matutar como será que ele vai reagir quando fizerem atividades de produção textual, nas próximas sessões. Mas, não foi preciso incentivá-lo a escrever. A conversa animada entre os membros do clube, com o reconto das aventuras que tinham vivido momentos antes sobre o participante A para atravessar algumas pontes e andar na lama, desbloqueou o seu receio de escrever. Todos responderam ao desafio, com sentido observador e crítico. Depois da sessão, ao ler as respostas dadas, reparei que o participante A foi aquele que respondeu com frases mais simples.

Durante toda a atividade no trilho, os participantes estiveram muito interessados em fotografar e nunca perguntaram as horas, nem quando é que iam almoçar, o que demonstra o seu envolvimento e empenho na atividade.

Nesta terceira sessão, foi distinta a postura de um dos elementos do grupo, o participante A. Tendo sido a primeira vez que participou no clube, teve uma postura mais agitada, tanto na postura quando fotografava, como no caminhar no trilho. Não demonstrou preocupação com o enquadramento e pressionava o botão de disparo da câmera repetidamente, sem experimentar diferentes pontos de vista. Só pediu a câmera quando quis captar uma fotografia “*Aos meus amigos do Clube de Fotografia*” revelando o sentimento de pertença ao grupo. Oralmente, fez muitos comentários ao espaço observado, alguns desafiadores.

Quando chegámos à sede fomos observar as fotografias captadas pelos participantes.

Os participantes recontaram entusiasticamente as peripécias que tinham vivido momentos antes e foram manifestando o desejo de intervenção no local fotografado. Deixei que as participações fossem fluídas e espontâneas. Pontualmente coloquei algumas perguntas para obter mais informação. Continua a ser necessário repetir algumas frases, para confirmar a ideia do que alguns participantes querem transmitir ou para dar ênfase a alguma ideia partilhada para ser explorada no diálogo. À medida que decorria a observação das imagens ia tentando estabelecer quais os pontos de vista semelhantes ou divergentes, guiando a observação e o diálogo, muito participado por todos os membros do clube. O participante F participou, algumas vezes, por iniciativa própria e não apenas quando solicitado.

Penso que todos os objetivos propostos para esta sessão foram amplamente atingidos em especial, o de desenvolver o sentido de observação e o espírito crítico através da fotografia, reconhecido na avaliação que os participantes fizeram nos seus diários de bordo. Ao terminarem de responder ao questionário “*Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje*”, entreguei o folheto sobre o Desafio 4 “*Observa e fotografa a tua comunidade*”, expliquei a atividade e desafiei-os a serem observadores e a fotografarem em diferentes contextos para além do clube.

Depois de terminar esta sessão #3, que coincidiu com o início da reunião semanal do escutismo, conversei com alguns dirigentes que me revelaram que os escuteiros, membros do clube, têm referido que estão a gostar muito deste projeto. Segundo esses dirigentes, até há outros escuteiros que já manifestaram interesse em participar no clube, pois têm feito perguntas sobre o que será que acontece ali e quando é que são as próximas sessões.

Esta manifestação de curiosidade em relação ao clube, e considerando alguns comentários dos seus elementos, faz-me pensar que, provavelmente, é oportuno que o clube se torne, de alguma forma visível. Estou a pensar que seria interessante, na próxima sessão, os membros do clube exporem algumas das suas fotografias. Irei ponderar como desenvolver essa atividade.

DB #4- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #4 - 06/04/2019

*“E os nossos crachás? Tens aí os nossos crachás para sermos um clube a sério?” (A)*

Nos primeiros momentos da sessão o participante A fez esta pergunta entusiasticamente, ao que respondi: “*Oh, claro que sim. Aqui estão.*” Levantaram-se todos, alegres, de sorriso rasgado esticaram os braços para receberem os crachás. Agora sim, todos devidamente investidos com o crachá do Clube, começou a sessão. É de salientar o sentido de pertença ao grupo que aqueles simples crachás lhes suscita.

Hoje, mais uma vez, o primeiro momento da sessão foi destinado à observação e diálogo de fotografias. As primeiras foram captadas no âmbito do Desafio 4 que os participantes tinham levado para casa,

intitulado “Observa e fotografa a tua comunidade”. Todos os elementos revelaram compromisso com o clube ao cumprirem a tarefa e hoje estavam muito entusiasmados e motivados para apresentar as suas fotografias no clube.

Na observação de fotografias fui colocando perguntas para promover o diálogo e a partilha de mais informações incentivando a comunicação em torno das fotografias. Por vezes solicitei que localizassem no tempo e no espaço as imagens captadas, assim como incitei que os participantes contassem a relação que tinham com os elementos fotografados.

### Transcrição de uma parte da gravação áudio durante a observação de fotografias

*B – Aqui era uma coisa que eu quisesse. São umas flores e uma abelha.*

*L – Podes apontar onde é que está a abelha para eles verem?*

*B – Aqui.*

*L – Muito bem. Achas que consegues repetir esta fotografia?*

*B – Não.*

*L – Porquê? As flores estão lá, no mesmo sítio.*

*B – Mas mexem-se.*

*L – As flores mexem-se, e mais? O que pode não aparecer outra vez?*

*B – A abelha!*

*L – Quando estavas a fotografar estavas a ver a abelha?*

*Ou só descobriste a abelha depois de...*

*B – Não. Estava a vê-la.*

*L – Ela estava por ali assim a pairar, a cheirar as flores. Portanto já era tua intenção fotografares a abelha, era isso?*

*B – Sim.*

*L – Às vezes nós estamos a tirar uma fotografia e naquele momento acontece qualquer coisa. E só depois reparamos o que realmente ficou na imagem, não é? Mas neste caso estavas já com a intenção, tu que eras o fotógrafo, de captar mesmo a abelha. Mas achas que logo ou amanhã se fores ao mesmo sítio, se te puseres na mesma posição consegues tirar outra vez à mesma abelha?*

*B – Não. Só que aquela abelha está sempre lá.*

*L – Ah é? Ela vive ali?*

*B – Sim, nunca se vai embora.*

*L – Ah, está bem. Mas não sabemos se ias conseguir uma fotografia igual, pois não?*

*B – Não, não sabemos.*

*L – A, o que é que tu queres dizer sobre a fotografia do B?*

*A – Essa posição é um bocadinho... porque às vezes estamos um milímetro mais à frente ou um milímetro mais atrás... Nunca é na mesma posição.*

*L – Portanto, cada momento em que tiramos uma fotografia é um momento único, é isso? Em que posição é que estavas? Estavas em pé, de joelhos? Estavas deitado?*

*B – Estava em pé.*

*A – Como é que estavas em pé se as flores estão no chão?*

*R – Porque as flores eram “bué da” altas... São assim as flores. (Levanta-se e coloca a mão à altura direita no seu ombro para indicar a altura)*

*L – São muito altas, mas é uma boa pergunta, A. Porque parece, dá a ideia que ele estava como?*

*A – Deitado.*

*L – Normalmente imaginamos que as flores são pequenas, é isso?*

*A – Sim.*



Figura nº 15 - Fotografia captada pelo participante B, no Desafio #4

À pergunta colocada aos membros do clube “Por que é preciso tempo para fotografar?” os participantes C e A responderam prontamente:

*C – O autor precisa de tempo para descobrir o espaço que ele quer, para descobrir a posição que ele quer, a forma que ele quer, de onde vai tirar [a fotografia] de cima para baixo, de baixo para cima...*

*A – O que ela disse e mais que tem que precisar o ângulo preciso que é para ficar perfeito... não pode haver nenhum barulhinho. [fazendo mímica colocando o dedo indicador à frente da sua boca e falando mais baixo]*

Achei curiosa esta definição de concentração do participante A como atitude necessária para fotografar. Os restantes elementos estavam atentos e alguns concordavam com ele acenando com a cabeça. Denota-se que o C percebeu que é o fotógrafo quem faz o enquadramento.

Um a um, todos conseguiram falar das fotografias à exceção do F que não conseguiu descrever duas das fotografias que captou no Desafio 4. Para o motivar fazia-lhe perguntas diretas, simples e orientadas para cada uma das suas fotografias. Mesmo assim ficava em silêncio, apenas respondendo, acenando com a cabeça, indicando sim ou não. Na última sessão, durante o trilho, esteve mais participativo, nos pequenos grupos enquanto captavam fotografias. Os restantes elementos ficavam calados aguardando que o F participasse. Mais uma vez verifiquei que o grupo compreende que ele é mais reservado e, ao darem-lhe tempo para responder, respeitam a sua forma de ser e de estar.

Desde o início do projeto que desejava saber o que os participantes gostariam de fazer com as fotografias captadas por eles, de modo a levá-los a pensar como usar a «fotografia», com um propósito de mudança e despertar neles o sentido de intervenção. A certa altura perguntei:

### **Transcrição de uma parte da gravação áudio da atividade.**

*L – Destes três sítios fotografados até agora, qual vos inspira mais cuidado, ou seja, qual é a situação que precisa de melhoramentos, que precisa de mais de arranjos, como diz o D? Qual é aquele que vocês acham que precisa...*

*Grupo – A Amazónia.*

*L – Foi esse o sítio que vos preocupou mais?*

*A – Agora vou dizer uma coisa diferente. Aquela é um sítio natural que não deve ser mudado.*

*E – Mas tem lá coisas más, como as pontes no trilho.*

*A – Não deve ser tocado pelo Homem. Aquilo é natural.*

*C – Não é não.*

*A – Devia ser.*

*L – Calma. Durante o trilho tiraram fotografias a elementos que gostaram e a situações que estavam menos bem, situações preocupantes. Algumas até eram perigosas, não foi? De que fotografias é acham que devemos falar? Só de coisas boas e bonitas ou também...*

*C – Não! Também das coisas más e feias e... que precisam de ser melhoradas*

*B – Mostrar as horríveis.*

Dos três locais fotografados o grupo concordou que o “Trilho da Amazónia” era o contexto que lhes suscitava mais preocupação e vontade de intervenção.

Após a apresentação e observação das fotografias do Desafio 4, anunciei a surpresa que tinha para eles: as fotografias do trilho em papel fotográfico. Foi visível como ficaram maravilhados ao olharem para as fotografias em papel captadas por eles. Arregalaram os olhos fizeram caras de espanto e “bocas em o”. Subitamente, encantados e na expectativa de as poderem manusear, os participantes levantaram-se e aproximaram-se de mim para receber as fotografias. Constatei a sua satisfação ao ouvir as expressões: “Yeah!” (D), “Ooooh!” (F); “Fui eu.” (A), “Ai que lindo!” (E), “Adorei esta foto.” (D), “Olha eu.” (C). Ainda ouvi do participante A, a olhar para mim, um sincero “Obrigado!”. Aquele momento, confesso, aqueceu-me o coração. Ouvir aquelas expressões de prazer e de agradecimento faz-me acreditar que os participantes estão a fazer aprendizagens significativas com a implementação deste projeto.

Para conseguirem manusear e olhar as suas fotografias, alguns participantes espalharam-nas no chão, outros no regaço e, em simultâneo, exibiam-nas uns aos outros, muito entusiasmados. O participante C advertiu o grupo que não se deve colocar as mãos em cima das fotografias em papel, demonstrando-se conhecedora de alguns cuidados a ter no manuseio das mesmas. Elogiei a sua intervenção, muito oportuna e pertinente. Para organizar a partilha e o debate que iria decorrer, pedi-lhes para se sentarem no chão, de pernas cruzadas e em círculo, pois assim seria mais fácil a observação de todas as fotografias.

Para orientar a observação de imagens captadas com todo o grupo, e não apenas em diálogos paralelos entre pares, coloquei algumas questões ao grupo. Mais uma vez os participantes interessados falavam de livre vontade, partilhando as suas ideias sobre as fotografias uns dos outros, num diálogo construtivo, tentando encontrar soluções para intervir nas situações retratadas por algumas fotografias. Fui constatando que a fotografia pode ser uma oportunidade para a comunicação, desenvolvendo as capacidades comunicativas de cada um e fortalecendo as relações pessoais entre os participantes.

Durante o diálogo sobre as pontes fotografadas o participante A voltou a afirmar a sua posição dizendo *“Vou discordar com todos. Acho que está muito bem assim.”* Nenhum dos outros participantes concordou, defendendo as suas razões, até debateram sobre quais os materiais a usar para construir as novas pontes e os passadiços, na procura de soluções conjuntas para intervir nos espaços fotografados.

#### **Transcrição de uma parte da gravação áudio durante a observação de fotografias de pontes fotografadas pelos participantes - sessão #4**

L – Agora a pergunta é porque é que todos vocês captaram fotografias às pontes?

C – Porque estava muito mal feito, porque já não mexiam naquilo, não melhoravam há bastante tempo e então estava tudo mal.

L – E porque é que captaste uma fotografia a uma ponte?

E – Porque como nós aprendemos que a fotografia também serve para comunicar aos outros, é para comunicar que está aqui alguma coisa mal para ser mudado.

L – Muito bem. B.

B – Porque a ponte é muito perigosa e pode-se cair para dentro do rio, por exemplo.

L – Então ao tirares a fotografia a essa situação, o que é que tu queres realmente dizer?

B – É para comunicar às outras pessoas que construíram [essas pontes] para reconstruírem.

L – D, porque é que tu tiraste fotografia a uma ponte? Entre outras coisas, porque é que também tiraste a uma ponte?

D – Para transmitir às pessoas que algumas coisas no mundo também têm de ser melhoradas, não é só o que lhes interessa melhorar, é o que interessa também aos outros para o mundo estar equilibrado e a natureza também estar equilibrada. Tudo estar equilibrado... Para não estragarmos a natureza nem o mundo.

L – Sem estragar a natureza. E A, porque é que tu tiraste também uma fotografia a uma ponte?

A – Vou discordar com todos. Porque eu acho que a ponte está muito bem assim e não devia ser mexida. Pode estar muito perigoso mas fica muito bonita assim.

L – Mas tem aí tábuas partidas, não tem? Concordam com o A? Mostra lá a fotografia. Ele tem direito a ter opinião diferente, mas concordam que a ponte do A Aquela ponte é segura?

B – Não. Não. Não. Não.

A – Pode não ser segura, mas é mais ecológica... se nós não concordamos vão fazer aqui cimento ou metal e isso polui.

L – Então mas podem usar outra ponte com o mesmo material.

B – Podem usar terra.

A – Assim estraga-se o ambiente natural dos peixes.

C – Sabes o que é cimento? É areia com água.

L – Podem fazer o quê?

F – Passadiços.

L – Isso F. Boa. Podem construir passadiços. E os passadiços são feitos com o quê?

Elementos do grupo - Com madeira!

A – Sim, mas assim ocupamos o espaço de muitos vermes e bichos...

B – Olha cala-te.

E – Podem só meter cimento por cima.

A – Que é para matar os animais que estão lá de baixo, não é?!

D – Não vai-se partir. Como o cimento é forte, não cai nada.

L – Mas o A. tem direito a ter uma opinião diferente. Para ti, a ponte está bem assim e...

A – Não devia ser tocada.

L – Mas está perigosa ou não está perigosa?

A – Não está perigosa!

L – Não está perigosa no teu sentido. E o resto do grupo, o que acha da ponte que o A fotografou?

Elementos do grupo – Está perigosa! Está perigosa!

L – Há quem tenha tirado fotografias mais perto, como por exemplo a fotografia aqui da F. que é do mesmo sítio, não é, F?

L – Há pontes diferentes. Há 3 pontes e o R e a F têm planos mais aproximados da ponte que tu estás a referir e dá para ver aqui ao pormenor o quê, F? Vamos ouvir a F.

F – Uns buracos.

L – Tem uns buracos porquê, o que é que se partiu?

F – A madeira.

L – O que achas sobre essa ponte?

F – Que está mal.

L – Achas que deve ficar assim, como a opinião do A ou, para ti, o que achas que se deve fazer?

F – Construí-la outra vez.

L – Pode ser em madeira ou noutra material? (silêncio da F) Preferias que fosse também em madeira? (A F acena que sim com a cabeça). As pontes são importantes naquele percurso, ou não? Se nós tivermos um caminho no qual precisamos de uma ponte, se a ponte cair, nós podemos continuar a caminhar?

A – Sim, dá para passar aqui ao lado.

C – Dá para passar mais isso é só as pessoas doidas. Como tu.

L – Não vamos por aí. Não vamos continuar com essas observações... Quem fotografou azevinhos?

Os diálogos em torno das imagens fotográficas contribuíram ainda para a troca de informações e partilha conhecimentos, por exemplo que o azevinho é uma espécie protegida, e até serviram como pretexto para trocarem impressões sobre os lençóis de água freáticos, conferindo, uns com os outros, os seus conhecimentos na área das ciências, que adquiriam em contexto escolar.

Depois dos participantes terem apresentado e dialogado, com muito interesse, sobre as fotografias uns dos outros, nesta sessão, pretendia ainda que o grupo debatesse sobre o que fazer com as suas fotografias. Queria levar os participantes a sentir que podem ser atores sociais na sua comunidade, como é referido no livro *Infância, Família e Comunidade* de Sarmento (Org. 2009). Não usei as palavras atores sociais, mas pretendia levá-los a pensar como usar as fotografias que captaram. Assim, orientei um debate com todo o grupo, para levar os participantes a ponderar em possíveis aplicações da fotografia, levando-os a participar na sua comunidade.

### **Transcrição de uma parte da gravação áudio da atividade.**

*L – Eu sei que vocês querem falar mais das vossas fotografias, porque todas as fotografias são muito importantes, mesmo aquelas com os elementos menos bons, elementos que vos preocupam, ou os elementos que vocês gostaram. Mas eu queria perguntar-vos o seguinte: com essas fotografias agora nas mãos, a quem é que as vão mostrar e o que podem fazer com essas fotografias?*

*A – Mostrar à Câmara Municipal.*

*C – Eu trato disso.*

*L – Já ias tratar disso? [O participante A contou que conhece o Presidente da Junta Freguesia da Maceira]*

*L – Como é que nós podíamos mostrar as vossas fotografias.*

*A – Ao presidente.*

*L – Só a uma pessoa? Como que é que nós podíamos fazer?*

*C – Ah! Uma exposição!*

*Grupo – Sim uma exposição.*

*L – Uma exposição de fotografias? Com as vossas fotografias? Para mostrar a quem? Só a uma pessoa?*

*D – Não.*

*A – Para mostrar ao mundo.*

*L – Ao mundo inteiro? Não sei se cabe o mundo todo aqui...*

*C – À Maceira.*

*E – À freguesia.*

*B – Às pessoas da nossa terra.*

*A – Eu tenho uma ideia. Nessa exposição podemos fazer uns papelinhos que é para dizer o que é que se devia fazer e o que é que não se devia fazer.*

*L – Muito bem. Juntar ao lado das fotografias uns papelinhos, umas legendas, é isso?*

*A – Sim, a dizer o que se deve fazer e o que não se deve fazer.*

*L – E na exposição íamos pôr só as fotografias das coisas boas ou só as fotografias das coisas menos boas?*

*E – Das duas coisas.*

*B – Dos dois aspetos. Pois no trilho também há coisas interessantes.*

*C – Pois temos que pôr algumas coisas boas que é para eles dizerem que não é tudo mau.*

*D – E depois em baixo metíamos um placard a dizer quem é que fotografou.*

*L – Com o nome e o sítio.*

*L – F estás a gostar destas ideias? [Muito atento ao diálogo, acena com a cabeça que sim.]*

*L – Para além da exposição o que podem fazer mais para participarem na vossa comunidade?*

*C – Já sei. Podíamos apresentar as fotografias.*

*L – Mas como é que íamos fazer essa apresentação?*

*C – Apresentar a dizer: esta fotografia é ...[e aponta para a parede], o autor dessa fotografia dizia, esta fotografia...assim. [levantado, gesticula e mima que está a falar para um público imaginário.]*

*L – Ah, a falar...*

*A – Tive outra ideia: fazemos um cartaz, uma folha para cada um de nós e depois colamos lá as nossas fotografias e depois dizemos o que achamos, o que está lá escrito...*

*L – E o que é que também podemos fazer, para além de uma exposição?*

*B – Enviar um e-mail ao presidente da Junta da Freguesia...*

*L – Boa, R! Enviar um e-mail! O exercício que agora vamos fazer é de acordo com o que estavam a dizer.*

Mais uma vez foram muito participativos nas suas intervenções, valorizando as ideias e sugestões dos membros do clube, surgiram duas ideias para participarem no contexto onde vivem: escrever um e-mail para o Presidente da Junta de Freguesia e fazer uma exposição de fotografias para a comunidade. Neste diálogo, decidiram também que deviam selecionar, entre as fotografias captadas, as que representassem situações agradáveis e desagradáveis, que olharam e registaram em fotografia durante o trilho.

O diálogo poderia prolongar-se mais, até ao final da sessão, tendo em conta o entusiasmo e a participação dos elementos, mas tive que o interromper para dar lugar à atividade de produção escrita. Assim, solicitei que cada participante escolhesse duas fotografias: uma que retratasse um aspeto positivo, algo que gostaram no trilho, e outra de um aspeto negativo, isto é, algo que não gostaram e lhes causou preocupação. Todos foram livres e autónomos neste processo de seleção.

Tendo em conta que as fotografias que escolheram hoje têm elementos repetidos, algumas têm sombras ou estão desfocadas, mas ainda assim, são significativas para os seus autores, na próxima sessão vou solicitar-lhes para olharem novamente para as fotografias e selecionarem as que irão para a exposição final. Essa seleção consistirá numa tomada de decisões em grupo, para que todos se sintam reconhecidos e satisfeitos com o produto final a apresentar na exposição do Clube de Fotografia.

Para obter o registo oral e escrito de uma fotografia, esperando que na oralidade fossem mais expressivos, fui junto de cada elemento do grupo, para responderem às mesmas perguntas, mas oralmente. No entanto, a maioria dos participantes limitou-se a ler o que, entretanto já tinha escrito, não acrescentando muitas informações aos seus textos descritivos. Provavelmente teria sido mais autêntico e espontâneo se lhes tivesse perguntado, em primeiro lugar oralmente, e só depois ter permitido que escrevessem, ou então não deveria ter feito esta recolha de dados em momentos tão próximos.

Para o exercício de expressão escrita o participante A voltou a escrever frases muito curtas e veio perguntar-me como se escreve uma ou outra palavra.

Solicitei que as fotografias selecionadas deveriam ser deixadas dentro do diário de bordo. Das restantes fotografias que cada participante ainda tinha, pedi para escolherem mais duas para afixarem no painel que preparei para o efeito e que passará a fazer parte integrante da sala dos Lobitos, onde o clube se reúne. Os dirigentes da 1.ª sessão ficaram agradados com a ideia de se colocar um painel reservado ao Clube de Fotografia. Uma das dirigentes até disse por telefone, “*Se quiserem pintar alguma parede força, estejam*

*à vontade.*” Este comentário mostrou confiança e receptividade à iniciativa da implementação do Clube de Fotografia.

Para fomentar os diálogos em torno da fotografia fui colocando novas perguntas ao grupo, com o intuito de incitar a participação de todos nos diálogos, tendo a observação das fotografias o pretexto para a comunicação.

O final da sessão foi destinado à montagem de uma exposição no painel Clube de Fotografia no qual os participantes afixaram fotografias ao seu gosto, para assim poderem partilhar com outros escuteiros o que têm feito no clube. Reparei na alegria e satisfação dos participantes ao dizerem:

*“Uau, que boa ideia!” (B); “Fixe um espaço só nosso.” (A); “Boa! Assim podemos mostrar as nossas fotografias aos outros.”(D), “Dá para por aí todas as nossas fotografias?”(C)*

Ao exporem as suas fotografias no painel observei que os participantes estavam orgulhosos por terem algo para mostrar, o produto do seu empenho e participação no clube. A ideia surgiu a partir de algumas observações feitas pelos participantes na sessão anterior. Com sorrisos no rosto, os participantes tinham as suas fotografias nas mãos, ansiosos por as poderem afixar. Todos queriam afixar no painel. Os participantes tomaram decisões em grupo ao decidirem como poderiam organizar e afixar as suas fotografias, no espaço disponível do painel Clube de Fotografia. Foi visível a entreaajuda entre os elementos do clube.

Em grupo, foram conversando, partilharam ideias e fazendo cedências para determinarem onde, e como, é que cada qual colocaria as suas fotografias. Ouvi e registei os seguintes comentários:

*“Olhem as nossas fotografias!”(D); “Estão mesmo bem. Gostava de por mais, podemos?”(B), “Posso por as minhas aqui em cima?” (C); “Estas ficam bem aqui, ao pé das tuas.” (E), “Eu gosto mesmo muito disto.” (F) ; “Somos uns bons fotógrafos.” (A)*

A montagem do painel do Clube de Fotografia foi outro momento significativo e muito prazeroso, que contribuiu para a autoestima de todos os elementos do grupo. Considero que um dos objetivos desta sessão, desenvolver o espírito de observação e sentido crítico, foi amplamente conseguido quer durante a captação fotográfica no trilho, quer na observação e diálogo sobre as fotografias captadas pelos participantes.

#### DB #5- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #5 - 04/05/2019

A sessão começou novamente com boa disposição dos participantes e com saudades, considerando os sorrisos e a forma como os participantes se cumprimentaram à chegada. O clube já não se reunia quase há um mês, tendo em conta que houve atividades escutistas, fora da freguesia, na altura da Páscoa, tanto da 1.ª como da 2.ª secção.

Assim, fazia sentido começar por dialogar sobre o que já tinha sido feito até agora no clube e delinear junto dos participantes o que faltava fazer. Para participarem na preparação e montagem da mesma, contei-lhes que hoje iriam inventar um título para a exposição. Para tal, poderiam escrever todas as ideias que fossem surgindo no papel de cenário afixado, por cima do quadro de ardósia da sala. Ficaram muito entusiasmados. Alguns participantes levantaram-se logo e, motivados, foram escrever algumas ideias criativas.

Valorizando uma das sugestões dadas pelos participantes para participar na comunidade, através da fotografia, hoje a sessão começou com a produção textual de uma carta dirigida ao Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Maceira. Ponderei fazer esta atividade individualmente, mas considerei que faria mais sentido se fosse realizada em conjunto, para assim, motivar a interação entre todos os elementos do grupo, desenvolver as competências comunicativas e, uma vez mais, promover a construção de relações e de diálogo entre os participantes.

Comecei por explicar, sucintamente, o que era uma carta formal. A seguir, com um documento de texto aberto no computador e projetado na parede da sala, fui registando as intervenções que os participantes, envolvidos e interessados, iam fazendo oralmente. Com alguma orientação, foi--se construindo uma resenha da carta à qual, posteriormente, foram feitos alguns ajustes para que ficasse com sentido e que traduzisse as preocupações dos participantes. A mesma foi enviada por e-mail, com esperança que seja respondida a tempo para ser lida numa futura sessão do clube.

Seguiu-se a segunda atividade de acordo com a planificação delineada para a sessão de hoje: selecionar as fotografias que os participantes captaram no “Trilho da Amazônia” para a exposição de fotografias. Para o efeito, teriam que tomar algumas decisões em grupo, para que não houvesse fotografias semelhantes ou desfocadas e retratassem da melhor forma o trilho e as preocupações dos participantes do clube em relação àquele espaço natural. Esta seleção de fotografias foi participada e “negociada” entre os participantes que estavam mais preocupadas com o conteúdo das fotografias. Dispondo as fotografias em papel no chão da sala, o grupo foi partilhando ideias e ensaiou a organização e a sequência das imagens fotográficas para a exposição final.

Na atividade seguinte pedi aos participantes para escreverem as legendas das suas fotografias para colocar na exposição. Para aqueles que não alteraram a sua seleção de fotografias poderiam, fazer agora uma reescrita das mesmas, acrescentar mais informações ou eventualmente podiam tentar fazer algumas rimas ou uma quadra. Estas sugestões foram bem acolhidas pelos participantes que ficaram muito concentrados e envolvidos na produção textual que ia legendar as suas fotografias.

A seguir os participantes leram as suas legendas e quadras para o grupo, de uma forma desinibida, acabaram por justificar as suas escolhas fotográficas que iam integrar a exposição. Durante a leitura, alguns membros do clube deram opiniões e sugestões para melhorar a escrita das legendas dos amigos. Esta partilha de ideias e comentários foi construtiva e surgia espontaneamente entre os elementos do grupo. Foi observável a sua preocupação para que as legendas traduzissem o que sentiam e completasse a mensagem visual das fotografias.



Figura nº 13 e nº 14 - Produção textual e leitura sobre as fotografias selecionadas

A última parte da sessão foi dedicada ao *brainstrong*, uma chuva de ideias, para criar o título para a exposição. Todos de pé foram escrevendo as ideias, com marcadores à sua disposição. Envolvidos a criar um título para a exposição, pedi-lhes para lerem as suas ideias. Fiz o papel de mediadora para ajudar a

decidir qual o melhor título para exposição. O B sugeriu juntar duas ideias, a dele com a do participante E. Acabou por ser feita uma votação entre o grupo para escolher o título para a exposição.



Figura nº 15 e nº 16 - Criação de título para a exposição final de fotografias

Ouvi o A afirmar “Ah! Agora já percebi como se faz um título.” Foi interessante constatar que esta atividade foi uma experiência criativa, vivida por todas as crianças com prazer. Foi tão significativa que duas escolheram-na como a atividade que mais gostaram na sessão de hoje pelo que li nos questionários “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje” que estão nos diários de bordo de cada participante.

Posteriormente ainda refleti sobre o título escolhido, talvez fosse demasiado grande e seria ou não o mais apelativo, pois tinham surgido outras sugestões igualmente interessantes. No entanto, preferi não interferir e deixar o título tal como tinha sido votado, valorizando as ideias e a decisão tomada pelos participantes.

*[apontamentos anteriores à sessão #5]*

Por estes dias lembrei-me que seria interessante atribuir aos participantes a insígnia de fotógrafo no final do Clube de Fotografia. A atribuição de uma insígnia, que é cosida na camisa da farda do escuteiro, é algo marcante e prestigiante entre os escuteiros. Contactei os dirigentes a fim de indagar sobre essa possibilidade. Por e-mail, a dirigente da 2.ª secção enviou-me os requisitos necessários para a atribuição da mesma e verifiquei que já não seria possível desenvolver todos os requisitos. Esta possibilidade não foi prevista no início do projeto e agora não há tempo nem os meios informáticos necessários, pelo que esta ideia foi colocada de parte. No entanto, o dirigente do agrupamento disse-me pessoalmente, que o clube veio despertar a curiosidade para o uso da fotografia entre muitos escuteiros, não só pelos participantes do clube, como por outras crianças e adultos que vão perguntando sobre o clube e as suas atividades. Para o próximo ano, contou-me, iriam ponderar usar a fotografia nas atividades escutistas e possivelmente desenvolver atividades para atribuição da insígnia de fotógrafo.

DB #6- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #6 - 11/05/2019

A primeira parte da sessão foi dedicada à reescrita das legendas das fotografias a apresentar na exposição, por forma a que houvesse alguma uniformidade entre as mesmas.

Para que participassem em todo o processo da montagem de uma exposição, perguntei aos participantes quais as suas sugestões relativamente ao local, no espaço da sede, para fazer a exposição das fotografias. Saímos da sala e fomos procurar quais as paredes disponíveis que poderiam ser usadas para o efeito. Com a ajuda dos participantes medimos o painel de corticite, que está no espaço polivalente da sede, e

confirmámos que o pano preto tinha a medida certa para aquele espaço, cedido anteriormente pelo dirigente do agrupamento para expor as fotografias.

Na segunda parte da sessão realizou-se o Desafio 5, no qual os participantes podiam captar duas fotografias do que entendessem a caminho e no centro da freguesia da Maceira. A escolha deste local para a última atividade para captação de fotografias, deve-se ao fácil acesso na deslocação a pé, ser próximo da sede e para não se repetirem experiências fotográficas.

Os participantes, envolvidos e muito empenhados nesta atividade, iam escolhendo os seus temas livremente, mostraram as fotografias uns aos outros no visor das câmeras digitais e dialogavam sobre as mesmas. Reparei que apenas um dos participantes captou um contexto com o elemento humano. Observei novamente que a figura humana não foi o tema preferido para ser fotografado O D preferiu construir o tema para uma das suas duas fotografias com elementos naturais. A partir de uma folha seca e de outros elementos mais pequenos esteve concentrado algum tempo a fazer experiências. Considerando o tempo que demorou na montagem do tema que queria fotografar e o seu envolvimento, permiti-lhe que ele fizesse várias experiências fotográficas, tendo depois selecionado uma fotografia no visor da câmara.

Durante o Desafio 5 constatei que apenas o participante C fotografou uma situação a precisar de intervenção, uma boca de incêndio partida e explicou oralmente (ver Quadro nº 8)

Os restantes participantes optaram por fotografar situações agradáveis no centro da freguesia, como a algumas plantas e ao património construído que está no centro da vila. Os participantes ao serem expressivos através da fotografia, captaram imagens de objetos que gostaram, que representavam algo significativo ou que apelava às suas memórias.

Usando o meu telemóvel para gravar, à medida que iam fotografando, os participantes responderam sem constrangimentos, às perguntas “O que vê na fotografia?”; “O que sentiste ao captar a fotografia?” e “Por que captaste esta fotografia?”.

Neste último desafio de captação de fotográfica, foi visível a facilidade dos participantes no manuseio das câmeras digitais, assim como o envolvimento, a concentração na atividade. Pelas suas atitudes e boa disposição verifiquei que gostaram de fotografar no centro da vila.

#### DB #7- DIÁRIO DE BORDO - SESSÃO #7 - 18/05/2019

Hoje foi necessário uma boa gestão do tempo tendo em conta as várias atividades a desenvolver com os participantes.

À medida que os membros do clube foram chegando, sentados nos degraus ao pé do painel, iam realizando sozinhos e calmamente a primeira atividade da sessão de hoje, fazer uma lista de palavras para definir «fotografia». Paralelamente, fui colando as letras do título da exposição na parede, que mandei fazer em vinil preto, por ser mais prático e fácil de aplicar. Quando retirei de um envelope as fotografias ampliadas (30 x 20 cm) para a exposição, os participantes levantaram-se num ápice, e foram logo apreciá-las. Muito entusiasmados, e em círculo fechado à minha volta, todos queriam ver as fotografias captadas. Ouvi vários comentários de contentamento como “*Uau, que fixe*”, “*Estão o máximo*”, “*Olha a minha aqui!*”, “*E esta é a minha*”. Foi visível que os participantes estavam orgulhosos das suas fotografias. À medida que iam acabando a atividade anterior começaram a ajudar a fixar as fotografias no painel da exposição. Fizeram-

no com muito interesse, empenho, cooperação e entreaduda na organização da exposição final de fotografias.

Já na sala dos Lobitos, revelei que tinha uma surpresa para os participantes do Clube: o ofício, recebido por e-mail, do Sr. Presidente da Junta de Freguesia, em resposta à carta que tinham escrito manifestando as suas preocupações quanto ao “Trilho da Amazónia”. Mostraram-se muito interessados na leitura porque sorriram, alguns até se sentaram melhor para ouvirem com atenção.

De seguida, os participantes escolheram uma palavra, a mais importante e significativa para representar «fotografia» e copiaram-na para a capa do seu diário de bordo, em letras grandes, como se fosse o título, e assim completar a frase que ali constava desde a primeira sessão: “Para mim a fotografia é...” Esta era uma atividade que lhes suscitava curiosidade, pois ao longo das várias sessões do clube, alguns participantes perguntavam quando é que a iriam completar aquela frase.

Alguns participantes quiseram fazer um desenho por baixo da palavra para personalizar a capa do seu diário de bordo, tornando-a original e autêntica. Observei que estavam muito envolvidos na atividade.

À medida que foram acabando responderam ao último questionário sobre as aprendizagens e descobertas feitas no clube. No mesmo também foram questionados sobre as suas sugestões para melhorar o projeto. Por fim, muito motivados e felizes, tendo em conta os sorrisos nos seus rostos, continuaram a ajudar na montagem da exposição de fotografias. Enquanto preparam a fita-cola dupla e afixavam as fotografias no painel, iam revivendo pequenas histórias que aconteceram durante o clube.

#### Inauguração da exposição de fotografias “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”

Um pouco antes da hora marcada, 19:30h, começaram a chegar os participantes e os seus familiares, à sede do agrupamento. Enquanto se aguardava a chegada de um dos participantes e dos seus pais, os restantes convidados e familiares foram apreciando as fotografias expostas, acompanhados pelos filhos, membros do clube, fazendo uma leitura atenta das legendas, tecendo comentários de agrado e reconhecimento pelos trabalhos fotográficos desenvolvidos. Alguns familiares deixavam comentários e opiniões no livro de honra colocado à disposição.

Tendo em conta o atraso do participante D, decidi contactar os pais dele. Se num primeiro contacto telefónico o pai do D garantiu que estava a chegar, no segundo, realizado 30 minutos depois, atendeu a mãe e informou que já não viriam à inauguração.

Num ambiente muito descontraído e familiar, e sem mais demoras, deu-se início à inauguração da exposição de fotografias.



Figura nº 17 - Montagem da exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”

A investigadora começou por agradecer a todos os presentes que estiveram diretamente relacionados com o Clube de Fotografia, deu os parabéns a todos, mas em especial aos autores das fotografias agora em exposição, dando-lhes a palavra. Os membros do clube, concentrados mas descontraídos, falaram alegremente de algumas atividades que desenvolveram, revelaram que agora são mais observadores e críticos sobre aquilo que os rodeia, e que aprenderam que as fotografias podem ser importantes para sinalizar e alertar as pessoas para algumas situações levando-as a agir. Por fim, explicaram pelas suas palavras a mensagem da exposição. Considerando o volume dos aplausos do público presente, adivinham-se que gostaram da inauguração. Pela expressão facial de alegria e os comentários agradáveis que fui ouvindo leva-me a acreditar que a exposição foi muito apreciada.

#### Intervenção com a comunidade

A exposição do “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” integrou a segunda edição do evento escutista Rota dos Sentidos ao Luar, que consistiu numa caminhada feita ao serão pelo “Trilho da Amazónia”. Alguns dos participantes e seus familiares participaram no evento.

Para registar a chegada dos visitantes e observar a sua reação ao observar a exposição, aguardei pela chegada das 350 pessoas inscritas no evento. Pelas 23:30h, os primeiros caminhantes começaram a chegar à sede e foram-se dirigindo para o espaço polivalente. Enquanto esperavam na fila para receberem a sopa e a bifana a que tinham direito, e considerando que a exposição estava patente na parede lateral ao local onde foi formada a fila, os participantes do evento Rota dos Sentidos ao Luar, apreciaram de perto a exposição.

Muitos visitantes comentavam interessadamente entre si as fotografias expostas. Reparei que a exposição atraiu a atenção de todos, independentemente das idades dos visitantes. As legendas eram lidas individualmente ou em pequeno grupo de pessoas que se aproximaram das fotografias. Alguns visitantes deixaram registos escritos no livro de honra da exposição. Foi interessante observar, já no final do evento, um senhor que foi buscar a moldura do Clube de Fotografia para fazer de enquadramento a um retrato de família.



### Pedido de autorização

Dirigente do Agrupamento Escutista 762-  
Maceira

Eu, Lúcia Manuela de Jesus Mendes Lopes, professora do Ensino Básico de Educação Visual e Tecnológica, venho por este meio pedir a autorização para desenvolver um projeto de investigação-ação no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais – IPL. O projeto tem como tema: A fotografia como meio de expressão e de intervenção.

No âmbito do estudo proposto, pretende-se desenvolver no Agrupamento de Escutista da Maceira, um Clube de Fotografia com a participação de 8 a 10 lobitos ou exploradores, a realizar-se em alguns sábados, durante os meses de fevereiro, março, abril e maio de 2019. As datas serão calendarizadas tendo em contas as atividades escutistas.

Com os mais cordiais cumprimentos.

Marinha Grande, 4 de novembro de 2018

(Lúcia Manuela de Jesus Mendes Lopes)

ANEXO 3 - PLANIFICAÇÃO GERAL DO PROJETO DE INTERVENÇÃO - CLUBE DE FOTOGRAFIA

Sessões	Atividades	Dados para análise	Local	Eta- pas
#1 23/2/2019 <i>Olha à tua volta</i>	Leitura da história-Posso juntar-me ao clube? Preenchimento questionário inicial Apresentação a partir de fotografias Leitura recreativa de fotografias <b>Desafio 1</b> - Olha à tua volta Desafio para casa - fotografar 3 elementos	Respostas ao questionário inicial, Registos áudio Fotografias Diários de bordo Respostas ao questionário avaliação sessão	Sede  Casa	Implementação do projeto investigação - ação
#2 2/03/2019 <i>O olhar fotográfico</i>	Observação, diálogo das fotografias captadas do Desafio 1 e em casa Captação fotográfica de uma mesa <b>Desafio 2</b> - O olhar fotográfico Desafio 2.1 – Produção escrita	Registos áudio Fotografias captadas pelos participantes Fotografias da sessão Respostas ao Desafio 2.1 Diários de bordo	Sede  N. Sra. Barroquinha	
#3 16/03/2019 <i>A fotografia como expressão e intervenção</i>	Observação e diálogo das fotografias captadas no local Fonte N. Sr.ª Barroquinha <b>Desafio 3</b> - Observar e fotografar no Trilho da Amazônia Desafio 3.1-A fotografia como intervenção no trilho Desafio3.2 – Observação e diálogo sobre as fotografias do trilho <b>Desafio 4</b> - Observa e fotografa a tua comunidade	Fotos captadas pelos participantes na N. Sra. da Barroquinha e no trilho Fotos captadas pelos participantes no trilho Fotografias da sessão  Registos áudio de vídeos dos participantes Respostas ao Desafio 3.2 Diários de bordo	Sede  Trilho da Amazônia  espaços comunidade	
#4 6/04/2019 <i>A fotografia e a palavra</i>	Observação e diálogo das fotografias captadas na comunidade e no “Trilho da Amazônia” Seleção fotografias do trilho- “gosto”/“não gosto” Produção textual escrita e oral sobre as fotografias selecionadas.	Registos áudio Fotografias captadas pelos participantes Registos da produção textual Diários de bordo	Sede	
#5 4/05/2019 <i>A fotografia e a palavra</i>	Produção textual - carta Presidente da Junta Seleção de fotografias do trilho para a exposição Produção textual - reescrita de legendas das fotos selecionadas Criação do título para a exposição final.	Fotografias da sessão Fotografias captadas pelos participantes Registos da produção textual Diários de bordo	Sede	
#6 11/05/2019 <i>A Fotografia como expressão</i>	Produção textual - reescrita final das legendas das fotografias para a exposição <b>Desafio 5</b> - Fotografar no centro da vila Concluir a frase: “Para mim este clube foi...” Responder às perguntas: O que vês? O que sentiste? Porquê?(após captação fotográfica)	Legendas das fotografias Fotografias captadas pelos participantes no centro da vila Registo das frases Fotografias da sessão Registos áudio Diários de bordo	Sede  Centro vila da Maceira	
#7 18/05/2019 <i>A Fotografia como intervenção</i>	Montagem da exposição final Lista de 10 palavras para definir «fotografia» Concluir a frase: “Para mim a fotografia é...” Questionário final Inauguração da exposição (19:30h) Intervenção com a comunidade (23:30h)	Respostas ao questionário final Registo listas 10 palavras Registos da frase “Para mim a fotografia é...” Diários de bordo Registos no livro de honra	Sede	

Quadro nº 4 - Planificação Geral do Projeto de Intervenção - Clube de Fotografia

## ANEXO 4 - CONVITE PARA A INSCRIÇÃO NO CLUBE DE FOTOGRAFIA



### Convite - Inscrição no Clube de Fotografia



#### Caros pais:

Convidamos o seu filho(a) a participar no Clube de Fotografia, para os Lobitos e Exploradores do Agrupamento de Escuteiros 762, da Maceira.

Os participantes do Clube poderão viver experiências significativas e aprazíveis em torno da fotografia. Através do seu olhar fotográfico irão despertar o espírito de observação e fotografar alguns espaços da comunidade. São também objetivos do clube facultar noções básicas de fotografia, nomeadamente ao nível da composição e leitura da imagem e promover diálogos/ narrativas sobre e com fotografias.

O Clube de Fotografia insere-se no projeto de investigação-ação, no âmbito do Mestrado em Intervenção e Animação Artísticas, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais - IPL, Leiria. O projeto tem como tema: A Fotografia participativa como meio de expressão e de intervenção na comunidade local, pelo olhar das crianças.

As inscrições são gratuitas e podem ser enviadas, por email, aos dirigentes de secção até dia 2 de fevereiro.

Idades: 9-11 anos

Nº de participantes: 8 a 10 participantes, sujeito a inscrição

Local: sede do Agrupamento e saídas de campo na comunidade local

Preço: gratuito

Duração: 14 horas -total de 7 sessões

Quando: sábados de manhã, das 10h -12h

Datas: 23 de fevereiro; 2 março; 16 março; 6 abril; 4 maio; 11 maio; 18 maio

As datas serão confirmadas numa reunião com os pais dos participantes inscritos, antes do início da dinamização do Clube de Fotografia, a realizar no dia 19 de fevereiro, na sede do Agrupamento de Escuteiros.

Dinamizadora do Clube e investigadora: Lúcia Lopes, professora de Educação Visual e Educação Tecnológica no 2º ciclo do Ensino Básico.

Para esclarecimento de qualquer dúvida: [lucia.m.lopes@gmail.com](mailto:lucia.m.lopes@gmail.com)

Desde já agradeço o Vosso interesse e a inscrição dos vossos filhos.

## ANEXO 5 - DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

### DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO



Eu \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de identificação BI/CC. n.º \_\_\_\_\_, representante legal do(a) menor \_\_\_\_\_, declaro que o mesmo pode participar no Clube de Fotografia, no âmbito do projeto “A fotografia como meio de expressão e intervenção, pelo olhar das crianças”, que decorrerá na sede do Agrupamento de Escuteiros 762 da Maceira. Fui informado(a) que algumas atividades podem decorrer em espaços exteriores. Declaro ter conhecimento de que este projeto inclui investigação, divulgação e publicação dos resultados do mesmo em contexto académico e científico.

### AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE DADOS

Declaro que autorizo a recolha de dados, gravação áudio /vídeo e de registos fotográficos durante as atividades desenvolvidas, para o tratamento de dados, no âmbito da dimensão investigativa do projeto e que serão exclusivamente utilizados no relatório final do mestrado para ilustrar o trabalho desenvolvido. As informações recolhidas garantem o anonimato dos participantes do Clube de Fotografia.

Data: 23/02/2019

Assinatura do/a representante legal:

---

## ANEXO 6 - AUTORIZAÇÃO DO USO DE FOTOGRAFIAS PARA A EXPOSIÇÃO

### **Autorização para participar na exposição de fotografias**



O projeto “A fotografia como meio de expressão e intervenção, pelo olhar de crianças”, prevê uma exposição das fotografias, na última sessão do Clube de Fotografia, dia 18 de maio de 2019, na sede do Agrupamento de Escuteiros 762 da Maceira, a integrar no evento Rota dos Sentidos ao Luar.

Autorizo / não autorizo (riscar o que não interessa) a utilização de fotografias do meu educando \_\_\_\_\_ para participar na exposição de fotografias supra referida, desde que não sejam divulgados dados que não interessem ao propósito da referida investigação, ou qualquer tipo de informações pessoais.

Data: 4.05.2019

Assinatura do/a representante legal:

---

ANEXO 7 - ATIVIDADES E TIPOS DE PRODUÇÕES REALIZADAS NO CLUBE DE FOTOGRAFIA

Sessão	Atividades	Produções dos participantes
#1	Desafio 1- Olha à tua volta Captação fotográfica de 3 elementos	Fotografias captadas nos espaços da sede do agrupamento Fotografias captadas em contexto familiar
#2	Captação fotográfica de uma mesa Desafio 2 – O olhar fotográfico	Fotografias captadas no local da N. Sr. <sup>a</sup> Barroquinha
#3	Desafio 3- Observar e fotografar no Trilho da Amazónia Desafio 3.1-A fotografia como intervenção no trilho	Fotografias captadas no trilho - desafio 3 e 3.1
#4	Desafio 4- Observa e fotografa a tua comunidade Produção textual oral e escrita das fotografias selecionadas. O que vês? O que sentiste? Porquê?	Fotografias captadas na comunidade Produção textual sobre duas fotografias “gosto”/ “não gosto”
#5	Produção textual de uma carta ao Presidente da Junta a freguesia da Maceira Produção textual -reescrita de legendas das fotos escolhidas Criação do título para a exposição final.	Carta ao Presidente da Junta Produção textual sobre duas fotografias selecionadas para exposição Título para a exposição final.
#6	Produção textual final - reescrita de legendas das fotografias: o que vês? O que sentiste? Porquê? Criação de um título para a exposição Captação de fotografias no centro da freguesia da Maceira	Legendas e títulos para as fotografias da exposição Registo das ideias para o título Fotografias captadas no centro da freguesia da Maceira
#7	Montagem da exposição Redação de 10 palavras para falar de “fotografia» Conclusão da frase “Para mim a fotografia é...” Preenchimento do questionário final	Exposição fotográfica Registo de listas de 10 palavras Registo da conclusão da frase Respostas ao questionário final Registos do livro de honra da exposição final

Quadro nº 5- Atividades e tipos de produções realizadas no Clube de Fotografia

ANEXO 8 - QUESTIONÁRIO INICIAL

Clube de Fotografia

Data: 23/02/2019

Nome: \_\_\_\_\_

Já captaste fotografias? Sim  Não

Captas fotografias: sozinho  com ajuda

Onde costumavas captar fotografias?

Na escola  em casa  em viagens  nas férias  nas atividades escutistas

Para fotografar costumavas usar: telemóvel  tablet  câmara fotográfica

O que costumavas fotografar?

\_\_\_\_\_

Gostas de fotografia? Sim  Não  E gostas de escrever? Sim  Não

Gostas de ver fotografias? Sim  Não

Gostas de captar fotografias? Sim  Não

Já alguma vez foste ver uma exposição de fotografias? Sim  Não

O que é para ti a fotografia?

\_\_\_\_\_

ANEXO 9 - RESPOSTAS AO INQUÉRITO INICIAL

Já captaste fotografias? Sim - 6 Não - 0

Captas fotografias: sozinho - 5 com ajuda - 4

Onde costumavas captar fotografias?

Na escola- 1 em casa - 4 em viagens - 3 nas férias - 5

nas atividades escutistas- 0

Para fotografar usas: um telemóvel- 6 um tablet - 1 uma câmara fotográfica- 4

O que costumavas fotografar?

“Animais, paisagens, pessoas” (A);

“Costumo fotografar gatos, árvores e a mim próprio.” (B) ;

“Paisagens, eu, a minha família, entre outras coisas” (C);

“Eu costumo tirar fotografias aos bolos, aos meus primos ou amigos a surfar e a coisas interessantes.” (D); “Coisas antigas.” (F);

“Fotos da natureza, fotos com os amigos.” (E);

“A coisas antigas.” (F)


Gostas de fotografia? Sim-6 Não-0 E gostas de escrever? Sim- 4 Não- 2

Gostas de ver fotografias? Sim-6 Não-0

Gostas captar fotografia? Sim-6 Não-0

## ANEXO 10 - DESAFIO 1- OLHA À TUA VOLTA

**Desafio 1: Olha à tua volta**



Repara nos objetos e espaços à tua volta.  
Vamos ver se consegues fotografar todos os elementos indicados em baixo:


- Um triângulo \_\_\_\_\_
- Um quadrado \_\_\_\_\_
- Uma coisa vazia \_\_\_\_\_
- Algo bonito \_\_\_\_\_
- Algo em cima da mesa \_\_\_\_\_
- Em forma de cilindro \_\_\_\_\_
- Madeira \_\_\_\_\_
- Superfície com linhas \_\_\_\_\_
- Amizade \_\_\_\_\_
- Um retângulo \_\_\_\_\_
- A sombra de um amigo \_\_\_\_\_
- Algo muito pequeno \_\_\_\_\_
- Um sítio que gosto \_\_\_\_\_

Em cada linha escreve o que fotografaste.

Figura nº 18 - Desafio 1- Olha à tua volta

## ANEXO 11 - DESAFIO 2 - O OLHAR FOTOGRÁFICO

**Desafio 2: O olhar fotográfico**



Um bom fotógrafo está atento aos detalhes.  
Observa com atenção o que queres fotografar e procura descobrir pontos de vista e pormenores interessantes. Também podes fotografar algo que aches que pode ser melhorado, para mostrar a alguém que o possa fazer.

Tenta aplicar as noções sobre composição fotográfica que abordámos na sala.

Para te ajudar no enquadramento das tuas fotografias usa a tua moldura de cartolina. Capta fotografias:

- De cima para baixo \_\_\_\_\_
- Linhas curvas \_\_\_\_\_
- Linhas retas \_\_\_\_\_
- De baixo para cima \_\_\_\_\_
- Um elemento que gostes \_\_\_\_\_
- Algo que poderia ser melhorado \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_
- \_\_\_\_\_

Em cada linha escreve o que pensas fotografar.

Figura nº 19 - Desafio 2 – O olhar fotográfico

ANEXO 12 - DESAFIO 2.1 (CONTINUAÇÃO DO DESAFIO 2)

**Desafio 2.1:** Saída de Campo - Fonte da N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Barroquinha

Já alguma estiveste aqui? Sim  Não

Para desenvolver o olhar fotográfico é preciso treino, espírito de observação e até sentido crítico. Olha com atenção para o espaço que te rodeia. Será que está bem conservado? Sim  Não

O que te chama a atenção que poderia ser melhorado?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Dá sugestões para tornar este espaço mais agradável.


\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Figura nº 20 - Desafio 2.1 (continuação do Desafio 2)

ANEXO 13 -DESAFIO 3 - OBSERVAR E FOTOGRAFAR O “TRILHO DA AMAZÓNIA”

**Desafio 3: Observar e fotografar o “Trilho da Amazônia”** 

Já alguma fizeste este trilho? Sim  Não

Olha a natureza e contempla tudo em teu redor.  
Enquanto caminhas pelo trilho observa o que gostas mais e o que gostas menos e fotografa esses elementos/situações.  
Para te ajudar no enquadramento das tuas fotografias podes usar a tua moldura de cartolina.  
Fotografias de elementos que gosto e acho interessante \* .

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\* Agradável, curioso, surpreendente, inesperado.

As fotografias transmitem emoções e sentimentos e enquanto fotografias no meio da natureza, também vives emoções. Descreve o que estás a sentir, a ouvir e cheirar enquanto caminhas pelo trilho.

\_\_\_\_\_


\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Figura nº 21 - Desafio 3 - Observar e fotografar o “Trilho da Amazónia”

ANEXO 14 - DESAFIO 3.1- (CONTINUAÇÃO DO DESAFIO 3)

**Desafio 3.1: Observar e fotografar o “Trilho da Amazónia”**  
(continuação) **A Fotografia como meio de intervenção**



Há alguma situação que poderia ser melhorada? Sim  Não

O que falta neste trilho para ser mais agradável e seguro para todos? Tenta descobrir. Usa o teu sentido de observação e espírito crítico. Capta fotografias de elementos que não gostes, que te preocupam e que poderiam ser melhorados ao longo do trilho, para mostrar a alguém que o possa fazer.

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Em cada linha escreve o nº das fotografias que selecionaste.

Figura nº 22 - Desafio 3.1 (continuação do Desafio 3)

ANEXO 15 - DESAFIO 3.2 (CONTINUAÇÃO DO DESAFIO 3)

**Desafio 3.2: Observação e diálogo sobre as fotografias do “Trilho da Amazónia”**

Observa com atenção as fotografias que hoje foram captadas pelos membros do nosso Clube, ao longo do “Trilho da Amazónia” .

O que mostram as fotografias sobre o estado de conservação do trilho?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que sentes ao observar essas fotografias?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Dá sugestões para tornar aquele espaço mais agradável e seguro.


\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Figura nº 23 - Desafio 3.2 (continuação do Desafio 3)

ANEXO 16 - DESAFIO 4 - OBSERVA E FOTOGRAFA A TUA COMUNIDADE



**Desafio 4: Observar e fotografar a tua comunidade**

A fotografia é um meio expressivo de captar a realidade que nos rodeia. É também uma forma de comunicar e de sinalizar situações no contexto em que vivemos, para tentar melhorar o que está à nossa volta. Apelando a uma atitude participativa e de envolvimento na comunidade, **aceita este desafio!**

**ÉS BOM OBSERVADOR. CERTO?** *Tens espírito crítico?*

Capta fotografias de:

- 2 Situações que te preocupam ou coisas que não gostes de ver na tua rua/ comunidade, (elementos ou espaços que estão danificados, poluídos, em ruínas ou abandonados)
- 2 Espaços/ coisas que gostes
- 1 Fotografia do que tu quiseres

As fotografias podem ser captadas com qualquer equipamento fotográfico e devem ser enviadas, por email, até ao dia 2 de abril. No Clube, no dia 6 abril, iremos dialogar sobre as fotografias que forem enviadas. Por isso é importante participar!

Boas fotografias.

Figura nº 24 - Desafio 4 - Observa e Fotografa a tua Comunidade

ANEXO 17 - QUESTIONÁRIO “DÁ A TUA OPINIÃO SOBRE A SESSÃO DE HOJE”

**Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje**      Data: \_\_\_/\_\_\_/2019

Hoje as atividades do clube foram importantes para mim? Sim  Não

Hoje aprendi \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Gostei mais de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Como te sentiste na sessão de hoje?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Figura nº 25 - Questionário “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”

ANEXO 18 - FOTOGRAFIAS PARA A LEITURA RECREATIVA DE IMAGENS NA SESSÃO #1



Elliot, New York City, 2000



Two Kurdish boys cross a road, carrying the frame of a television screen. Dersoguzur, Kurdistan/Turkey, 1993. © Ben



Figura nº 26 - Fotografias usadas para a leitura recreativa de imagens na sessão #1

ANEXO 19 - TRANSCRIÇÃO DAS INTERVENÇÕES DOS PARTICIPANTES NA LEITURA RECREATIVA DE IMAGEM DE *ELLIOT, NEW YORK, 2000* - SESSÃO #1

<i>“Eu vejo um cão”. “E um senhor com uma cara de cão e uma corda. O cão e o senhor cão está sentado na, na, na escadaria”. (C)</i>
<i>“Eu vejo um cão e provavelmente o dono com cabeça de cão. (E)</i>
<i>“Eu vejo um cão e um senhor com uma cara de cão (...) Uma porta.” (F)</i>
<i>“Ali uma loja. (foi pedido para ele indicar na imagem onde era o ali, indicou que esquerda o canto inferior direito com gradeamento um letreiro) um cão, um bulldog, não sei. E depois uma pessoa com cara do seu cão e uma porta, duas escadas e um corredor e uma parede.” (B)</i>
<i>“Vejo um cão com um homem, com cara de cão, deve ser o dono dele, sentado numa escadaria, à frende se calhar da casa dele. De lado há uma loja.” (D)</i>

Quadro nº 6 - Respostas à pergunta -O que vês nesta fotografia?

<i>“Eu gosto desta imagem por que é original, ah... ah... ah.. isto faz-me lembrar um carnaval muito muito sério, porque isto vê-se que não é... Ai que horror! (com um grito de sobressalto) “É isto que eu estou a ver. Agora, baralhei-me toda. Há outra coisa que eu estou a ver. (...) Descobri uma coisa nova (...) Aqui (a participante levantou-se e apontou na imagem projetada) ele não tem cara de cão. Tá aqui um cão! (as outras crianças ficam muito espantadas com a afirmação da C e há risos) Está em cima do dono.” (C)</i>
<i>“Ah pois está!”; “Ah sim gosto porque tem cães...” (E)</i>
<i>“Humm...Eu não gosto desta fotografia porque os cães... aqueles cães fazem-me lembrar os cães maus” [Não há problema de não gostarmos] “Sim eu não gosto de cães.” [Esta fotografia faz-te lembrar cães maus, é isso?] “Sim.” [Mais, queres dizer mais alguma coisa? (acenou com a cabeça que não)] (F)</i>
<i>“Gosto porque... ah, uma senhora lá de um café ao pé da minha casa tem um cão igual e ele tá sempre atrás de mim a fazer assim.” (imita um arfar) (risos) [E isso assusta-te?] “Não. É fixe porque ele depois enrosca-se a mim.” (risos) E depois...Não gosto de uma coisa: os cães estão isolados (...) eles só têm a companhia deles os dois e não têm mais ninguém.” (B) [o participante C interrompe dizendo “Não estás a ver uma pessoa?” (risos)]</i>
<i>“Gosto porque...Ela é muito estranha.” (...) “É que... como é que a pessoa teve a ideia de meter um cão a tapar-lhe a cara e outro cão ao lado [Porque será que este fotógrafo fez isso?] “Para acharem graça.” (D)</i>

Quadro nº 7 - Respostas à pergunta - Gostas desta fotografia?

<i>“Não sei... é difícil... Mas eu acho que é tristeza.” “É muito antiga” (D)</i>
<i>“Curiosidade e tristeza.” (B)</i>
<i>“Medo” (F)</i>
<i>“Curiosidade” (E)</i>
<i>“É tristeza, porque quando nós vemos aquela imagem tá a preto e branco e por isso dá uma imagem triste.” (...) “Eu também faço isso no telemóvel, mas neste caso é mais tristeza. E curiosidade para ver cara do homem.” (C)</i>

Quadro nº 8 - Respostas à pergunta - O que te faz sentir esta fotografia?

ANEXO 20 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 1- SESSÃO #1



Figura nº 27 - Fotografias captadas pelo participante B, Sessão #1

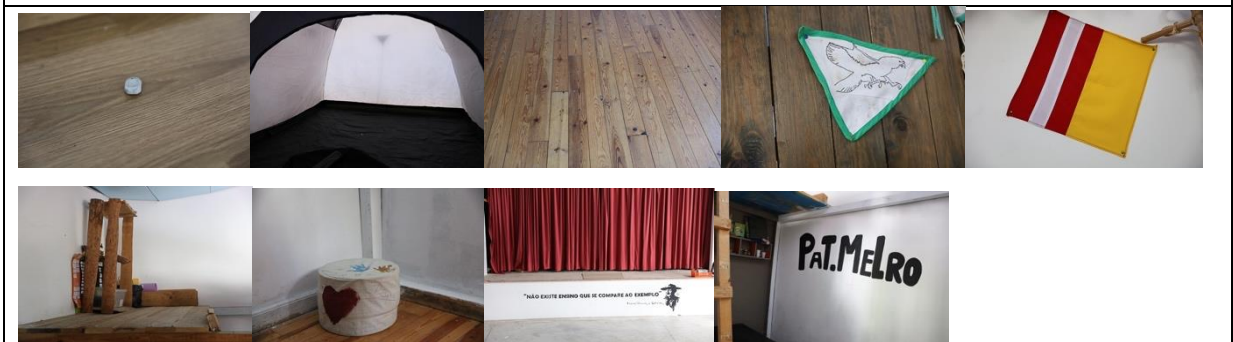


Figura nº 28 - Fotografias captadas pelo participante C, Sessão #1

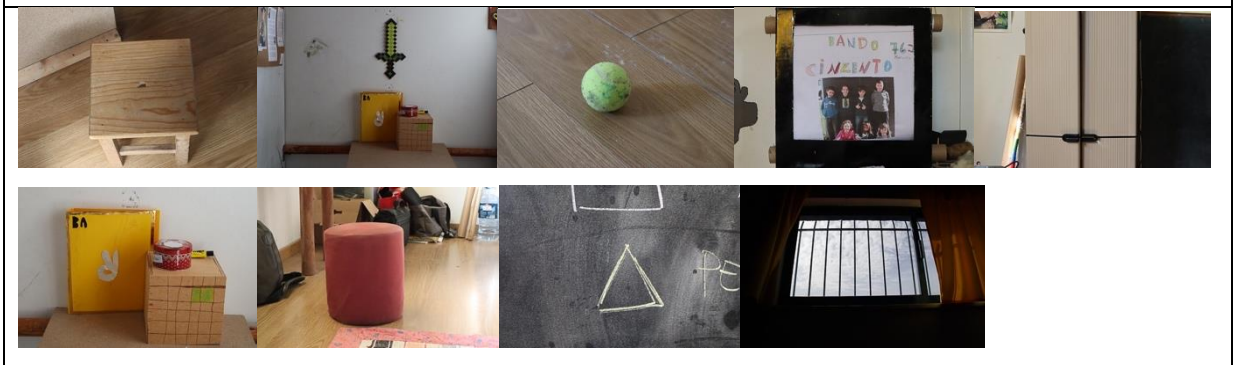


Figura nº 29 - Fotografias captadas pelo participante D, Sessão #1



Figura nº 30 - Fotografias captadas pelo participante E, Sessão #1

ANEXO 21 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS EM CASA DEPOIS DA SESSÃO #1- DESAFIO 3 OBJETOS

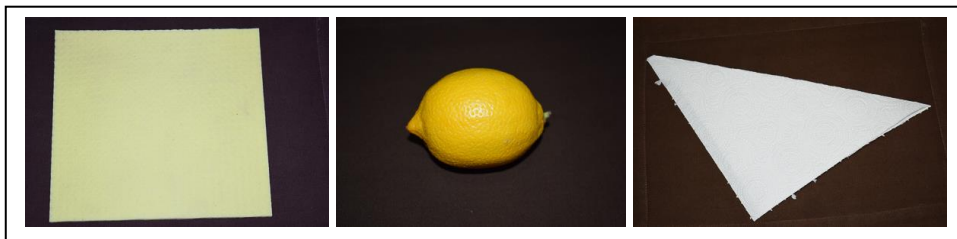


Figura nº 31 - Fotografias captadas em casa pelo participante B



Figura nº 32 - Fotografias captadas em casa pelo participante C



Figura nº 33 - Fotografias captadas em casa pelo participante D



Figura nº 34 - Fotografias captadas em casa pelo participante F

ANEXO 22 - TRANSCRIÇÃO DE PARTES DA GRAVAÇÃO ÁUDIO DURANTE A OBSERVAÇÃO DE FOTOGRAFIAS - SESSÃO #2

L – Uma coisa amarela, está certo? Um guardanapo?

B – Não.

L – Não?

B – Isso é daqueles panos de cozinha, de limpar o lava loiças.

L – O lava loiças, sim!

B- E um...triângulo em forma de guardanapo. Foi muito fácil porque estava tudo na mesma divisão.

L – Ora! As coisas perto umas das outras. E gostaste de fotografar? Foi fácil?

B – Foi.

L – E o que é que achas das tuas fotografias?

B – O triângulo não está muito bem porque está num cantinho...

L – Sim C... Explica lá.

C – É uma foto da minha mãe.

L – Sim, mas tiraste fotografia a uma fotografia porque tem...

C – Uma moldura amarela.

L – E era para tirar fotografia a uma coisa amarela, que também por acaso também é quadrada. Aqui obedeces às duas indicações, o quadrado e o amarelo. E aqui?

C – Isto não se vê muito bem, mas é um triângulo com rolhas.

L – E foste tu que fizeste, montaste o triângulo?

C – Sim.

L – Muito bem. Construíste a tua fotografia, foi isso? Para depois a fotografares. O elemento a fotografar, foi isso?

E o que é que tu achas das tuas fotografias, C?

C – Esta está um bocadinho má, mas porque lembrei-me disso, tipo, já de noite...

L – O que é que falta aqui nesta fotografia?

C – Luz. A luz é muito importante para fotografar, não é?!

L – Sim. Aqui neste caso temos uma fotografia com pouca luz. E da experiência de andar aqui na sede a captar fotografias, gostaste?

C – Gostei. Foi fixe.

L – Agora vamos ver aqui as fotos do... só falta o D, não é? D, estas três fotografias são de onde?

D – São de minha casa.

L – São de tua casa... aqui é a...

D – A janela.

L – Algo amarelo?

D – Humm, amarelo, sim.

L – Mais, e a seguir?

D – Um relógio.

L – Que é um...

D – É um quadrado.

L – Um quadrado... e aqui?

D – Isso é um triângulo mas é baixo.

L – É uma forma de cone, mas visto de lado é um triângulo, é isso?

D – Pois. (...)

L – E o que é que tu achaste das tuas fotografias?

D – Foram giras. Só que o relógio é que foi difícil de procurar.

L – O relógio foi difícil de procurar?

D – A minha mãe teve de me ajudar...

L – Foi? Andavam à procurar por uma coisa quadrada, foi isso?

D – Havia lá muitas mas...

L – Depois tiraste ao relógio, foi? E fotografar coisas em casa, foi divertido?

D – Sim.

ANEXO 23 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS AO MESMO OBJETO - SESSÃO # 2

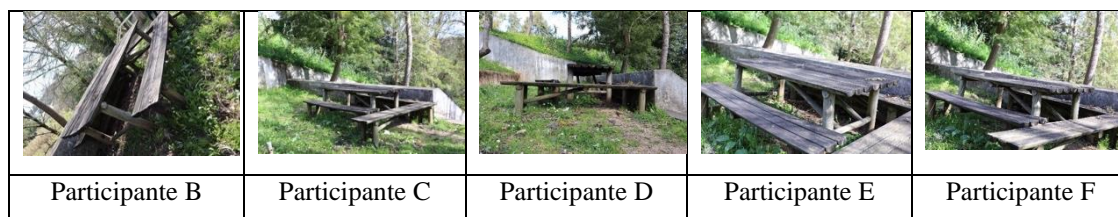


Figura nº 35 - Fotografias captadas ao mesmo objeto, Sessão #2

ANEXO 24 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 2- SESSÃO #2



Figura nº 36 - Fotografias captadas pelo participante C no Desafio 2

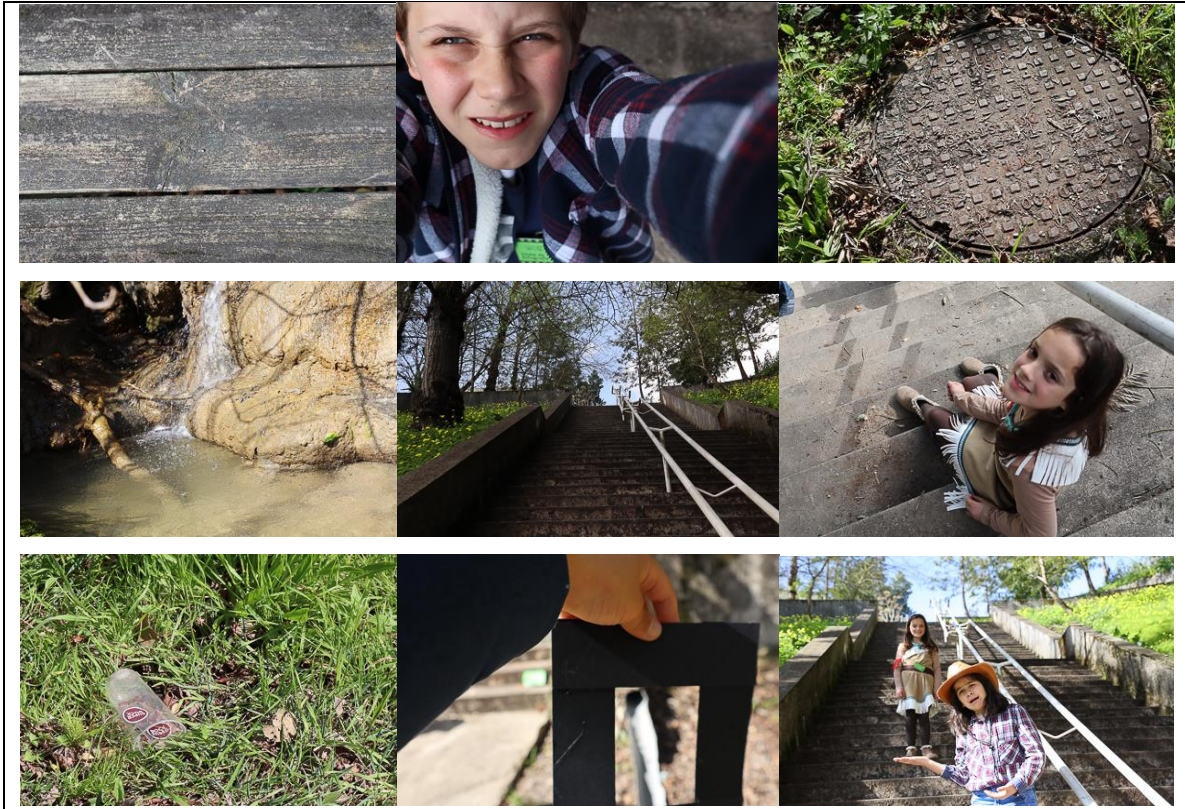


Figura nº 37 - Fotografias captadas pelo participante B no Desafio 2



Figura nº 38 - Fotografias captadas pelo participante E no Desafio 2

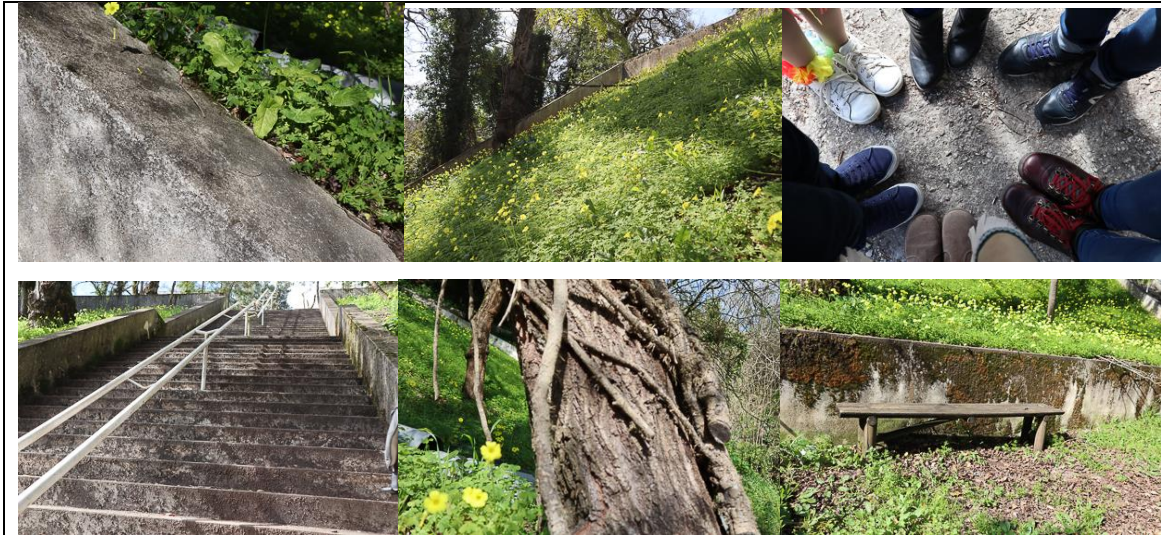


Figura nº 39 - Fotografias captadas pelo participante F no Desafio 2

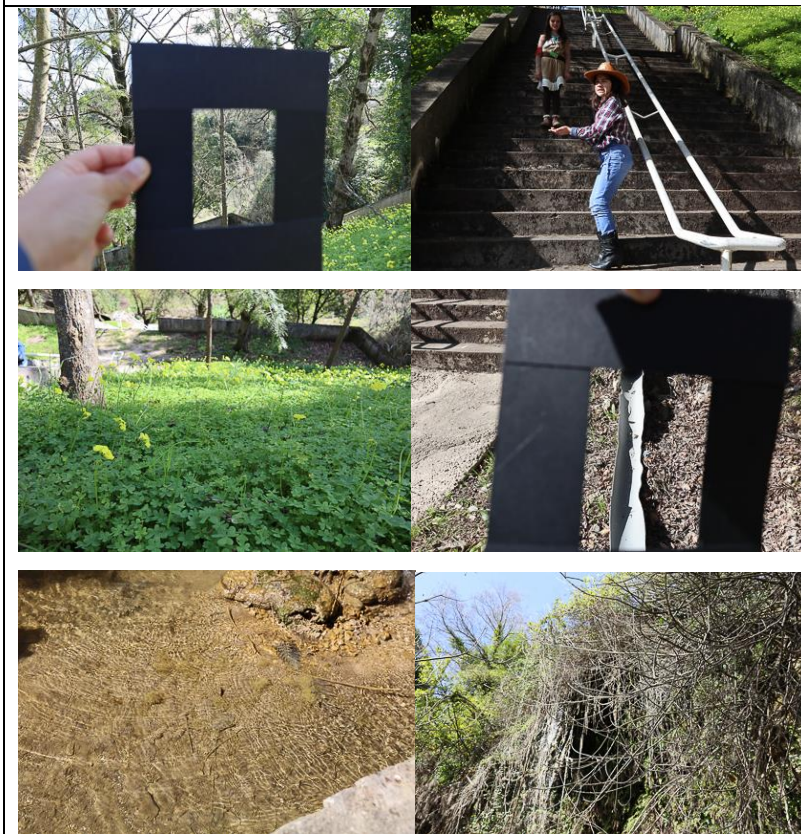


Figura nº 40 - Fotografias captadas pelo participante D no Desafio 2

ANEXO 25 - PARTICIPANTES DURANTE O DESAFIO 2



Figura nº 41 - Participantes durante o Desafio 2

ANEXO 26 - RESPOSTAS OBTIDAS NO DESAFIO 2.1 - SESSÃO #2

Perguntas	Participantes					
	A	B	C	D	E	F
Já alguma vez estiveste aqui?	<i>Faltou</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
Olha com atenção para o espaço que te rodeia. Será que está bem conservado?	<i>Faltou</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>	<i>Não</i>
O que te chama a tenção que poderia ser melhorado?	<i>Faltou</i>	<i>O lixo e as coisas abandonadas.</i>	<i>O lixo na natureza e os grafites nas paredes e também os cigarros que podem fazer fogo.</i>	<i>Poderia ser melhorado o chão e o tubo da canalização e ter coisas interessante.</i>	<i>O lixo espalhado no chão, ramos caídos, que podiam ser tirados e alguns bancos estragados.</i>	<i>Mesas abandonadas e a poluição.</i>
Dá sugestões para tornar este espaço mais agradável.	<i>Faltou</i>	<i>Limpar este espaço.</i>	<i>Fazer uma limpeza geral e dar mais preservação ao local</i>	<i>Deviam meter as placas arranjadas, meter diversões e as árvores deviam estar artísticas.</i>	<i>Não deitar lixo no chão e não estragar o que é bonito.</i>	<i>Limpeza e mesas novas.</i>

Quadro nº 9 - Respostas obtidas no Desafio 2.1 – Sessão #2

ANEXO 27 - ANÁLISE DA CAPTAÇÃO DE FOTOGRAFIAS NO DESAFIO 2

Espaço exterior	Referentes	Participantes						Total
		A	B	C	D	E	F	
	Elementos naturais	-	1	2	4	3	3	13
	Património	-		1		1	1	3
	Estruturas	-	3	1		1	2	7
	Intervenção	-	1	2	2			5
	Figura humana	-	3		1	1	1	6
	Poluição	-	1					1

Quadro nº 10 - Análise da captação de fotografias no Desafio 2

ANEXO 28 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 3- SESSÃO #3



Figura nº 42 - Fotografias captadas - participante A - “Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 43 - Fotografias captadas - participante A - “Não gosto e que me preocupam”



Figura nº 44 - Fotografias captadas - participante B - “Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 45 - Fotografias captadas - participante B -“Não gosto e que me preocupam”



Figura nº 46 - Fotografias captadas- participante C - “Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 47 - Fotografias captadas - participante C -“Não gosto e que me preocupam



Figura nº 48 - Fotografias captadas - participante D -“Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 49 - Fotografias captadas - participante D -“Não gosto e que me preocupam”



Figura nº 50 - Fotografias captadas - participante E - “Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 51 - Fotografias captadas - participante E - “Não gosto e que me preocupam”



Figura nº 52 - Fotografias captadas - participante F - “Gosto e que acho interessantes”



Figura nº 53 - Fotografias captadas- participante F - “Não gosto e que me preocupam”

ANEXO 29 - ANÁLISE DE FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 3





Espaço exterior	Referentes	Participantes						Total
		A	B	C	D	E	F	
	Elementos naturais	2	6	4	6	12	3	33
	Estruturas	-	-	-	-	-	-	-
	Estruturas (pontes)	-	-	-	-	-	-	-
	Lama	-	-	-	-	-	-	-
	Figura humana	2		1				3
	Poluição	-	-	-	-	-	-	-





Quadro nº 11 - Análise das fotografias aos elementos “Gosto e acho interessantes”



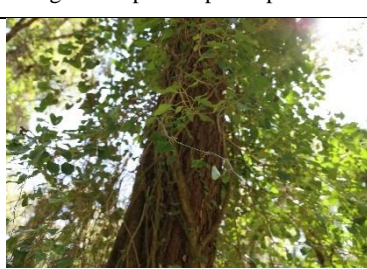


Espaço exterior	Referentes	Participantes						Total
		A	B	C	D	E	F	
	Elementos naturais	1	2		5	2	3	13
	Estruturas				1		1	2
	Estruturas (pontes)	1	1	2	1	3	2	10
	Lama			1		2		3
	Figura humana	1				1		2
	Poluição	1	1	3	1	1		7

Quadro nº 12 - Análise das fotografias aos elementos “Não gosto e me preocupam”

ANEXO 30 - FOTOGRAFIAS SELECIONADAS DO DESAFIO 3

Fotografias captadas no “Trilho da Amazônia” e selecionadas na sessão #4.	Respostas às perguntas: 1. O que vês nesta fotografia? 2. O que sentiste ao captar a fotografia? 3. Porque captaste esta fotografia?
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>1.Lixo. 2.Que as pessoas não têm tino. 3.Porque o saco está a matar animais e plantas e também não os está a deixar crescer. (Participante A - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>1.O meu clube de fotografia. 2.Alegria, companhia e felicidade. 3.Porque gosto do meu clube de fotografia. (Participante A- sessão #4) <i>“O meu clube de fotografia onde estou com os meus amigos e é muito divertido. O que senti? Humm... ah... companhia, alegria, diversão. E... porque é que eu tirei isto? Para ter uma recordação que estive aqui.”</i> (expressão oral do participante A- sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<p>1.Eu vejo flores brancas e bem tratadas que dão melhor aspeto à paisagem e tornam tudo mais bonito. 2.Eu senti-me feliz porque o branco faz-me lembrar a paz. 3.Eu tirei esta fotografia porque as flores não estão murchas e queria experimentar a fotografar plantas ao perto. Senti que é um mais difícil focar a imagem. (Participante E- sessão #4) <i>“Eu vou falar da fotografia boa, da fotografia bonita. Eu vejo, eu vejo nesta fotografia, flores brancas e bem tratadas que dão melhor aspeto à paisagem e tornam tudo mais bonito. Eu senti-me ...alegre porque isto são seres vivos e a maior parte delas estão murchas e porque eu consegui tirar pelo menos três ou quatro abertas. Está aqui uma ainda fechada. (apontou com o dedo) Mas é porque ainda não cresceu. Ah...Eu senti... felicidade porque eu gosto, gosto muito da natureza e, principalmente das flores, e eu gostei muito destas flores porque têm a cor branca da paz.”</i> (expressão oral do participante E- sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<p>1.Eu vejo nesta fotografia uma ponte estragada com lama à volta. 2.Eu senti-me triste porque o trilho está estragado e qualquer pessoa que lá passe pode escorregar. Eu tirei esta fotografia para mostrar o que está mal. É mesmo preciso colocar aqui um passadiço para tornar este caminho mais seguro. 3.Para captar esta fotografia tive que me afastar para conseguir apanhar o caminho com lama e a ponte perigosa que está do lado direito da imagem. (Participante E - sessão #4)</p>

 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<p>1.Nesta fotografia eu vejo azevinho e folhas muito lindas e atrás folhas velhas e podres, todas com tons diferentes e também com formatos diferentes.</p> <p>2.Parece-me que cheira muito bem e transmite uma forma linda de apresentar a natureza, com cores lindíssimas, porque a natureza dá-nos uma parte da vida com coisas lindíssimas, maravilhosas e perfeitas. 3.Consegui apanhar 3 bagas um bocadinho para o lado direito da fotografia. (Participante D - sessão #4)</p> <p><i>“Nesta fotografia eu vejo azevinho e folhas todas muito lindas e atrás folhas velhas e podres, todas com tons diferentes. São todas com formato diferentes. Algumas parecem ... mais escuras por causa do tom da luz e... tentei desfocar. Tentei que o que está atrás não se perceba para só a imagem que eu queria destacar mais ficasse à mostra. Senti que esta fotografia é...cheira...Parece-me que cheira muito bem, fomos lá por causa da natureza. É muito gira. Gosto muito do azevinho, da forma que ele cresce e está feito. A natureza faz coisas muito giras.”</i> (expressão oral do participante D- sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<p>1.Eu nesta fotografia consegui mostrar que as mini cascatas para mim são mais bonitas do que as grandes e que à volta das pequenas cascatas há mais vegetação do que nas grandes e acho-as mais bonitas.</p> <p>2.Esta fotografia faz-me sentir que ali é um bom sítio para nadar, mas fiquei triste porque está ali lixo. (Participante D - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<p>1.Eu vejo que na fotografia tem uma mini cascata e que tem água cristalina.</p> <p>2.Eu senti-me calma e relaxada com o barulho da água.</p> <p>3.Eu tirei esta fotografia para demonstrar como os rios estão bem sem lixo. (Participante C- sessão #4)</p> <p><i>“Eu escolhi esta fotografia porque eu vejo que tem uma mini cascata e... que tem água cristalina e então... eu sinto-me muito calma e relaxada com o barulho da água. Ah e eu tirei esta fotografia para demonstrar como os rios estão bem, sem lixo. Estarem não poluídos. Eu senti-me... senti-me feliz porque esta parte da...do trilho, do rio não tem lixo porque houve mais partes que tinham lixo e então esta parte não têm lixo e eu sinto-me feliz por causa disso.”</i> (expressão oral do participante C - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<p>1.Eu vejo que na fotografia estão canas com lixo pendurado por cima do rio.</p> <p>2.Eu senti-me muito triste ao ver o lixo por cima da água.</p> <p>3.Eu tirei esta fotografia para sinalizar o que está mal. As canas e os ramos fazem linhas oblíquas e achei curioso fazerem uma cruz. (Participante C - sessão #4)</p>

 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<p>1. Nesta fotografia vejo que há um tronco caído, galhos, paus, silvas e água, ao meio em baixo que é o rio. 2. Senti-me mal a tirar esta fotografia porque não gosto da natureza assim.</p> <p>3. Porque assim a Câmara pode melhorar e limpar tudo, quando virem esta fotografia do trilho abandonado. (Participante F- sessão #4)</p> <p><i>“Vejo que há um tronco caído... galhos, paus e silvas e água.”; “Porque com ela podemos... mostrar a pessoas que possam limpar.” “Senti-me... mal.”</i> (expressão oral participante F - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<p>1. Vejo que o azevinho está à volta da árvore do meio e estão muitas folhas do trilho e plantas à volta e lá atrás.</p> <p>2. Senti-me bem.</p> <p>3. Porque a árvore e o azevinho são bonitos e não o podemos estragar. O azevinho parece um colar. É uma árvore vaidosa. (Participante F - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>1. Nesta fotografia vejo um ambiente natural não poluído e senti-me bem.</p> <p>2. Tirei-a para as pessoas verem como é as coisas sem serem poluídas.</p> <p>3. O tronco está no meio da imagem e eu gosto das texturas. Tirei a fotografia de baixo para cima. (Participante B- sessão #4)</p> <p><i>“Nesta fotografia eu vejo um ambiente natural, não poluído, e sinto-me bem.”; “Tirei-a porque não, não... tem nada a prejudicar, nem lixo ao pé...”; “As pessoas vêm quando as coisas não estão poluídas fica tudo, fica tudo... mais bonito, e... tem muitas texturas.”</i> (expressão oral do participante B - sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>1. Nesta fotografia vejo um caminho muito perigoso e sinto-me mal.</p> <p>2. Tirei para as pessoas terem mais cuidado e</p> <p>3. para poderem arranjar-lo. (Participante B- sessão #4)</p> <p><i>“Este caminho está a cair. Para ninguém se magoar, temos que o arranjar. Eu escolhi esta fotografia porque parece que é uma boca e é um sítio perigoso”.</i> (expressão oral do Participante B- sessão #4)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>A floresta encantada</p> <p>1. Nesta paisagem gosto muito das heras que sobem às árvores e criam texturas nos troncos.</p> <p>2. Parece que as árvores estão a andar numa floresta encantada. (Participante B - sessão #4)</p>

Quadro nº 13 - Fotografias captadas no Desafio 3 e registos de produção textual

ANEXO 31 - RESPOSTAS OBTIDAS NO DESAFIO 3.2 - SESSÃO #3

Perguntas	Participantes					
	A	B	C	D	E	F
O que mostram essas fotografias sobre o estado de conservação do trilho?	<i>O trilho tem lama.</i>	<i>A destruição do trilho</i>	<i>O trilho está mal conservado, as pontes estão pouco seguras e os caminhos estão muito estreitos</i>	<i>O trilho está destruído com pontes instáveis e com o caminho demasiado sujo.</i>	<i>O trilho está estragado e cheio de lama e está mal conservado, com sítios instáveis e estreitos.</i>	<i>Estragos no trilho mal conservado.</i>  <i>O trilho está um pouco estreito.</i>
O que sentes ao observar essas fotografias	<i>Triste com a Câmara Municipal</i>	<i>Sinto-me mal.</i>	<i>Sinto tristeza ao ver o estado do trilho.</i>	<i>Sinto-me contente com todas as fotografias.</i>	<i>Algumas fotografias sentia tristeza porque estavam desagradáveis e outras felizes.</i>	<i>Sinto-me bem.</i>
Dá sugestões para tornar este espaço mais agradável e seguro.	<i>Meter um revestimento para não tropeçar.</i>	<i>Pôr corrimões, a limpeza do espaço e tirarmos galhos do caminho.</i>	<i>Fazer corrimões nas partes estreitas e por proteções laterais.</i>	<i>Devemos melhorar os espaços.</i>	<i>Devemos pôr passadiços para não tropeçar, arranjar as pontes e tirarmos os ramos do chão.</i>	<i>Arranjar as pontes e tornarmos o caminho melhor com proteções.</i>

Quadro nº 14 - Respostas obtidas no Desafio 3.2 – Sessão #3

ANEXO 32 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 4 - OBSERVA E FOTOGRAFA A TUA COMUNIDADE



Fotografias captadas - Participante A



Fotografias captadas - Participante B



Fotografias captadas - Participante C



Fotografias captadas - Participante D



Fotografias captadas - Participante E



Fotografias captadas - Participante F

ANEXO 33 - ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 4

Espaço	Referentes	Participantes						Total
		A	B	C	D	E	F	
Interior de casa	Animais	1	1			2		4
	Natureza		1	2				3
	Estruturas	3						3
	Objetos		1		1		1	3
	Fig. humana			1				1
	Lixo	-	-	-	-	-	-	-
Exterior de casa	Animais		1		1			2
	Natureza	1		1				2
	Estrutura					3	3	6
	Objetos	-	-	-	-	-	-	-
	Fig. humana				1			1
	Lixo		1	1	2			4

Quadro nº 15 - Análise das fotografias captadas pelos participantes no Desafio 4

## ANEXO 34 - CARTA DOS PARTICIPANTES AO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DA MACEIRA

Exmo. Sr.º Vítor Santos  
Presidente da Junta de Freguesia da Maceira

Olá,

Somos escuteiros do Agrupamento 762 - Maceira e andamos no Clube de Fotografia. Aqui aprendemos que as nossas fotografias podem ser importantes para mostrar as nossas preocupações sobre o meio que nos rodeia e para denunciar situações. Gostávamos de participar para melhorar a nossa terra e por isso escrevemos-lhe este e-mail.

Ao fotografarmos ficámos mais atentos e observadores. Agora somos mais críticos em relação ao que está à nossa volta.

Para aprender e praticar a técnica de fotografia, fizemos algumas saídas de campo e visitámos alguns espaços da nossa freguesia como a Fonte da N.ª Sra. da Barroquinha e o "Trilho da Amazónia" e gostámos muito. O trilho é muito agradável para fazer desporto e também para passear em família pelo meio da natureza. Mas, quando fotografávamos, reparámos que nem tudo está bem e estamos preocupados com algumas situações. Por exemplo: as pontes estão partidas e assim são perigosas; o caminho é estreito em alguns sítios (alguém pode cair!) e nem todas as pessoas podem ir passear ali. Também estamos preocupados com o lixo no chão e a falta de limpeza.

Para melhorar o trilho sugerimos a colocação de passadiços, a construção de pontes mais seguras e até de proteções laterais em alguns sítios e a colocação de caixotes do lixo. Queremos pedir ajuda à Junta de Freguesia para resolver estes problemas. Gostávamos muito de receber uma resposta ao nosso e-mail para percebermos o que pode ser feito no "Trilho da Amazónia".

Informamos que estamos a organizar uma exposição de fotografia na nossa sede, para o dia 18 Maio, na atividade Rota dos Sentidos ao Luar. Com a exposição vamos alertar as pessoas da nossa freguesia que o "Trilho da Amazónia" podia ser melhorado para ser mais agradável e seguro para todos.

Agradecemos desde já a Sua atenção.

Com os melhores cumprimentos

O Clube de Fotografia

Catarina

Duarte

Francisca

Rodrigo Maxiana

A

(os participantes)

Maceira, 4 de maio de 2019

ANEXO 35 - RESPOSTA DO PRESIDENTE DA JUNTA DE FREGUESIA DA MACEIRA



**Freguesia de Maceira**

Para

Clube Fotografia

-2405-Maceira-LRA-

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

163/2019 MACEIRA - LEIRIA 14/05/2019

ASSUNTO:

Caros, Catarina, Duarte, Francisca, Rodrigo e Mariana;

Recebi a vossa carta onde expressam as vossas preocupações relativamente ao que observaram durante as atividades do Clube de Fotografia e, também as sugestões para melhorar e preservar o ambiente da nossa terra.

Louvo a vossa iniciativa, pois demonstra claramente o vosso empenho em colaborar na melhoria nos nossos espaços públicos, dos monumentos, cursos de água e dos trilhos existentes, sobretudo o da Amazónia, assim denominado pela diversidade e beleza da sua vegetação ao longo do ribeiro existente.

Infelizmente em algumas das sugestões apresentadas, não podemos fazer as melhorias sugeridas, visto que os terrenos são propriedade de particulares, não pertencendo ao domínio público. Mesmo assim, vamos tentar sensibilizar todos os donos a melhorar a segurança nesses caminhos, cabendo-nos a nós alertar todos os utilizadores dos trilhos, para que preservem o ambiente, não deixando lixo no local nem danificando os artefactos existentes, cumprindo as regras ambientais.





Com os n/melhores cumprimentos.

O Presidente da Freguesia

(Vitor Santos)

ANEXO 36 - FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 5 E REGISTOS DE PRODUÇÃO TEXTURAL

Fotografias captadas pelos participantes no centro da vila da Maceira	Respostas dos participantes às perguntas: 1. O que vês nesta fotografia? 2. O que sentiste ao captar a fotografia? 3. Porque captaste esta fotografia?
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>1. “O Santo Amaro.”</p> <p>2. “É um santo da nossa terra, ah, e eu queria mostrar-lhe homenagem para ele cuidar de nós e da nossa família. Eu tirei a foto de baixo para cima porque também não conseguia voar para lá para tirar.”</p> <p>3. “Para mostrar, que é para as pessoas darem mais valor aos santos e... que é para não desperdiçarem o Stº Amaro, para não, pronto, para dar mais valor.” (Participante A- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>1. “Eu vejo que parece um escorrega, tem 2 escorregas, uma poça lá no meio e um parafuso. Também o nome do sr. inicial é Júlio, tal como o meu avô, que já morreu.”</p> <p>2. “Saudades o meu avô.”</p> <p>3. “Para lembrar o meu avô e para, para se ver, para ter... eu sempre quis tirar uma foto a isto!”</p> <p>(Participante A- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>1. “Vejo um coração em chamas.”</p> <p>2. “Serenidade porque é sobre a igreja, então amor entre irmãos.”</p> <p>3. “Senti-me feliz porque aquela fotografia simboliza o amor com o próximo.” (Participante B- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>1. “Um pilar com muitas ondas e depois metal castanho com duas maçãs penduradas a simbolizar a terra da Maceira.”</p> <p>2. “Senti...Senti que pode ser importante para as pessoas da terra, porque simboliza a sua terra. Então elas gostam muito daquela estátua.”</p> <p>3. “Tirei esta fotografia porque é bonita e se pode comunicar com as outras pessoas de outras terras para dizer que podem fazer o mesmo. Se não fosse hoje[com esta atividade] não tinha visto nada disto.” (Participante B- sessão #6)</p>





 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>“É uma boca-de-incêndio que está toda partida e que devia ser arranjada porque só dá má vista de quando as pessoas olham para aqui.”</i></li> <li>2. <i>“Eu senti-me triste porque as pessoas passam por aqui, sem ligar nenhuma e às vezes isto acontece, se calhar alguém partiu, ou se calhar alguém esteve a fazer vandalismo.”</i></li> <li>3. <i>“Eu escolhi esta situação para sinalizar as pessoas que...que deve ser construído, para por mais tijolos construir uma boca-de-incêndio nova.”</i> (Participante C- sessão #6)</li> </ol>
 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>“Eu vejo um monumento que diz o 25º aniversário do Agrupamento 762 Maceira.”</i></li> <li>2. <i>“Eu senti-me feliz porque eu ando nos escuteiros e é muito bom saber que os escuteiros já têm muito tempo.”</i></li> <li>3. <i>“Porque tem o lema “Sempre alerta para servir” e tem a flor do liz que é o que representa os escuteiros.”</i> (Participante C- sessão #6)</li> </ol>
 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>“Vejo uma folha a fazer de cesto, uma espécie de barco e meti umas pinhas pequenininhas lá dentro e tentei tirar mais ao pormenor possível, para ficar muito fixe.”</i></li> <li>2. <i>“Senti que ia ficar uma fotografia única e fantástica.”</i></li> <li>3. <i>“Quando tirei esta fotografia parecia um cesto, uma espécie de barco. Um barco. Um casco de um barco. O que faz com que ele flutue com, tipo, 20 pessoas lá dentro. E isto é muito fixe. Eu só quero acrescentar mais uma coisa. Posso levar isto? É para recordação.”</i> [objeto construído] - Podes levar. É importante para ti? - <i>“Sim, é muito fixe.”</i> (Participante D- sessão #6)</li> </ol>
 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <i>“Vejo 3 flores verdes quase a florir, todas em pé, muito bem, com água e sol, num sítio muito bem plantado.”</i></li> <li>2. <i>“Senti-me muito bem também.”</i></li> <li>3. <i>“Porque pareceu-me que 3 plantas podem ser muito importantes para o mundo.”</i></li> </ol> <p>(Participante D- sessão #6)</p>

 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Vejo rosas que estão bem cuidadas e não estão murchas.”</li> <li>2. “Eu senti-me feliz porque pelo menos há algumas coisas que estão boas aqui. Algumas estão muito más, mas consegui captar uma coisa boa e também me senti... hum... orgulhosa da fotografia.”</li> <li>3. “Eu tirei porque... eu gosto muito de flores e é uma das minhas flores favoritas. Eu acho muito bonita a natureza.” (Participante E- sessão #6)</li> </ol>
 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Eu vejo crianças a divertirem-se, a brincarem no parque e a conviver umas com as outras.”</li> <li>2. “Eu senti que as crianças estavam a divertirem-se e que também se pode exprimir as emoções que as outras pessoas estão a sentir com as fotografias.”</li> <li>3. “Porque eu queria mesmo isso. As crianças estavam a divertir-se imenso, umas com as outras e porque eu também gosto muito de estar assim, a brincar nos parques. Eu gosto muito da fotografia e eu tirei porque ficou mesmo no enquadramento que eu queria.” (Participante E- sessão #6)</li> </ol>
 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Vejo duas cores, azul e amarelo, e ondas.”</li> <li>2. “Parecem ondas do mar e eu gosto do mar.”</li> <li>3. “Senti-me bem e feliz.”</li> </ol> <p>(Participante F- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. “Um corrimão, uma árvore e uma porta.”</li> <li>2. “Senti-me bem.”</li> <li>3. “Porque... acho que vai ser... é uma porta para a floresta.”</li> </ol> <p>(Participante F- sessão #6)</p>

Quadro nº 16 - Fotografias captadas no Desafio 5 e registos de produção textual

ANEXO 37 - FOTOGRAFIAS E RESPECTIVAS LEGENDAS PARA A EXPOSIÇÃO “ANDA CÁ VER A AMAZÓNIA AQUI AO PÉ”

<p>Fotografias captadas pelos participantes no Desafio 3</p>	<p>Legendas para as fotografias completando as frases: Nesta fotografia vejo...; Quando fotografei senti...; Captei esta fotografia porque...</p>
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>A ponte misteriosa</p> <p>Nesta fotografia vejo “uma ponte estragada, feita com paletes que fazem linhas paralelas.”</p> <p>Quando fotografei senti “que era misteriosa, pois não partia com o peso das pessoas.”</p> <p>Captei esta fotografia porque “ela precisa de ser arranjada.” (Participante A- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante A</p>	<p>O lixo camuflado</p> <p>Nesta fotografia vejo “dois sacos do lixo horríveis, camuflados com a natureza.” Quando fotografei senti “que as pessoas não têm tino. Não devem colocar o lixo no chão.” Captei esta fotografia porque “não há caixotes do lixo no trilho e as fotografias servem para sinalizar estas situações.”</p> <p>Lixo no chão, nem pensar!</p> <p>Se fosse eu a mandar, caixotes do lixo e de reciclagem Orgânicos e com tampa, era o que eu ia ali colocar. (Participante A- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>A floresta encantada</p> <p>Nesta fotografia vejo “muitas árvores vestidas com heras.” Quando fotografei senti “que gosto muito das heras que sobem às árvores e criam texturas nos troncos. Parece que as árvores estão a andar numa floresta encantada.”</p> <p>Captei esta fotografia porque “gosto muito da natureza e das suas texturas.” (Participante B- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante B</p>	<p>O caminho perigoso</p> <p>Nesta fotografia vejo “um caminho muito perigoso, estreito e que está a cair. Parece uma boca a engolir as pessoas. Espero que não aconteça!” Quando fotografei “senti-me mal porque as pessoas podem cair dali abaixo e partir uma perna.”</p> <p>Captei esta fotografia porque “é um sítio perigoso e queria alertar as pessoas para terem mais cuidado e para poderem arranjá-lo.” (Participante B- sessão #6)</p>

 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<p>Que lata!</p> <p>Nesta fotografia vejo “uma lata velha sem cor que alguém deixou no trilho há muito tempo. A lata está focada no centro da imagem. À volta está desfocada, mas eu gosto dela assim.” Quando fotografei “senti-me chateada com as pessoas que passam por ali e não são responsáveis com o seu lixo. É preciso terem lata!” Captei esta fotografia porque “quero chamar a atenção das pessoas para a limpeza. No trilho deviam colocar caixotes do lixo e as pessoas não deviam colocar lixo no chão.” (Participante C- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante C</p>	<p>No nosso rio há peixe ou plástico?</p> <p>Nesta fotografia vejo “canas partidas e lixo por cima do rio. As canas e os ramos fazem linhas oblíquas e achei curioso fazerem uma cruz.” Quando fotografei “senti-me muito triste ao ver o lixo por cima da água.” Captei esta fotografia porque “queria sinalizar o que está mal e que deve ser limpo.” (Participante C- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<p>Bagas venenosas</p> <p>Nesta fotografia vejo “bagas e folhas muito lindas e atrás folhas velhas e podres, todas com tons diferentes e formatos diferentes. (...) outras mais escuras por causa do tom da luz e... tentei desfocar. Tentei que o que está atrás não se perceba para só a imagem que eu queria destacar mais ficasse à mostra.” Quando fotografei “senti-me bem. Fomos lá por causa da natureza. É muito gira. Gosto muito das bagas, da forma que elas crescem. A natureza faz coisas muito giras. Consegui apanhar 3 três bagas um bocadinho para o lado direito da fotografia.” Captei esta fotografia porque “é uma forma linda de apresentar a natureza, com cores lindíssimas. A natureza dá-nos uma parte da vida com coisas lindíssimas, maravilhosas e perfeitas.” (Participante D- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante D</p>	<p>O buraco misterioso</p> <p>Nesta fotografia vejo “um buraco que parece a cara de alguém. As ervas compridas parecem os cabelos sobre a cara. Onde está a boca e os olhos?” Quando fotografei senti “que seria uma coisa interessante porque podia ser muita coisa. É um buraco misterioso.”; “Não gosto desse buraco porque, se calhar, ou foi o Homem ou foi a natureza que fez e, num instante, alguém pode enfiar lá o pé. (...) Quase nem se repara que está lá porque as folhas estão espalhadas no chão.” Captei esta fotografia porque “este buraco deve estar protegido. Pode ser a toca de um animal muito pequeno. (...) É preciso uma sinalização a dizer: Toca, preservar! Se calhar podíamos explorar aquele buraco para sabermos o que é.” (Participante D- sessão #6)</p>

 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<p>Flores no trilho</p> <p>Nesta fotografia vejo “flores brancas e bem tratadas que dão melhor aspeto à paisagem e tornam tudo mais bonito.” Quando fotografei “senti-me feliz porque o branco faz-me lembrar a paz. Senti que é difícil focar as plantas de perto.” Captei esta fotografia porque “as flores não estão murchas e queria experimentar fotografar plantas ao perto.” (Participante E- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante E</p>	<p>O trilho de lama</p> <p>Nesta fotografia vejo “um caminho de lama e uma ponte estragada ao fundo do lado direito.” Quando fotografei “senti-me triste porque o trilho está danificado e qualquer pessoa pode escorregar.” Captei esta fotografia porque “queria mostrar o que está mal. É mesmo preciso colocar aqui um passadiço para tornar este caminho mais seguro. Nesta fotografia tive que me afastar para conseguir captar o caminho com lama e a ponte perigosa do lado direito.” (Participante E- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<p>A ponte insegura</p> <p>Nesta fotografia vejo “uma ponte estragada e insegura”. Quando fotografei “senti-me mal pois todas as pessoas queriam passar lá e algumas não conseguem.” Captei esta fotografia porque “acho que deve ser mostrado às pessoas para verem o que lá está.” (Participante F- sessão #6)</p>
 <p>Fotografia captada - participante F</p>	<p>A árvore vaidosa</p> <p>Nesta fotografia vejo “o azevinho à volta da árvore e estão muitas folhas e plantas à volta.”; “O azevinho parece um colar. É uma árvore vaidosa.” Quando fotografei “senti-me bem.” Captei esta fotografia porque “queria mostrar que a árvore e as bagas são bonitas e não as podemos estragar.” (Participante F- sessão #6)</p>

Quadro nº 17 - Fotografias e respetivas legendas para a exposição final

ANEXO 38 - ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS CAPTADAS NO DESAFIO 5

Referentes		Participantes						Total
		A	B	C	D	E	F	
O que vês?	Elementos naturais				2	1		3
	Património construído	2	2	1				5
	Estrutura						2	2
	Figura humana					1		1
	Intervenção			1				1
O que sentiste?	Feliz		1	1	1	2	2	7
	Triste			1				1
	Criativo				1			1
	Saudades	1						1
	Orgulhoso		1					1
Porque capaste esta fotografia?	Recordação	1			1	1		3
	Símbolo		1	1			2	4
	Comunicar			1		1		2
	Expressar beleza	1	1		1			3
	Desejo de intervir			1				1

Quadro nº 18 - Análise das fotografias captadas no centro da vila, Desafio 5

ANEXO 39 - RESPOSTAS À PERGUNTA: O QUE É PARA TI A FOTOGRAFIA? - SESSÃO #1

Respostas dos participantes à pergunta O que é para ti a Fotografia?	Produto	Função
“Um papel onde está muita informação importante.” (A)	x	
“É para captar momentos únicos e engraçados.” (B)		x
“É tirarmos para recordar momentos ou viagens que tivemos.” (C)		x
“É uma coisa gira e que nos deixa lembrar coisas.” (D)	x	
“É algo que se faz para recordar alguns momentos em família ou em amigos.” (E)		x
“Para mim a fotografia é imagens antigas.” (F)	x	

Quadro nº 19 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? - Sessão #1

ANEXO 40 - RESPOSTAS À PERGUNTA: O QUE É PARA TI A FOTOGRAFIA? – SESSÃO #7

Respostas dos participantes à pergunta O que é para ti a Fotografia?	Produto	Função
“É um papel pequeno mas que significa muito.” (A)	x	
“É um meio de comunicação com outras pessoas. Pode-se conhecer vários sítios através dela. Com as fotografias podemos alertar e informar o que está mal, o que eu não gosto e depois mostrar para as pessoas arranjar[em].” (B)		x
“A fotografia para mim é sinalizar e para comunicar o que está mal no mundo ou para lembrar pessoas ou animais quando eles já cá não estão.” (C)		x
“É uma emoção e dá para mostrar o que gostamos e o que está mal.” (D)		x
“É uma forma de dar a conhecer sítios da minha terra às pessoas. As fotografias não são só para recordar coisas, também servem para alertar as pessoas do que é preciso melhorar.” (E)		x
“Para mim a fotografia é uma maneira de comunicar com imagens. Com as fotografias podemos alertar as pessoas do que está mal.” (F)		x

Quadro nº 20 - Respostas à pergunta: O que é para ti a Fotografia? – Sessão #7

ANEXO 41 - FOTOGRAFIAS DA EXPOSIÇÃO “ANDA CÁ VER A AMAZÓNIA AQUI AO PÉ”



Figura nº 54 - Visita da comunidade à exposição “Anda cá ver a Amazônia aqui ao pé”

## ANEXO 42 - COMENTÁRIOS ESCRITOS NO LIVRO DE HONRA

### Observação Crítica

*“Muito importante juntar arte à conscientização de problemas sociais. Cuidar do ambiente é sempre boa ideia” (visitante 1)*

*“Parabéns pelo vosso trabalho, gostei das escolhas e da interpretação que deram a cada uma das fotos. Muito bom.” (visitante 2)*

*“Vê-se que as crianças comunicam pela fotografia aquilo que as preocupa.” (visitante 3)*

*“As fotografias estão mesmo giras. E mostra bem a natureza e as coisas precisam de ser arranjadas” (visitante 4)*

### Experiência significativa

*“Projeto interessante, tirar os miúdos do “normal” é sempre cativante...” (visitante 5)*

*“Uma iniciativa que cativou as crianças e que apresentou resultados bastante surpreendentes.” (visitante 6)*

*“Foi uma experiência fantástica, envolveu lobitos e exploradores que fizeram desta exposição um sucesso... Experiência a repetir!” (visitante 7)*

*“Muitos parabéns pela excelente experiência.” (visitante 8)*

*“ Pude constatar, ao longo das diversas sessões, o entusiasmo e o envolvimento dos membros...estas experiências são magníficas e enriquecedoras!” (visitante 9)*

### Intervenção

*“Seria bom que as pessoas ao verem a exposição mudassem de atitude.” (visitante 10)*

*“Projeto importante para sensibilizar as crianças e jovens do impacto negativo que podemos ter na Natureza. Espero que haja uma 2ª edição.” (visitante 11)*

*“O conceito está muito bem conseguido. É claro os problemas existentes no nosso ecossistema e por outro lado satisfatório saber que através da fotografia podemos sensibilizar esta geração para a tomada de atitudes diferentes às anteriores de forma a que possam deixar o mundo um pouco melhor. (visitante 12)*

*“Estes trabalhos fotográficos dos escuteiros estão muito interessantes e conseguem comunicar que os nossos espaços verdes precisam de cada vez mais de intervenção, para deixar a nossa terra e o mundo um pouco melhor... Vamos alertar a população, Vamos agir o quanto antes!” (visitante 13)*

*“Resta à comunidade intervir e ajudá-las a crescer como cidadãs participativas e empenhadas em proteger a natureza e o mundo que as rodeia.” (visitante 14)*

*“Interessante ver como as crianças já aprenderam a usar a fotografia para intervir na sua comunidade. Pode repetir esta iniciativa no futuro, vai dar resultados no crescimento da nossa terra.” (visitante 15)*

*“Usar a fotografia para sensibilizar a população foi uma excelente iniciativa. Esperemos que as pessoas mudem agora de atitude em relação aos espaços verdes.” (visitante 16)*

*“O grupo envolvido conseguiu transmitir, através da fotografia, diferentes emoções e formas de observar/avaliar os espaços verdes da nossa terra.” (visitante 17)*

### Comunicação

*“Este trabalho está magnífico, visto que a fotografia é um meio de comunicação social e as crianças conseguiram transmitir o bom e o menos bom dos espaços verdes da nossa terra.” (visitante 18)*

*“A fotografia pode ser uma grande forma de transmitir sentimentos e a visão de como as coisas estão.” (visitante 19)*



Figura nº 55 - Fotografia do livro de honra da exposição

### ANEXO 43 - DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO FINAL NO FACEBOOK



Figura nº 56 - Divulgação da Exposição final no Facebook

ANEXO 44 - LISTAS DE PALAVRAS PARA FALAR DE FOTOGRAFIA

Participantes/ Listas de palavras					
A	B	C	D	E	F
<b>Recordar</b>	<b>Comunicar</b>	<b>Sinalizar</b>	Recordar	Expressar	Informar
Sinalizar	ver	Comunicar	Captar	emoções	Sentir
Ver	Olhar	Relembrar	Sinalizar	Dar a	Ver
Comunicação	Mostrar	Informação	Ver	conhecer	Observar
Desenhar	Alertar	Representar	Olhar	<b>Comunicar</b>	Transmitir
com luz	Captar	Olhar	Observar	Interpretar	emoções
Olhar	informação	Emoção	<b>Emoção</b>	informação	Comunicar
Informação	Transformar	Interpretação	Comunicar	Alertar	Revelar
Transmitir	Falar	do mundo	Prazer	Indicar	Sinalizar
	Mudar	Documento	Mostrar	Sinalizar	Mostrar
	Recordação	Revelação do mundo		Captar	
				Lembrar	

Quadro nº 21 - Listas de palavras para falar de fotografia

ANEXO 45 - FREQUÊNCIA DE PALAVRAS PARA FALAR DE FOTOGRAFIA

Verbos					Nomes		
recordar	2	comunicar	5	representar	1	comunicação	1
sinalizar	5	alertar	2	observar	2	informação	2
ver	4	captar	3	expressar	1	recordação	1
desenhar	1	transformar	1	dar a conhecer	1	emoção	2
olhar	4	falar	1	interpretar	1	interpretação	1
transmitir	2	mudar	1	indicar	1	documento	1
mostrar	3	relembrar	1	lembrar	1	revelação	1
informar	1	sentir	1	revelar	1	prazer	1

Quadro nº 22 - Frequência de palavras para falar de fotografia

ANEXO 46 - RESPOSTAS À QUESTÃO “HOJE APRENDI QUE...” NO QUESTIONÁRIO “DÁ A TUA OPINIÃO SOBRE A SESSÃO DE HOJE”

Sessão	Participantes					
	A	B	C	D	E	F
#1	<i>Faltou</i>	<i>Há fotos editadas e reais.</i>	<i>Se eu fizer um cenário fica melhor.</i>	<i>É mesmo giro fotografar.</i>	<i>Tenho imaginação para tirar fotos.</i>	<i>Há fotos reais e editadas.</i>
#2	<i>Faltou</i>	<i>Tirar fotos com pontos de vista diferentes e a luz natural e artificial influenciam as fotografias.</i>	<i>A luz é essencial para uma fotografia e os pontos de vista e capta pontos de vista diferentes.</i>	<i>As máquinas são todas muito diferentes.</i>	<i>É essencial a foto ter um bom ponto de vista, cada fotógrafo tira fotos à sua maneira.</i>	<i>A luz é muito importante, cada fotógrafo capta fotografias diferentes.</i>
#3	<i>A tirar fotografias melhor</i>	<i>A fotografia ajuda-nos a observar melhor aquilo que nos rodeia e a estar com mais atenção a todos os pormenores.</i>	<i>Tirar fotografias transmite sentimentos e dá para sinalizar as coisas que estão bem e as coisas que me preocupam e que precisam de ser alteradas.</i>	<i>As fotos transmitem melhor os arranjos. Ao fotografar vi melhor o que estava à minha volta e fico mais atento e observador.</i>	<i>As fotografias servem para denunciar o que não está bem, servem para alterar e sinalizar situações. Dão informação.</i>	<i>As fotografias servem para denunciar as coisas más que podem ser melhoradas</i>
#4	<i>A conversar sobre as fotografias ficamos a conhecer-nos melhor</i>	<i>as fotografias têm sentidos diferentes para várias pessoas e que podem comunicar com as pessoas da freguesia que o trilho pode ser melhorado.</i>	<i>As nossas fotografias e opiniões são importantes.</i>	<i>É bom dar opiniões das nossas e das dos outros as fotografias e assim.</i>	<i>Cada fotografia tem um sentido diferente para cada pessoa, cada uma capta uma maneira de ver e sentir o que está à nossa volta.</i>	<i>é importante falar das fotografias para percebermos como vamos ajudar a melhorar o trilho.</i>
#5	<i>A fotografia é muito importante para intervir na minha terra.</i>	<i>Que as fotografias são um meio para comunicar com as pessoas da minha terra.</i>	<i>Faltou</i>	<i>Que as fotos ajudam-me a ser mais atento e a comunicar e a alertar as pessoas.</i>	<i>A escrever uma carta formal e a legendar algumas fotografias, as palavras completam a imagem</i>	<i>As fotografias são um meio de comunicação e ajudam a intervir mais com as pessoas.</i>
#6	<i>Que é importante mostrar que as fotografias mostram o património</i>	<i>As legendas ajudam a fotografia e a contar o que eu sinto sobre o trilho e a exposição. Esta vai alertar as pessoas para puderem melhorar o que está mal.</i>	<i>Que consigo sinalizar as pessoas com as fotografias do meu património.</i>	<i>Que as legendas são importantes.</i>	<i>Que nas exposições as fotografias têm legendas para completar a sua mensagem.</i>	<i>Faltou</i>

Quadro nº 23 - Respostas à questão “Hoje aprendi que...”, questionário final da sessão

ANEXO 47 - RESPOSTAS À QUESTÃO “GOSTEI MAIS DE...” NO QUESTIONÁRIO “DÁ A TUA OPINIÃO SOBRE A SESSÃO DE HOJE”

Sessão	Participantes					
	A	B	C	D	E	F
#1	<i>Faltou</i>	<i>Tirar fotografias para conhecer a sede de outra maneira.</i>	<i>Tirar fotografais à minha maneira.</i>	<i>Tirar fotografias e procurar coisas.</i>	<i>Tirar fotos ao que me pediram com uma máquina fotográfica a sério e de explorar coisas na sede.</i>	<i>Tirar fotos com uma máquina fotográfica verdadeira.</i>
#2	<i>Faltou</i>	<i>Captar fotografias com pontos de vista diferentes</i>	<i>Tirar fotografias à cascata e de captar a natureza (plantas, animais...)</i>	<i>Escolher as fotografias artísticas, aquelas que ficam melhor.</i>	<i>Ver e ouvir a natureza e tirar fotos para mostrar o que se pode melhorar aqui.</i>	<i>Tirar fotografias na Fonte N<sup>o</sup> Sra. da Barroquinha, para aprender a observar</i>
#3	<i>Tudo: andar na lama, subir às árvores e andar à vontade na natureza a tirar fotografias.</i>	<i>Tirar fotografias à minha maneira com diferentes pontos de vista e depois dialogar sobre as fotos.</i>	<i>Captar fotografias e ser uma observadora da natureza.</i>	<i>Conversar e de ouvir os outros a falar das minhas fotografias.</i>	<i>Observar o trilho e ver o que pode ser melhorado.</i>	<i>Captar fotografias na natureza para registar tudo o que vemos</i>
#4	<i>Tudo: conversar sobre as fotografias</i>	<i>Receber as fotografias em papel e aprender mais e de colocar as minhas fotografias na parede.</i>	<i>Conversar e de ouvir os outros a falar das fotografias para depois mostrarmos às pessoas da freguesia na exposição.</i>	<i>Falar das fotografias e de saber que aprendemos mais sobre nós. Podemos agir e alertar as pessoas da freguesia. Também gostei de fixar as fotografias.</i>	<i>Ver as fotografias que os outros tiraram e de partilhar as suas opiniões.</i>	<i>Mostrar as minhas fotografias em papel e de afixar no cartaz do nosso clube. Ficou bonito.</i>
#5	<i>Selecionar as fotografias e de fazer a carta ao presidente.</i>	<i>Preparar a exposição e de fazer a carta ao presidente da junta.</i>	<i>Faltou</i>	<i>Escolher um título para a exposição</i>	<i>Inventar títulos para a nossa exposição de fotos e selecionar as fotografias.</i>	<i>Escrever uma carta o sr. Presidente da Junta de Freguesia, Vítor Santos.</i>
#6	<i>Tirar fotografias outra vez.</i>	<i>Tirar fotografias, principalmente da macieira. Com a fotografia descobri a escultura.</i>	<i>Tirar fotografias no meu património e daquela boca de incêndio que precisa de ser arranjada.</i>	<i>Construir a minha fotografia para depois a tirar.</i>	<i>Captar fotografias do quês tá à minha volta, porque estou mais observadora para ver.</i>	<i>Faltou</i>

Quadro nº 24 - Respostas à questão “Gostei mais de...”, questionário final da sessão

ANEXO 48 - RESPOSTAS À QUESTÃO “COMO TE SENTISTE NA SESSÃO DE HOJE?” NO QUESTIONÁRIO “DÁ A TUA OPINIÃO SOBRE A SESSÃO DE HOJE”

Sessão	Participantes					
	A	B	C	D	E	F
#1	<i>Faltou</i>	<i>Alegre e observador.</i>	<i>Divertida e gostei muito de observar a minha sede com mais atenção.</i>	<i>Senti-me muito animado.</i>	<i>Alegre e divertida.</i>	<i>Feliz.</i>
#2	<i>Faltou</i>	<i>Senti-me bem, mas este espaço podia estar mais limpo, reparei hoje quando fotografava.</i>	<i>Divertida e adorei a sessão</i>	<i>Senti-me muito bem e orgulhoso das minhas fotos.</i>	<i>Alegre, inspirada e observadora.</i>	<i>Senti-me bem na natureza, é mais fácil captar com a luz natural.</i>
#3	<i>Alegre, divertido e feliz. Ainda bem que hoje vim ao clube. Foi bué da fixe.</i>	<i>Que fui um bom observador e crítico da natureza. Senti-me feliz por fazer parte deste clube. É fixe.</i>	<i>Senti que fui uma boa observadora e crítica da natureza. E adoro este clube.</i>	<i>Eu senti-me feliz e contente. Hoje aprendi muito. Ainda bem que estou neste clube.</i>	<i>Senti-me feliz e foi muito fixe andar na natureza. Sinto-me orgulhosa das minhas fotografias. Elas são importantes para comunicar.</i>	<i>Sinto-me bem, alegre e observadora para registar tudo o que estava no trilho.</i>
#4	<i>Muito bem e orgulhoso de tudo o que fiz.</i>	<i>Senti que posso ser útil e importante com as minhas fotografias</i>	<i>Senti que sou especial porque venho a este clube, porque é divertido.</i>	<i>Eu gostei e aprendi mais coisas sobre fotografias.</i>	<i>Senti-me feliz porque adorei ver as minhas fotografias em papel.</i>	<i>Senti-me bem a ouvir os outros a falar das fotografias. Não gosto muito de falar.</i>
#5	<i>Bem, alegre e feliz</i>	<i>Muito bem.</i>	<i>Faltou</i>	<i>Senti-me bem por poder dar as minhas opiniões e foi espetacular.</i>	<i>Eu senti-me feliz e muito orgulhosa por escrever ao presidente e estou contente pelas fotografias que escolhi.</i>	<i>Senti-me bem e muito confortável. Gosto muito da exposição que vamos fazer.</i>
#6	<i>Adorei esta sessão, ir à rua. Adorei o clube.</i>	<i>Bem porque tirei muitas fotografias e aprendi que as legendas ajudam as fotografias a comunicar</i>	<i>Muito feliz por captar mais fotografias na minha terra.</i>	<i>Foi muito divertido e por isso gostei.</i>	<i>Sinto-me feliz e orgulhosa das fotografias que tirei.</i>	<i>Faltou</i>

Quadro nº 25 - Respostas à questão “Como te sentiste na sessão de hoje?”

ANEXO 49 - RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO FINAL

Avaliação da sessão	Sessão #7- 18.05.2019					
	A	B	C	D	E	F
As atividades do clube foram significativas para ti?	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>	<i>Sim</i>
O que é para ti a fotografia?	<i>É um papel pequeno mas que significa muito.</i>	<i>É um meio de comunicação com outras pessoas. Pode-se conhecer vários sítios através dela. Com as fotografias podemos alertar e informar o que está mal, o que eu não gosto e depois mostrar para as pessoas arranjar.</i>	<i>A fotografia para mim é sinalizar e para comunicar o que está mal no mundo ou para lembrar pessoas ou animais quando eles já cá não estão.</i>	<i>É uma emoção e dá para mostrar o que gostamos e o que está mal.</i>	<i>É uma forma de dar a conhecer sítios da minha terra às pessoas. As fotografias não são só para recordar coisas, também servem para alertar as pessoas do que é preciso melhorar.</i>	<i>Para mim a fotografia é uma maneira de comunicar com imagens. Com as fotografias podemos alertar as pessoas do que está mal.</i>
O que aprendeste/descobriste com o Clube de Fotografia	<i>Que é fixe andar neste clube e que tirar fotografias dá a conhecer a nossa localidade.</i>	<i>Descobri que posso ser importante para a minha terra, com as minhas fotografias posso avisar e alertar as pessoas. Aprendi que é melhor captar as fotografias com mais atenção ao que estou a ver e a ser um bom observador.</i>	<i>Que as coisas lá fora, na vida real, estão mal e nós devemos ajudar o nosso mundo através da fotografia mostrando-as às pessoas.</i>	<i>Aprendi a ser um bom observador da minha terra e consigo captar as fotografias melhor.</i>	<i>Aprendi a captar fotos no sítio melhor, em posições diferentes e descobri os vários sentidos da fotografia. Aprendi a agarrar uma máquina digital e descobri que é pesada. Adorei esta oportunidade.</i>	<i>Aprendi a ser uma boa observadora. Aprendi a agarrar numa máquina fotográfica e adorei captar fotografias na minha terra.</i>
Se o Clube de Fotografia continuasse, o que sugerias para melhorar o projeto?	<i>Fazer mais saídas para a rua para tirar fotografias com novas técnicas.</i>	<i>Gostei muito e por isso não mudava nada.</i>	<i>Não respondeu.</i>	<i>Não sei porque gostei tanto do clube assim. Foi espetacular!</i>	<i>Não tenho nada para melhorar. Porque foi uma experiência espetacular.</i>	<i>Não sugeria nada, pois assim está bem.</i>

Quadro nº 26 – Respostas ao questionário final, Sessão #7

ANEXO 50 - PLANIFICAÇÕES DAS 7 SESSÕES DO PROJETO

<b>Planificação da Sessão #1</b> <b>Tema:</b> Olha à tua volta		<b>Data:</b> 23 / 02 / 2019	<b>Horário:</b> 10h-12h
<b>Local:</b> Sede do Agrupamento de Escuteiros 762 Maceira		<b>Nº Participantes:</b> 6	<b>Duração:</b> 120 min.
<b>Objetivo Geral:</b> Criar o sentido de pertença no grupo e despertar o interesse para a fotografia			
<b>Objetivos Específicos</b>	<p>Desenvolver o espírito de observação e pensamento crítico</p> <p>Refletir sobre o sentido subjetivo e expressivo que pode ter uma fotografia.</p> <p>Observar e dialogar sobre fotografias.</p> <p>Reconhecer que a fotografia pode ter várias leituras de acordo com as experiências pessoais.</p> <p>Contactar com câmeras fotográficas digitais.</p>		<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> Observação participante, Diários de bordo e Questionários individuais
<b>Atividades/ Estratégias</b>	<p>1. Fazer a animação da leitura do livro: “Posso juntar-me ao clube?”, John Kelly, (2017) (e dialogar sobre o funcionamento do Clube. Ouvindo as expectativas dos participantes sobre o clube.);</p> <p>1.1. Entregar os crachás e os diários de bordo a cada membro do clube;</p> <p>2. Preencher do questionário inicial;</p> <p>3. Observar fotografias para a apresentação;</p> <p>4. Leitura recreativa de uma imagem, ativador criativo segundo Charaf (1999):</p> <p>1ª- Descrição objetiva e detalhada da imagem (O que vês nesta fotografia?)</p> <p>2ª- Descrição afetiva e inferencial da imagem (Tipo de perguntas a fazer: O que gostas nesta fotografia? O que não gostas? O que te lembrar? O que te faz sentir?)</p> <p>5. Contactar e captar fotografias com câmeras fotográficas digitais para o Desafio1: Olha à tua volta. (Captar fotografias nos espaços da sede a partir dos elementos indicados no diário de bordo dos participantes)</p> <p>6. Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no diário de Bordo de cada participante.</p>		<b>Recursos</b> Livro Computador Projeter Gravador Câmeras Fotográficas Crachás Diário de bordo dos participantes Questionários Individuais

Quadro nº 27 – Planificação da Sessão #1

<b>Planificação da Sessão #2</b>		<b>Data: 2 / 03 / 2019</b>	<b>Horário: 10h-12h</b>
<b>Tema: O Olhar fotográfico</b>		<b>Nº Participantes: 5</b>	<b>Duração: 120 Min.</b>
<b>Local: Sede do Agrupamento e Nossa Senhora Barroquinha</b>			
<b>Objetivos Geral:</b> Compreender algumas noções de composição da imagem fotográfica/ Desenvolver a literacia visual			
<b>Objetivos Específicos</b>	Tomar consciência que a fotografia é uma representação da realidade e não um equivalente do real Reconhecer que a fotografia é um meio de expressão individual Utilizar conscientemente, na captação fotográfica dos espaços, a relação entre os objetos, a dimensão, luz/cor, pontos de vista Experienciar captar fotografias com câmara fotográfica digital Despertar o sentido de observação e espírito crítico	<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participante, diário de bordo e questionários individuais	
<b>Atividades/ Estratégias</b>	1. Observar e dialogar sobre as fotografias que foram captadas na sessão anterior e em casa. (diálogo sobre o que sentiram enquanto captaram fotografias, as dificuldades sentidas na captação fotográfica, reflexão sobre a fotografia como expressão individual para representar /captar a realidade); 2. Analisar diapositivos com fotografias para abordar algumas noções de composição da imagem (regra dos terços, enquadramento, pontos de vista, luz, cor, simetria, linhas na composição); 3. Construir uma moldura vazada para auxiliar no enquadramento das fotografias (com cartolina preta); 4. Ir, a pé, para o local da N.ª Sr.ª Barroquinha; 5. Fazer o Desafio 2 - (observar o local e captar fotografias a partir das indicações do diário de bordo dos participantes e fazer o registo escrito do que poderia ser melhorado no local) Captar fotografias para treino da fotografia: - Fotografar o mesmo objeto - uma mesa abandonada no local - (para todos os participantes) - Fotografar com diferentes pontos de vista - Fotografar o que gostam e o que não gostam na paisagem (Os participantes podem usar a moldura vazada para auxiliar no enquadramento das fotografias) 6. Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no Diário de bordo de cada participante. Atividade de recurso: Passeio Fotográfico dos 100 passos	<b>Recursos</b> Computador diapositivos Projektor  Gravador  Câmeras Fotográficas Crachás Diário de bordo dos participantes  Cartolinas pretas e cola Questionários Individuais	

Quadro nº 28 – Planificação da Sessão #2

<b>Planificação da Sessão #3</b> <b>Tema: A fotografia como meio de expressão e intervenção</b>		<b>Data: 16 / 03 / 2019</b>	<b>Horário: 10h-14h</b>
<b>Local: Sede do Agrupamento de Escuteiros e Trilho da Amazónia</b>		<b>Nº Participantes: 6</b>	<b>Duração: 240 Min.</b>
<b>Objetivos Gerais:</b> Experimentar a fotografia como meio de expressão individual e de intervenção na comunidade local			<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participante, diário de bordo e questionários individuais
<b>Objetivos Específicos</b>	Desenvolver capacidades de representação através fotografia como registo do que olha e o que sente Observar e captar fotografias com câmara fotográfica digital Desenvolver o sentido de observação e o espírito crítico Vivenciar experiências educativas, significativas e prazerosas em torno da fotografia Refletir que a fotografia enquanto meio de expressão é também uma forma de participar e de intervir na comunidade onde pertencem		
<b>Atividades/ Estratégias</b>	<p>1.Observar e dialogar sobre as fotografias que foram captadas na sessão anterior (Diálogo sobre as fotografias como expressão individual para representar /interpretar/captar a realidade, constatando que os diferentes pontos de vista influenciam a fotografia – fotos da mesa abandonada e outras);</p> <p>2.Observar fotografias de outros trilhos com passadiços</p> <p>3. Captar fotografias durante o trilho de vários elementos seguindo os Desafios 3 e 3.1 no seu diário de bordo, (os participantes devem registar as fotografias que vão tirando, tipo checklist; fazer o registo fotográfico e escrito do que poderia ser melhorado no local visitado; explorar o manuseamento dos equipamentos fotográficos. Usar a moldura vazada para auxiliar no enquadramento das fotografias)</p> <p>5.Observar e dialogar sobre algumas das fotografias captadas hoje durante a caMinhada no trilho;</p> <p>6. Realizar a atividade Desafio 3.2, no diário de bordo (Escrever sobre o que as fotografias mostram/revelam e o que lhes faz sentir. Sugestões de melhorias a construir no local);</p> <p>7. Ouvir as indicações para o Desafio 4 - Observa e fotografa a tua comunidade. (realizar até à próxima sessão)</p> <p>8.Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no diário de Bordo de cada participante;</p> <p>Obs: A duração das atividades previstas terão em conta o ritmo de caMinhada dos participantes durante o trilho, o seu interesse e participação para fotografar, podendo ser necessário alguns acertos.</p> <p>Atividades de recurso no caso de condições climáticas adversas: Escrever narrativas a partir de duas fotografias captadas no Desafio 1; Construir um taumatrópio ou uma câmara escura com uma caixa e sapatos; observar o vídeo da música Up &amp; Up, Coldplay (uso criativo da imagem fotográfica)</p>		<b>Recursos</b> Computador Projetor Gravador Câmeras Fotográficas Crachás Diário de bordo dos participantes  Molduras vazadas Fotografias captadas Folheto do Desafio 4 Questionários Individuais

Quadro nº 29 – Planificação da Sessão #3

<b>Planificação da Sessão #4</b> <b>Tema: A fotografia e a palavra</b> <b>Local: Sede do Agrupamento de Escuteiros 762 Maceira</b>		<b>Data: 06 / 04 / 2019</b> <b>Nº Participantes: 6</b>	<b>Horário: 10h-12h</b> <b>Duração: 120 Min.</b>
<b>Objetivos Gerais:</b> Reconhecer a fotografia e a palavra enquanto instrumento de intervenção na comunidade local			<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participante, diário de bordo e questionários individuais
<b>Objetivos Específicos</b>	Observar e dialogar com o grupo sobre o que vê e sente nas fotografias captadas Selecionar das fotografias captadas pelos participantes Dar sugestões para participar e intervir na comunidade Organizar uma exposição de fotografias no painel		
<b>Atividades/ Estratégias</b>	1. Observar e dialogar sobre as fotografias que foram captadas no desafio 4 que foi para casa “Observa e fotografa a tua comunidade”. (Deve explicar o motivo/razão que o levou a captar as fotografias, qual o sentimento/mensagem que quis transmitir, onde foram capturadas as fotografias...); 2. Observar e dialogar com as fotografias (em papel fotográfico) que os participantes captaram durante o “Trilho da Amazónia”. (Para provocar a interação entre os elementos do grupo durante a observação e diálogo, colocar questões como: Porque captaram todos os participantes fotografias uma ponte? Quem é que captou uma gilbardeira? O que concluem com as fotografias uns dos outros?, A seguir, cada elemento escolhe 2 das suas fotografias com os critérios “Gosto”/ “Não Gosto”); 3. Fazer a produção textual, oral e escrita, sobre as fotografias selecionadas. (Serão colocadas as seguintes questões: O que vês nas tuas fotografias? O que sentiste ao captar as fotografias? Por que motivo captaste essa fotografia?) 4. Debater o que fazer com as fotografias captadas pelos participantes. (Dar sugestões para participar e intervir na comunidade, a partir de questões colocadas pela investigadora: Como vão usar as fotografias? Como é que as fotografias que captaram podem comunicar com as pessoas? Como é que vão mostrar as fotografias que captaram? Onde? ...) 5. Expor fotografias no painel Clube de Fotografia, na sala dos Lobitos (Cada participante escolhe e expõe duas); 6. Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no Diário de Bordo de cada participante. Atividade de recurso: Palavras para falar de Fotografia		<b>Recursos</b> Computador Projetor Crachás Câmeras Fotográficas  Fotografias captadas pelos participantes  Diário de bordo dos participantes Papel cenário Questionários Individuais

Quadro nº 30 – Planificação da Sessão #4

<b>Planificação da Sessão #5</b>		
<b>Tema:</b> A fotografia e a palavra		<b>Data:</b> 04 / 05 / 2019
<b>Local:</b> Sede do Agrupamento de Escuteiros 762 Maceira		<b>Nº Participantes:</b> 5
		<b>Horário:</b> 10h-12h
		<b>Duração:</b> 120 Min.
<b>Objetivos Gerais:</b> Reconhecer a fotografia enquanto instrumento de intervenção na comunidade local para a transformar		
<b>Objetivos Específicos</b>	<p>Observar e dialogar com o grupo sobre o que vê e sente nas fotografias captadas</p> <p>Construir relações e interações entre os elementos do grupo</p> <p>Desenvolver as competências comunicativas</p> <p>Desenvolver a formação cívica, o sentido de cidadania e de participação na comunidade</p>	<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participante, diário de bordo e questionários individuais
<b>Atividades/Estratégias</b>	<p>1. Escrever uma carta ao Presidente da Junta de Freguesia da Maceira. (a atividade será feita em conjunto para a articulação de opiniões e sugestões dos vários elementos do grupo e para a construção de relações interpessoais e interações);</p> <p>2. Selecionar duas fotografias entre aquelas que os participantes captaram durante o Desafios 3 e 3.1, no Trilho da Amazônia, para apresentar na exposição. (Tomada de decisões em grupo);</p> <p>3. Escrever as legendas das fotografias para exposição. (Os participantes podem recorrer às questões colocadas na sessão anterior: O que vês nas tuas fotografias? O que sentiste ao captar as fotografias? Porque captaste essa fotografia?);</p> <p>4. Ler as legendas para o grupo. É possível a partilha de ideias e sugestões entre os elementos do grupo na construção das legendas. Organizar a sequência e a forma de exposição das fotografias;</p> <p>5. Fazer um debate, uma chuva de ideias, para criar um título para a exposição;</p> <p>6. Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no Diário de Bordo de cada participante;</p> <p>Atividade de recurso: Fazer rimas e quadras sobre as suas fotografias.</p>	<p><b>Recursos</b></p> <p>Fotografias</p> <p>Computador</p> <p>Projeter</p> <p>Fotografias captadas pelos participantes</p> <p>Crachás</p> <p>Diário de bordo dos participantes</p> <p>Questionários Individuais</p>

Quadro nº 31 – Planificação da Sessão #5

<b>Planificação da Sessão #6</b> <b>Tema:</b> A fotografia como expressão <b>Local:</b> Sede do Agrupamento de Escuteiros 762 Maceira			<b>Data:</b> 11 / 05 / 2019 <b>Nº Participantes:</b> 5	<b>Horário:</b> 10h-12h <b>Duração:</b> 120 Min.
<b>Objetivos Gerais:</b> Montagem da exposição de fotografias				
<b>Objetivos Específicos</b>	Desenvolver a expressão escrita e visual Tomar consciência que a fotografia é uma representação da realidade e não um equivalente do real Observar e captar fotografias com câmara fotográfica digital Dar a opinião pessoal sobre as fotografias captadas Valorizar o património natural e cultural Despertar o sentido de observação e espírito crítico Vivenciar experiências educativas, significativas e prazerosas em torno da fotografia	<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participantes, diário de bordo e questionários individuais		
<b>Atividades/Estratégias</b>	1. Reescrever as legendas finais para as fotografias da exposição; 2. Completar a frase: “Para mim este clube foi...”; 3. Realizar o Desafio 5: captar elementos a caminho e no centro da freguesia da Maceira, com olhar fotográfico e liberdade expressiva; 4. Responder às perguntas: O que vês nesta fotografia? O que sentiste ao captar esta fotografia? Porque captaste esta fotografia? (logo após a captação fotográfica); 5. Refletir sobre a sessão, através de um questionário individual intitulado “Dá a tua opinião sobre a sessão de hoje”, que consta no Diário de Bordo de cada participante.	<b>Recursos</b> Fotografias captadas pelos participantes Gravador Crachás Câmeras Fotográficas Diário de bordo dos participantes Molduras vazadas Questionários Individuais		

Quadro nº 32 – Planificação da Sessão #6

<b>Planificação da Sessão #7</b> <b>Tema: A fotografia como expressão</b> <b>Local: Sede do Agrupamento de Escuteiros 762 Maceira</b>		<b>Data: 18 / 05 / 2019</b> <b>Nº Participantes: 6</b>	<b>Horário: 10h-12h</b> <b>Duração: 120 Min.</b>
<b>Objetivos Gerais:</b> Preparar e montar a exposição de fotografias			
<b>Objetivos Específicos</b>	Definir Fotografia através de palavras Vivenciar experiências educativas, significativas e aprazíveis em torno da fotografia Refletir sobre as aprendizagens e experiências vividas ao longo do clube Desenvolver a formação cívica, o sentido de cidadania e de participação na comunidade Partilhar com a comunidade as fotografias resultantes do Clube de Fotografia Desenvolver a formação cívica, o sentido de cidadania e de participação na comunidade	<b>Técnicas e instrumentos de recolha de dados a aplicar:</b> observação participante, diário de bordo e questionários individuais	
<b>Atividades/ Estratégias</b>	1. Montar a exposição de fotografias captadas pelos participantes “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé”; (a exposição integra-se evento “Rota dos Sentido ao Luar”); 2. Realizar a atividade: Palavras para falar de «Fotografia» (Cada participante faz uma lista de palavras para definir Fotografia. A seguir escolhe uma, a mais significativa, 3. Completar a frase “Para mim a fotografia é...” com a palavra escolhida para significar «fotografia»; 4. Ouvir a leitura do ofício do Sr. Presidente da Junta de Freguesia da Maceira, em resposta à carta enviada pelos participantes; 5. Preencher o questionário final (Refletir sobre as aprendizagem e descoberta feitas no Clube de Fotografia, através de um questionário individual que consta no Diário de Bordo de cada participante); Inauguração da exposição “Anda cá ver a Amazónia aqui ao pé” (19:30, com a presença dos participantes e dos seus pais e familiares, dirigentes e o Presidente da Junta de Freguesia da Maceira); Intervenção com a comunidade (23:30h, com os participantes do evento escutista Rota dos Sentidos ao Luar”.	<b>Recursos</b> Fotografias captadas pelos participantes Crachás Diário de bordo dos participantes Materiais para a exposição (pano preto, pioneses, fita cola) Questionários Individuais	

Quadro nº 33 – Planificação da Sessão #7